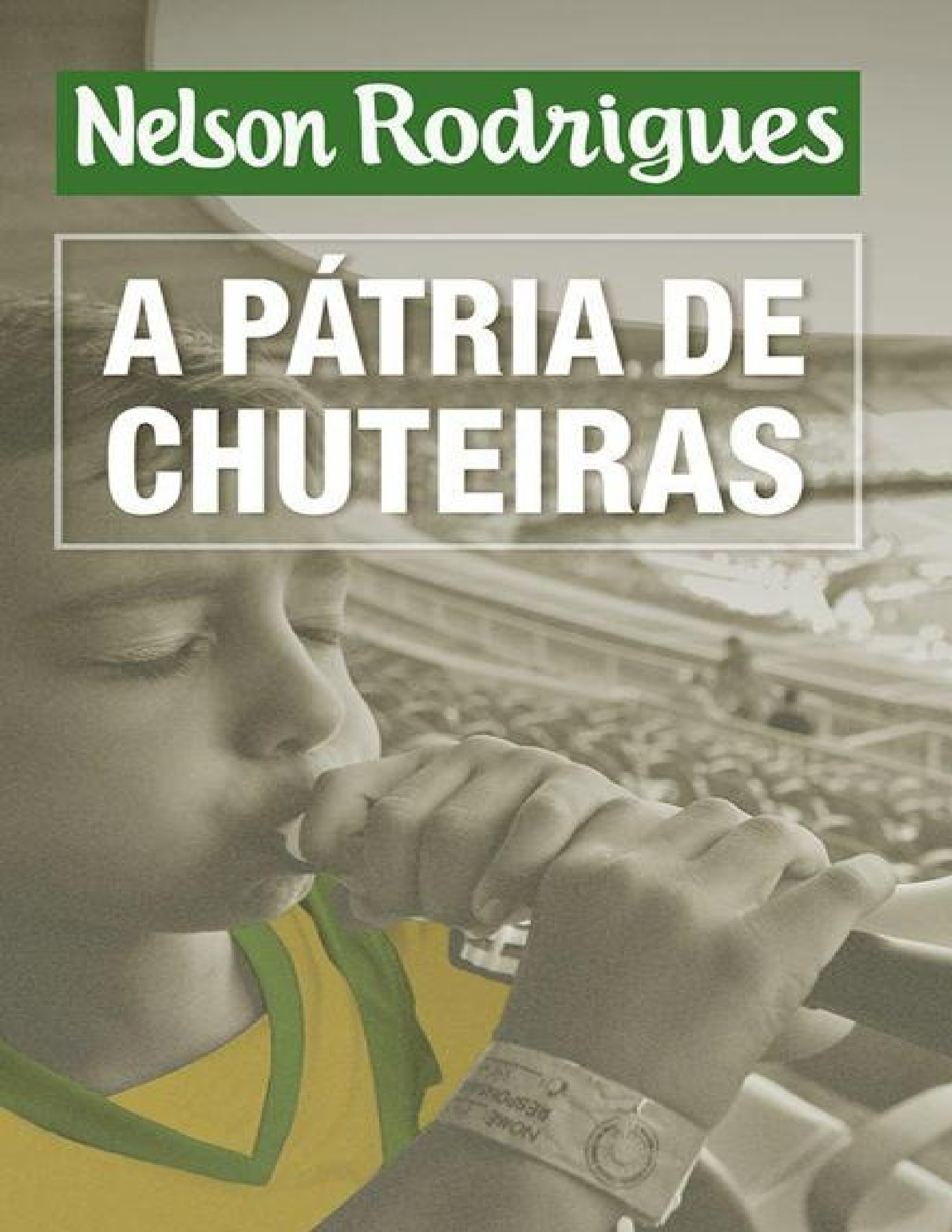
Nelson Rodrigues

A PÁTRIA DE CHUTEIRAS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.club*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Nelson Rodrigues

A PÁTRIA DE CHUTEIRAS

BNDES

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

© 2013 by Espólio de Nelson Falcão Rodrigues.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 — Bonsucesso — 21042-235
Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21)3882-8212/8313





CIP-Brasil — Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Rodrigues, Nelson
A pátria de chuteiras / Nelson Rodrigues. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.
R613p ISBN 978-85-209-3818-8

1. Crônicas. I. Título.

CDD: 869.93
CDU: 821.134.3(81)-3

Amigos, há um momento, na vida dos povos,
em que o país tem de ser anunciado,
promovido e profetizado.



Nota do editor

O que faz um clássico? O que credencia um autor a ser clássico? Muita gente pelo mundo estuda esse status que determinados autores, e as suas obras, assumem ao longo do tempo.

De uma maneira geral, e de forma bem simples, dizemos que um autor é clássico quando ele ultrapassa o seu tempo, quando a sua literatura o ultrapassa, vive mais que ele mesmo, que toda a sua geração, se comunicando com todos os homens ao longo do tempo.

Para darmos um exemplo definitivo e indiscutível, tanto em sua relevância quanto pela longevidade, por falar com mais de bilhões de leitores no mundo, vamos evocar Homero, escritor e filósofo grego que viveu no século VIII antes de Cristo e nos deixou as vivíssimas *Ilíada* e *Odisseia*: histórias e personagens que ainda falam entre si e com todos nós, de todos os cantos do planeta.

Em 2012, o Brasil todo comemorou o centenário de nascimento de Nelson Rodrigues, e só fazemos isso com grandes autores clássicos. Afinal, eles ainda estão vivos, falando conosco. Nelson Rodrigues é um autor clássico em superlativo, pois, além de falar conosco, de nos emocionar, envolver, fazer rir com seus personagens, histórias e "causos", ele nos fala de nós mesmos. Nelson Rodrigues entendeu, como poucos, o que é o Brasil, o que é ser brasileiro. Não à toa ele afirmava que a sua língua era a sua pátria, pois é por meio do seu talento literário que ele leu e nos fez ler e reler nosso país.

Nelson Rodrigues era um brasileiro feroz... ferozmente apaixonado pelo Brasil e pelo “ser brasileiro”. É de uma atemporalidade tão impressionante que, quando lemos os seus textos, achamos que ele acabou de escrevê-los. Como um grande clássico, não nos importa que ele fale por sua “máquina de escrever” e não por seu computador, ou notebook, pois nós estamos lá em essência. À máquina ou pela internet, Nelson Rodrigues está falando de nós, brasileiros, homens do mundo, homens de uma grande nação do mundo.

Como poucos, Nelson Rodrigues anunciou aos seus contemporâneos a vocação para a grandeza guardada dentro do Brasil. Como poucos, Nelson Rodrigues nos estimula, ainda hoje, à realização dessa vocação.

Nelson Rodrigues é a pátria... sempre, e ao ser sempre ele é como o futebol: o tempo passa, a bola rola e o encanto é o mesmo.

Neste livro dois grandes clássicos se encontram: Nelson Rodrigues e o futebol, juntos a nos explicar o Brasil.

Apresentação

O mestre das crônicas imortais

Aldo Rebelo, ministro do Esporte

Na crônica “O grande sol do escrete”, publicada em 1970, Nelson Rodrigues citou o poeta Rainer Maria Rilke para dizer que o “que chamamos glória é a soma de mal-entendidos em torno de um homem e de uma obra”. O dramaturgo de *Vestido de noiva*, o memorialista das *Confissões*, o cronista de *À sombra das chuteiras imortais*, e de *A pátria em chuteiras*, morto em 1980, parecia antecipar o próprio epitáfio. Viveu, morreu e passou à posteridade calcinado por adesões e rejeições. A posteridade é o cenário perfeito para que os desafetos reavaliem a obra rodriguiana sem ressentimento retroativo — desde os que o achavam *tarado* e proibiam suas peças, aos que se melindravam com as diatribes ideológicas. Mas há, grosso modo, um terceiro grupo que o fantasma de Nelson Rodrigues continua a assombrar: o dos que não acreditam no Brasil. A estes é endereçada esta seleção de crônicas.

A biografia *O anjo pornográfico*, publicada por Ruy Castro em 1992, já exibira à exaustão a personalidade multifacetada e a obra inovadora de Nelson Rodrigues, mas a reedição sucessiva de seus textos, por ocasião de seu centenário de nascimento em agosto de 2012, e a transplantação de suas análises, reflexões e chistes para a atualidade, também nos propiciam a conclusão, no

âmbito desta antologia, de que a fugacidade peculiar à crônica de jornal se transmuta em perenidade. O cronista esportivo permanece atual, vibrante, inovador como o futebol de sua paixão. Para uma fatia de seus críticos, Nelson, longe de atingir a unanimidade que chamou de burra, acomodou-se na condição mínima de *aceito*, seja em sua dramaturgia antes estigmatizada de *maldita*, seja no caleidoscópio político em que filtrou, com conservadorismo ("sou o único reacionário do Brasil!") e sagacidade ("o Brasil é muito impopular no Brasil"), uma visão generosa de seu país.

A exemplo de outros grandes homens que cederam a sereias autoritárias e depois mudaram a rota do barco ideológico, como Dom Hélder Câmara, Santiago Dantas e Gilberto Freyre, Nelson deu sinais de que estava a caminho de mudar a biografia. Como Freyre, que chegou a apoiar o movimento de eleições democráticas Diretas Já, pouco antes de morrer, em 1987, Nelson se arriscou em campo inimigo ao defender, em 1978, a anistia — ampla, geral e irrestrita — que beneficiaria seu filho Nelsinho, condenado a 72 anos de prisão sob a acusação de integrar uma organização de esquerda. Venerado pelo governo militar (chegou a ser amigo do general Garrastazu Médici), Nelson acreditava piamente que não havia tortura no Brasil, até ser informado pelo filho de que o pau de arara era uma invenção tão brasileira quanto a folha-seca de Didi.

A obra de Nelson Rodrigues é uma cornucópia de onde diferentes correntes podem divisar a grande aventura humana sem apequená-la em breviários. Do ponto de vista nacionalista, valorizou a língua portuguesa, introduziu o coloquialismo literário em peças cujas personagens eram visíveis no subúrbio carioca e não nos salões da elite europeia. Em vez de nobres empoados, subiam ao palco funcionários públicos, escriturários, donas de casa e até jogadores de futebol. Em tudo que escreveu entornou amor ao país.

A bagagem do dramaturgo da vida como ela é e do cronista das chuteiras imortais continha as obras de Euclides da Cunha e Gilberto Freyre, dois intérpretes que fizeram o brasileiro deixar de arranhar o litoral como caranguejos, na expressão de frei Vicente do Salvador, e olhar para as entranhas da identidade nacional. A leitura de suas crônicas esportivas é um passeio deleitoso não só pelo estilo coloquial como pela fina capacidade de compreensão da aventura humana e sua organização social que distingue os escritores.

Nelson observava o esporte além do horizonte limitado de um jogo. Uma partida da seleção era uma cruzada épica. Os jogadores, argonautas em busca da conquista do velocino de ouro, ou seja, a Taça Jules Rimet. Apreciava o talento, a técnica, mas ponderava que o futebol não é um jogo gentil, e a Copa do Mundo, "uma guerra de foice no escuro", e daí repudiava a "humildade" que muitos pregavam para a seleção. Repetia que ninguém era mais violento que os aristocráticos jogadores ingleses, e, sem meias palavras, mostrava compreensão quando um ofendido reagia ao pontapé com outro ainda maior. Divisava o vaivém de homens concretos, movidos a virtudes e deformidades, encenando a vida em forma de futebol num campo verde. Sabia avaliar um caráter, exaltar uma qualidade, e por isso era pródigo em alcunhas, tipos e comparações. Se, como ainda hoje, seus colegas perdiam-se em discussões bizantinas acerca da inteligência e o infantilismo de Garrincha, o olho e a pena do escritor eram certeiros em observar e imprimir argúcias deste naipe: "Todos nós dependemos do raciocínio. Não atravessamos a rua, ou chupamos um Chicabon, sem todo um lento e intrincado processo mental. Ao passo que Garrincha nunca precisou pensar. Garrincha não pensa. Tudo nele se resolve pelo instinto, pelo jato puro e irresistível do instinto."

Tomando o futebol como metáfora da sociedade nacional, esforçou-se para superar o "complexo de vira-latas" instalado no subconsciente do torcedor após as Copas de 1950 e 1954. Persistia a convicção de que o jogador brasileiro era covarde, tremia diante do estrangeiro. O cronista combateu a ofensiva derrotista como um zagueiro zeloso. Uma de suas cruzadas foi contra os "entendidos" — seus colegas da crônica esportiva, "Narcisos às avessas, que cospem na própria imagem". Não importava que o "entendido" fosse ninguém menos que Leônidas da Silva, o Diamante Negro, inventor da bicicleta, um dos maiores centroavantes da história, comentarista de rádio na Copa de 1958. Nelson o arrasava quando Leônidas jorrava bobagens como sugerir que Pelé fosse barrado. Por incrível que pareça hoje, o Rei debutante não era unanimidade em 1958, mas Nelson fez campanha para que fosse à Suécia, mesmo machucado, por vislumbrar no jovem gênio da bola "plenitude de confiança, de certeza, de otimismo", e escandalizava os moderados ao dizer que a maior virtude de Pelé era "a imodéstia absoluta.

Põe-se por cima de tudo e de todos". E é nesse altiplano que na crônica esportiva do Brasil eleva-se a genialidade de Nelson Rodrigues.

Brasília, setembro de 2013

Mensagem do BNDES

Mais do que um jogo, o futebol é um dos principais símbolos da cultura brasileira. Os dribles extrapolam o campo e povoam a televisão, o rádio, os jornais, a literatura, as conversas de fim de expediente e os sonhos de milhões de crianças e adultos. Nelson Rodrigues soube captar bem esse aspecto do esporte em suas crônicas, revelando como ele se confunde com a identidade e a alma do brasileiro.

Por detrás das reflexões esportivas recheadas por narrativas dramáticas e curiosos arroubos sociológicos, identifica-se nas crônicas deste livro uma profunda crença no brasileiro, que é, para Nelson, um vencedor a despeito de todas as dificuldades enfrentadas dentro de campo – como os cruéis pontapés dos adversários – ou fora dele – exemplificadas pelo sofrimento dos humildes trabalhadores transportados em paus de arara.

Publicados entre as décadas de 1950 e 1970, os textos aqui reunidos mostram um indisfarçável otimismo em relação ao brasileiro e a seu futuro, respaldado pelas conquistas da Copa da Suécia, em 1958, e do Chile, em 1962, mas também por triunfos em outros campos, como o do filme *O pagador de promessas* no festival de Cannes, em 1962. O momento é marcado também pelo processo de industrialização brasileiro e pela expansão da economia nacional, favorecidos pela criação do então BNDE em 1952 – que cerca de 30 anos depois viria a se tornar BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social).

Desde então, o Brasil mudou bastante, tornando-se um país mais moderno e urbano, e o BNDES com ele. A economia nacional passou por distintos momentos, e o Banco passou a atuar nos mais diferentes setores, apoiando projetos ligados a setores como indústria, infraestrutura, agronegócio, comércio e serviços, inclusão social, meio ambiente e cultura, entre outros.

Sempre conectado ao momento histórico do país, o BNDES está empenhado atualmente na preparação para os grandes eventos esportivos dos próximos anos: a Copa do Mundo em 2014 e as Olimpíadas do Rio em 2016. Por isso, vem financiando a construção e a modernização dos estádios que receberão os jogos da Copa, as obras de infraestrutura urbana das cidades-sede e a expansão dos serviços de hotelaria e turismo necessários para acolher os nossos futuros visitantes.

O patrocínio do BNDES à publicação destas crônicas evidencia a perspectiva da instituição em relação ao desenvolvimento, que busca associar as dimensões econômica, social e regional. A iniciativa dissemina, sobretudo entre os jovens, a produção de um dos mais importantes autores e cronistas da sociedade brasileira do século XX, estimulando a leitura e a reflexão sobre a identidade nacional. Trata-se, portanto, de uma relevante contribuição para democratização do acesso à cultura e, consequentemente, para o desenvolvimento do país no longo prazo. Fazendo isso, também reafirmamos nossa crença no povo brasileiro.

BNDES

Sumário

Coices e relinchos triunfais
O escrete é nosso!
Clube não é boteco
A piada imortal
O Brasil desencadeado
O homem formidável do Brasil
Pra que essa gana destrutiva e bestial?
Narciso às avessas
Pelé, colega de Miguel Ângelo, Homero e Dante
Garrincha, passarinho apedrejado
O escrete de loucos
Jogador escalado pelo óbvio
O escrete precisa de amor
A cara da derrota
Utopia fatal
Os “entendidos” rosnam de frustração
Tomar ou não tomar o Chicabon?, eis a questão
O grande sol do escrete
Almir, nosso Pelé branco
Coutinho não é nome de jogador de futebol!
O tempo e a eternidade
A memória é uma vigarista
Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética
A Rússia e os Estados Unidos começaram a ser o passado
A realeza de Pelé
É chato ser brasileiro!
Matar ou morrer

Guerra suja, tão suja
O belo milagre das vaias
Momentos de eternidade
O “entendido”, salvo pelo ridículo
O mais belo futebol da Terra
Dragões de espora e penacho
João sem medo
Um gesto de amor
A Copa do apito
O time nacional tem que se achar o melhor do mundo
Tristíssimo Brasil
A força da burrice
Futebol é paixão
Notas

Ponham um inglês na Lua. E na árida paisagem lunar, ele continuará mais inglês do que nunca. Sua primeira providência será anexar a própria Lua ao Império Britânico.

Coices e relinchos triunfais[1]

Amigos, o meu personagem da semana é o cronista patrício que foi a Inglaterra. Pois bem: — saiu daqui bípede e voltou quadrúpede. Desembarcou no Galeão soltando, em todas as direções, os seus coices triunfais. Por aí se vê que o subdesenvolvido não pode viajar, e repito: — não pode nem ultrapassar o Méier. A partir de Vigário Geral, baixa, em nós, uma súbita e incontrolável burrice.

Não há, nas palavras acima, nenhuma piada. Faço uma casta e singela constatação. Ponham um inglês na Lua. E na árida paisagem lunar, ele continuará mais inglês do que nunca. Sua primeira providência será anexar a própria Lua ao Império Britânico. Mas o subdesenvolvido faz um imperialismo às avessas. Vai ao estrangeiro e, em vez de conquistá-lo, ele se entrega e se declara colônia.

É o que está acontecendo nas nossas barbas estarrecidas. O cronista que foi à Inglaterra (salvo raríssimas exceções) quer apenas isto: — fazer do futebol

brasileiro uma miserável colônia do futebol inglês. Insisto no problema da viagem. O brasileiro que vai a Vigário Geral volta com sotaque, mas pergunto aos paralelepípedos de Boca do Mato: — tínhamos alguma coisa que aprender com o inglês?

Sim. Tínhamos. Por exemplo: — aprendemos como ganhar no apito. E, realmente, fomos caçados com a conivência deslavada dos juízes, dos juízes que a Inglaterra manipulava. Aí está o *Canal 100*.[2] É o cinema, com uma ampliação miguelangesca, mostrando o nosso massacre. Nada descreve e nada se compara ao cinismo com que se exterminou Pelé. Tal cinismo foi, talvez, a maior lição que recebemos da Copa.

A melhor lição e não a única. Aprendemos também que um império se faz pulando o muro e saqueando o vizinho. E só uma coisa não precisávamos aprender: — futebol. Vocês viram a sorte do escrete russo no Brasil. É uma das melhores equipes do mundo. Só não foi finalista, no lugar da Alemanha, porque jogou a semifinal com nove elementos. E, aqui, a Rússia perdeu até em Maringá.

Mas há pior: — o mesmíssimo escrete russo tomou um banho de bola e de gols, sabem onde? Em Moscou. Aqui, o escrete inglês levou uma de cinco. Vejam bem: — de cinco. E só concedemos ao adversário um único e compassivo gol. Pois bem. Vai o cronista à Inglaterra e lá tem todo o comportamento do subdesenvolvido, de várias encarnações. O futebol inglês, ou alemão, ou russo é de uma clara, taxativa, ululante mediocridade.

Trata-se de um retrocesso evidentíssimo. A grossura, a truculência, a deslealdade ou, numa palavra, o coice nunca foi moderno. É um futebol que se devia jogar de quatro, aos relinchos, aos mugidos; e que também se devia assistir de quatro, com os mesmos relinchos e os mesmos mugidos. Muito bem: — e que faz o cronista? Quer que o jogador brasileiro, o melhor do mundo, também se transforme num centauro — um centauro que fosse a metade cavalo e a outra metade também.

E não sei se vocês viram a página mais negra da nossa crônica. Vários colegas escalaram o escrete da Copa. Não há um único e escasso brasileiro. O leitor há de perguntar: — “Nem Pelé?” Nem Pelé. O cronista patrício está de tal forma fascinado com o futebol débil mental que varreu do mapa o divino

crioulo. Dirá alguém que Pelé só jogou contra a Bulgária e foi assassinado no jogo Brasil x Portugal.

Mas nenhum jogador europeu fez, jamais, nada que se parecesse com as jogadas de Pelé na estreia brasileira. E mesmo de maca, mesmo de rabecão, ele teria que entrar em qualquer seleção da Copa. E Gilmar? E Paulo Henrique? E Altair etc. etc. Saímos da burrice da comissão técnica e vamos cair na burrice de certa crônica. Uma conseguiu destruir o escrete, a outra quer destruir o próprio futebol brasileiro.

Graças a Deus, há duas pessoas inteligentes em nosso futebol: — o craque e o torcedor. Os dois não estão de quatro. O craque tem uma qualidade que não se deixou cretinizar pela viagem. E a torcida sabe que a finalíssima foi a festa da mediocridade chapada.

Eu quero terminar dizendo: — quando, após a partida anteontem, o capitão inglês ergueu as mãos ambas a Jules Rimet, o urubu de Edgard Allan Poe declarava aos jornalistas credenciados: — “Nunca mais, nunca mais!” E, de fato, como as outras Copas vão ser disputadas em terreno neutro, nunca mais a Inglaterra vai conseguir impor o seu futebol sem imaginação, sem arte, sem originalidade. E o cronista que foi nos dois pés e voltou de quatro que se cuide. O mesmo urubu de Edgard Poe diria que não se levantará nunca mais, nunca mais, nunca mais.

O Globo, 1/8/1966

Foi preciso que jornais alemães, franceses, húngaros, tchecos, ingleses berrassem para nós: — “Vocês são os maiores.”

O escrete é nosso!

Neste momento, o mundo todo está de olho no fabuloso escrete brasileiro. A toda hora e em toda a parte, há quem chegue e rosne ao nosso ouvido: — “Ofereceram tanto por fulano, tanto por cicrano, tanto por beltrano!” São os grandes clubes de fora, da Espanha, da Itália, da França, de não sei onde que acenam os seus milhões para os campeões do mundo. Mazzola já foi pescado. E há ofertas nababescas para Pelé, Vavá, Didi, Garrincha, etc. etc.

E observa-se, então, o seguinte: — os clubes dos campeões, que deviam estar alarmados, não estão alarmados coisa nenhuma. Pelo contrário: — do lábio pende-lhes a baba elástica e bovina da cobiça. Não vejo nenhum clube disposto a lutar pela preservação de um Vavá, de um Pelé, de um Didi, de um Zito, de um Nilton Santos. Todos estão com água na boca e aflitos para embolsar os milhões dos passes. Ninguém se lembra de uma verdade tão transparente e tão óbvia: — os campeões do mundo deviam ser incompráveis.

O jornalista Mário Filho, com sua implacável lucidez, viu, melhor e antes do que ninguém, o grande problema do momento. Em suma: — ele faz um

apelo no sentido de que se defenda, aqui, com unhas e dentes, a integridade do maior escrete que olhos mortais já contemplaram. E, de fato, amigos. O futebol brasileiro praticará um suicídio se permitir, por uma questão de cifras, que se desintegre a equipe que deslumbrou o mundo. Objetará alguém que é um negócio para qualquer clube vender um Vavá, ou um Garrincha, ou um Didi por uma quantia tremenda.

Ilusão! Um Garrincha, um Didi ou Vavá não tem preço. E se assim acontece com os craques individualmente, que dizer do escrete? Ora, a equipe que levantou a Taça Jules Rimet em 58 não é um conjunto qualquer. É um quadro que, segundo o testemunho dos críticos europeus, alcançou o nível mais alto do futebol, em qualquer tempo. Vejam bem: — não somos nós, jornalistas brasileiros, que escrevemos isso. Não. Os jornalistas brasileiros não queriam admitir que o Brasil tivesse o maior futebol do mundo. Vivíamos a admirar os húngaros, os ingleses, os tchecos, os russos. E só não admirávamos os gênios locais, que, todos os domingos, esfregavam a sua classe na nossa cara.

Foi preciso que jornais alemães, franceses, húngaros, tchecos, ingleses berrassem para nós: — "Vocês são os maiores." Então, a nossa imprensa começa a admitir, embora o medo, embora relutante, que não somos tão pernas de pau. Mas como eu ia perguntando: — será o futebol brasileiro tão suicida ou, pior do que isso, tão idiota que desista do seu escrete por causa de uma meia dúzia de patacas? Amigos, nenhum país tem o direito de renunciar a um escrete como este.

Os clubes poderão usar o argumento de um lucro certo e imenso. Ao que eu respondi: — lucro apenas aparentemente, falso lucro. A venda de um campeão do mundo, qualquer que seja o seu preço, implica num prejuízo real e irrecuperável. E se os nossos clubes fossem menos obtusos, já teriam percebido que deviam chutar os milhões que o mundo oferecer pelos nossos supercraques. Mário Filho tem uma razão total: — cumpre ao futebol brasileiro não desistir do seu escrete. Permitir a dissolução da equipe não será um crime, porque é, antes de tudo, um suicídio.

Um Garrincha, ou Didi, ou Vavá ou qualquer campeão do mundo devia ser amarrado, solidamente, num pé de mesa, para que ninguém o arrancasse daqui.

Jornal dos Sports, 6/7/1958

Por outro lado, convém aceitar esta verdade recente — o campeão não é apenas um jogador de futebol. É um herói: nenhum clube, nenhum povo tem o direito de vender seus heróis.

Clube não é boteco[3]

Leio os jornais e observo o seguinte: — uma tendência universal para achar que os campeões do mundo devem aceitar, sim, o próprio leilão. É a filosofia do toma lá da cá, da oferta maior, do lance mais alto. Se oferecem tanto a Vavá e tanto ao clube, o negócio deve ser fechado brutalmente e com a solidariedade e o estímulo da imprensa, do rádio e da televisão. Do contrário, argumenta a maioria dos meus confrades, seria prejudicar o craque e o clube.

É, como se vê, um raciocínio monstruoso, que coloca o problema em termos estritamente mercenários. Ora, as profissões e as pessoas dependem ou, antes, dependem sobretudo de valores gratuitos. Procurarei esclarecer: — a vergonha de uma senhora honesta. É um bem material, negociável, a vergonha de uma senhora honesta? Não, evidentemente. E, no entanto, por esse valor gratuito, ela estará disposta a morrer e matar. E assim o seu marido e os seus filhos. Não ocorreria a ninguém aconselhar a uma mulher casada que aceite uma boa oferta, em dinheiro, do primeiro pilantra. Ela estaria disposta a vender as joias, os

talheres, as cadeiras, os lençóis, o diabo a quatro. Menos os seus valores incomerciáveis.

Objetará alguém que eu estou misturando alhos com bugalhos. Nem tanto, amigos, nem tanto. Qualquer profissão há de ter um sentido ético que a justifique e valorize. O futebol profissional exige dinheiro, mas não só dinheiro. Ele implica algo mais, ou seja: implica os tais valores gratuitos que conferem a um jogo, a uma pelada uma dimensão especialíssima. Um *match* representa algo mais que pontapés. Participam da luta dois clubes e todos os seus bens morais, afetivos, líricos, históricos. No Vasco, o mais importante é um valor gratuito: — a tradição.

Nunca um clube espanhol teria a desfaçatez de querer comprar a tradição vascaína. E por quê? Por causa de um puro e simples problema de vergonha. Do mesmo modo, nenhum clube se lembraria de vender um presidente, embora o presidente seja uma figura infinitamente menos essencial que um campeão do mundo. Eis o ponto nevrálgico da questão: — clube não é boteco para vender tudo. Ele possui coisas que não venderia nem por todo o ouro da Terra.

Dirá alguém que um campeão do mundo é um jogador como outro qualquer. Mentira. Por exemplo — o caso de Vavá. O Vasco está vendendo errado Vavá, está vendendo errado o Vavá do ano passado, o pré-Vavá, o Vavá anterior à Taça Jules Rimet. E há um profundo e irredutível abismo entre um e outro Vavás. São duas pessoas que não se conhecem, não se competem, nem se cumprimentam. O Vavá antigo não tinha a autoridade que conquistou, brava e furiosamente, na Suécia. Era desconsiderado pelos companheiros. Agora, não. Agora pode gritar em campo, pode vociferar e até a bola há de correr atrás dele, como uma cadelinha puxa-saco. E parece que o Vasco ainda não percebeu que tem, em casa, um Vavá, sim, mas transfigurado pelo Campeonato do Mundo.

Daí o equívoco grotesco: — o clube de São Januário trata Vavá como se este fosse o antigo, e não o atual Vavá. Eis a verdade: — os nossos clubes ainda não se acostumaram a ser campeões do mundo. Ainda não reajustaram os seus critérios. Mas eis onde eu queria chegar: — um Vavá, ou Orlando, ou Bellini pertence a esta categoria de valores que não se vende. Sua presença no Vasco é uma glória intransmissível. Poderão vociferar: — “E os milhões?” Eu continuarei argumentando que nós só vivemos e só morremos por valores gratuitos.

Há ainda um aspecto, que vem a ser o interesse do jogador. Acho também improcedente o raciocínio que se usa em relação a Vavá. Ninguém vive só de milhões materiais. E os milhões subjetivos? Só a língua da terra vale um milhão bem-contado. Vão tirar de Vavá o seu idioma e quem pagará por isso? As piadas, os palavrões, em outra língua, que graça podem ter? Alguém insistirá no argumento dos milhões. Não importa. Aqui, Vavá está feliz e realizado como um peixinho no seu aquário. Por outro lado, convém aceitar esta verdade recente — o campeão não é apenas um jogador de futebol. É um herói: nenhum clube, nenhum povo tem o direito de vender seus heróis. Nem o herói tem o direito de vender a si mesmo. Amigos, no dia em que deixarmos de prezar os valores gratuitos, vamos cair todos de quatro, todos.

Jornal dos Sports, 26/7/1958

Já descobrimos o Brasil e não todo o Brasil. Ainda há muito Brasil para descobrir. Não há de ser num relance, num vago e distraído olhar, que vamos sentir todo o Brasil. Este país é uma descoberta contínua e deslumbrante.

A piada imortal[4]

Amigos, eu ando falando muito do Brasil. E muita gente já rosna, com tédio e irritação: — "Você está descobrindo o Brasil?" É exato. Estou, sim, estou descobrindo o Brasil. Eis que, de repente, cada um de nós, cada um dos setenta milhões de brasileiros passa a ser um Pedro Álvares Cabral.

Já descobrimos o Brasil e não todo o Brasil. Ainda há muito Brasil para descobrir. Não há de ser num relance, num vago e distraído olhar, que vamos sentir todo o Brasil. Este país é uma descoberta contínua e deslumbrante. E justiça se faça ao escrete: — é ele que está promovendo, quem está anunciando o Brasil.

A princípio, o sujeito pode pensar que o escrete revelou o Brasil para o mundo. Isso também. Todavia, o mais importante e o mais patético é a descoberta do Brasil para os próprios brasileiros. Pergunto: — o que sabemos

nós do Brasil? Pouco ou, mesmo, nada. A partir de 58, o Brasil começou a aparecer aos nossos olhos.

Digo mais: — foi o escrete que ensinou o brasileiro a conhecer-se a si mesmo. Tínhamos uma informação falsa a nosso respeito. Sempre me lembro de um amigo meu que era um bem, um símbolo nacional. Exuberante como um italiano de Hollywood, um italiano de anedota, o sujeito tinha o gosto do berro e do gesto largo. Se via um vago conhecido, ele abria os braços até o teto e se arremessava com a efusão de um amigo de infância. Tipo gozadíssimo. E o Fulano costumava dizer, aos uivos: — "Eu sou um quadrúpede!" E para evitar dúvidas, ampliava: — "Eu sou um quadrúpede de 28 patas!"

Esta autocrítica jocunda e feroz era o que todos nós fazíamos. O sujeito, aqui, não acreditava nem nos outros, nem em si mesmo. E aquele que se nega está, ao mesmo tempo, negando a própria terra. Quando dissemos: — "Eu sou uma besta!" — estamos vendo bestas por toda parte. Não havia nenhum ufanismo no Brasil. Em absoluto. Como o meu amigo citado, cada um de nós era um Narciso às avessas, que cuspisse na própria imagem.

Em 58, o escrete ainda embarcou desconfiado. Mas já uma dúvida instalava-se em nosso espírito. O sujeito já não sabia se era ou não uma besta chapada ou, na melhor das hipóteses, uma semibesta. A campanha de 58 viria clarificar o problema. Chegamos na Suécia, ainda perplexos. Vencemos a Áustria e empatamos com a Inglaterra. Vem, finalmente, o jogo com a Rússia.

Eu vou dizer o momento exato em que se inaugurou o verdadeiro Brasil. Foi após o hino nacional brasileiro. Os jogadores ainda estavam perfilados e trêmulos. A Rússia seria uma prova crucial. Mais do que nunca dava em cada jogador o dilema: — "Ser uma besta ou não ser uma besta?" E, então, soou, naquele escrete contraído, a voz de Garrincha. Com a sua candura triunfal, dizia o Mané para o Nilton Santos: — "Aquele bandeirinha tem a cara do 'seu' Carlito!" Houve, então, o riso incoercível, total. Foi o bastante. O escrete tomou-se de uma nova e feroz potencialidade. E da piada de Garrincha partiu para a vitória.

Ali, começava o verdadeiro Brasil. Ninguém sabe, mas foi uma piada que derrotou a grande, a colossal, a imbatível Rússia. A mesma piada deu ao

brasileiro a sensação da própria grandeza. Com um quase pânico, o homem do Brasil percebeu que era genial.

Jornal dos Sports, 27/5/1962

Os lorpas, os pascácios poderão objetar que se trata de futebol, apenas o futebol. Não é só o futebol. É, sobretudo, o homem brasileiro.

O Brasil desencadeado[5]

Amigos, vocês podem acreditar: — quem não estiver sofrendo, neste momento, é um mau caráter. E por que mau-caráter? Vou explicar, calma, vou explicar. O Brasil vai jogar amanhã a partida mais dramática de toda a sua história, e eu quase diria: — como é possível não sofrer diante da formidável batalha?

O começo de qualquer partida é uma janela aberta para o infinito. Ao soar o apito inicial, todas as possibilidades passam a ser válidas. Eu falava em sofrimento. Tudo no jogo de amanhã justifica uma tensão intolerável. Há a angústia da dúvida. E há a angústia inversa da certeza. Milhões de brasileiros estão certos do bi. E, apesar disso, ou com isso mesmo, andam crispados em casa, na rua, por toda parte.

Por isso, eu vos disse que o indiferente dá, de si mesmo, do próprio caráter, uma tristíssima ideia. Indiferentes, por quê, se vai definir, dentro de 24 horas, o destino do escrete? Os lorpas, os pascácios poderão objetar que se trata de futebol, apenas o futebol. Não é só o futebol. É, sobretudo, o homem brasileiro.

Os nossos craques estão ganhando no Chile com as qualidades de coragem, inteligência, imaginação, entusiasmo, gênio do homem brasileiro.

Eis por que a batalha do escrete implica toda a nação. Até os xavantes, que põem em cima da nudez aquele casto cinto de barbante, até o xavante, dizia eu, está pessoalmente interessado no bi. Em 50, não foi apenas um time que fracassou no Maracanã. Foi o homem brasileiro, como em Canudos. Em 58, quem venceu? O Brasil. Quando Bellini apanhou o caneco de ouro, era o novo homem brasileiro que se proclamava.

Assim será amanhã, em Santiago. Em outro tempo, a luta seria mais dura e mais problemática. O homem do Brasil ainda não tinha amadurecido. Nas grandes partidas internacionais, ele entrava em campo arrasado emocionalmente. Perdia antes da derrota. Mas 58 nos libertou de todas as nossas frustrações. Os negros, os mulatos, os brancos do país surgiram numa plenitude até então desconhecida.

E, de então para cá, o brasileiro tem um destino de campeão. Vence tudo. Os nossos cavalos triunfam, lá fora, não porque sejam bons, mas porque são brasileiros. As nossas caixas de fósforos ganham nas exposições. Há coisa mais comovente do que um zebu premiado, com uma medalha pendurada na fitinha? Se os cavalos, os zebus, as caixas de fósforos estão brilhando — por que falharia o homem?

Aí é que está: — é o homem brasileiro que vai lutar amanhã, contra o tcheco, para levantar o bi. Eu acredito na vitória, ou por outra: — só acredito na vitória. Creio que, dentro de 24 horas, o escrete do Brasil oferecerá ao mundo a melhor exibição de toda a sua biografia.

Temos Garrincha. E o Mané, sozinho, com o seu gênio individual, vale por um time. Já foi consagrado a maior figura da Copa. E todo o escrete vai jogar com a flama de Garrincha. Vavá, na última partida, marcou dois gols. Está desencabulado. E terá, em campo, a ferocidade de um cossaco do Don e do Kuban. Há também Amarildo, o Possesso. O dostoievskiano andou se machucando. Mas vai aparecer, amanhã, mais possesso do que nunca. Acredito no bi, porque, repito, acredito no homem genial do Brasil.

Jornal dos Sports, 16/6/1962

Eu diria ainda que nós também “vivemos” o futebol, ao passo que o inglês, ou o tcheco, o russo apenas o joga. Há um abismo entre a seca objetividade europeia e a nossa imaginação, o nosso fervor, a nossa tensão dionísica.

O homem formidável do Brasil[6]

Amigos, vamos admitir esta verdade eterna e inapelável: — a Copa de 1962 foi mais importante do que a de 1958. Algum lorpa, algum pascácio poderá objetar que, na Suécia, houve mais facilidade. De acordo. Naquela ocasião, com efeito, o Brasil deu um passeio, um autêntico passeio. Sofremos um pouco, nos dois primeiros jogos iniciais, com a Áustria e a Inglaterra; já contra a Rússia, foi um deslumbramento total. Garrincha entrou e o Mané deu novo *élan* ao quadro, libertou-o de suas pesadas inibições. Sofremos ainda um pouquinho contra o País de Gales, que se aferrolhou, se tapou, se trancou, com unhas e dentes.

Em momento nenhum, porém, o nosso escrete deixou de dominar. O País de Gales limitou-se a uma desesperada, uma obtusa defesa. Uma vez na vida, outra na morte, dava um contra-ataque insignificante, impotente. No segundo tempo, Pelé enfiou o seu. Era vitória. Já na semifinal e na final, o Brasil enfiou

os franceses e os suecos numa banheira de Cleópatra e os lavou em leite de cabra. Pois bem. Eu digo que a Copa de 62 foi mais importante pelo seguinte; — porque foi mais difícil, mais árdua, mais áspera, mais dramática. A facilidade humilha.

Na Suécia, o escrete era um ilustre desconhecido. Ninguém sabia dos nossos dons, ninguém imaginava a graça, o sortilégio do nosso futebol. Os europeus lançaram em campo o seu futebol todo medido, todo acadêmico, sem um toque de fantasia, quadradíssimo. Muito bem. E o Brasil entrou com os seus dons maravilhosos de molecagem, de malandragem. Cada jogada de um Pelé, ou de um Mané, ou de um Didi, ou de um Zito vinha pesada, vinha encharcada de imaginação. Os do Velho Mundo entraram pelo cano, e vamos admitir: — tinham de entrar.

E quando, finalmente, os brasileiros voltaram da Suécia com o caneco no bolso, os europeus raciocinaram: “Bem, a forra vai ser em 62!” Eles se prepararam para 62. Estudaram planos formidáveis. E largaram-se para o Chile, radiantes da vida e crentes que iam anular os Garrinchas, os Pelés. De fato, o futebol da Europa está mudando. Mas isso não bastava. E tanto não bastava que eles entraram pelo cano, outra vez. Cabe então a pergunta: — e por quê?

É simples: — porque mudaram o futebol e não mudaram os homens. Os brasileiros têm recursos que só eles próprios sabem usar. Por outro lado, a sua qualidade humana é muitíssimo melhor. Amigos, vamos reconhecer com sóbria e exata autocrítica: — não há, presentemente, no mundo, uma figura humana tão complexa, tão rica, tão potencializada como o brasileiro. Eis o óbvio, que nem todos enxergam: — o maior homem da época é o do Brasil.

Os europeus podiam, sim, copiar, tanto quanto possível, o nosso futebol. Mais não podiam imitar o inimitável, ou seja: — o homem brasileiro. Garrincha é, por excelência, o incopiável. Pode-se imitar um europeu, porque eles se parecem, como soldadinhos de chumbo. Mas quem pode assemelhar-se a um Pelé? Ou a um Mané? Ou a um Zagalo? Ou a um Amarildo, o Possesso? Para ter a agilidade, a imaginação, a molecagem, o gênio de brasileiro o tcheco não pode ser tcheco, precisa ser um brasileiro nato.

O que se faz, na Europa, é uma imitação de vida. Ao passo que nós “vivemos” de verdade, e repito: — nós vivemos a vida, em todas as suas

possibilidades e consequências. Numa simples jogada, nós pomos uma carga de vontade, de caráter, de personalidade, de invenção que o europeu sequer compreende. Eu diria ainda que nós também “vivemos” o futebol, ao passo que o inglês, ou o tcheco, o russo apenas o joga. Há um abismo entre a seca objetividade europeia e a nossa imaginação, o nosso fervor, a nossa tensão dionísica.

Eis a verdade: — no Chile o homem brasileiro teve mais audácia, mais sangue, mais *élan*, mais loucura que em 58. Amigos, desde Pedro Álvares Cabral, nunca o Brasil conquistou uma vitória tão gigantesca.

Jornal dos Sports, 20/6/1962

Leiam os nossos comentaristas. Eles só veem peladas por toda a parte. E assim tentam cavar entre o torcedor e o futebol um abismo irreversível.

Pra que essa gana destrutiva e bestial?[7]

Amigos, fui testemunha, certa vez, de um fato prodigioso. Imaginem vocês que ia eu passando pelo cemitério, quando lá chegou um enterro. Alguém me esperava numa esquina próxima. Mas há um "charme" na morte, há um apelo que ninguém resiste. Entre um casamento, um batizado ou um enterro, qualquer um prefere o velório, embora este último não tenha os guaranás e os salgadinhos dos dois primeiros.

Diante de um caixão, o sujeito faz sempre esta reflexão egoísta e estimulante: "Ainda bem que eu não sou o defunto." Mas, como ia dizendo: espiava eu o enterro, quando acontece uma coisa inédita: a multidão desandou a bater palmas. Nada se compara e nada descreve o meu assombro mudo. Pela primeira vez, eu via um defunto aplaudido. A meu lado, um cavaleiro berrava: "Bravos! Bravíssimo!" E só faltava pedir bis, como na ópera.

Ainda hoje me pergunto que méritos especiais e deslumbrantes teria esse cadáver para merecer tamanha apoteose fúnebre. Não importam as razões. O fato em si já constitui um escândalo bem singular. Assim, debaixo de palmas, lá foi

enterrado o homem. E posso imaginar a perplexidade dos vermes, que se preparavam para roer-lhe as pobres carnes lívidas.

Da porta do cemitério passo para o Maracanã. Eu quero comparar as duas coisas: o defunto, aplaudido, e os jogos vaiados. Tão impróprias, inadequadas, insólitas como a apoteose fúnebre foram as vaias de sábado e domingo. Em dois dias, flagelamos quatro times, e com uma violência, uma implacabilidade nunca vistas.

No primeiro momento, ninguém soube o que pensar, o que dizer. Apareceram logo dois ou três paspalhões desfraldando a tese da sabedoria e infalibilidade de todas as vaias. Um colega puxou-me pelo braço e cochichou: “O povo não erra nunca!” Eu ia concordar. Súbito, porém, penso que esse mesmo povo salvou Barrabás e condenou Cristo. Enquanto crucificava o Messias, a multidão carregava o Barrabás na bandeja, e de maçã na boca, como um leitão assado.

De mais a mais, pode-se ter dado o caso da “vaia induzida”. Parte da crônica, com efeito, não sabe admirar, não gosta de admirar, e vive metendo o pau nos nossos jogos e nos nossos craques. Leiam os nossos comentaristas. Eles só veem peladas por toda a parte. E assim tentam cavar entre o torcedor e o futebol um abismo irreversível. Pra que essa gana destrutiva e bestial? Amigos, só Freud, em sua tumba, poderá explicar o “porquê”.

Lembro-me de certo cronista que num domingo foi desfeiteado pelo caçula, pela mulher e pela criada. Até o vira-latas da família rosnou contra ele. Quando o desgraçado saiu para o Maracanã, ventava fogo. Claro que, nessa tarde, ele desancou o jogo, os craques, o juiz e os bandeirinhas. E ninguém podia imaginar que, por trás de sua fúria, estavam seus dramas, frustrações e vergonhas familiares.

Mas voltemos à vaia. Como era um fato novo, não tínhamos meios e modos para um julgamento imediato. E ninguém viu o óbvio. Pergunto: que óbvio? Vaiava-se ali o maior futebol do mundo. Sim, vaiava-se o futebol bicampeão do mundo. Outro óbvio, que convém enxergar, é o da tal “vaia induzida” e, portanto, sem nenhuma justiça e nenhuma sabedoria.

Esse desamor não levará o Brasil a tricampeonato nenhum. O torcedor precisa saber que, em certa crônica, há uma aridez de três desertos. E a hora é de simpatia, de apoio, de estímulo, de solidariedade. Será que o futebol brasileiro

tem que se exilar para ser aplaudido? Será que nossos times só podem ser amados em outros idiomas?

O Globo, 29/7/1965

O sujeito que diz que o futebol passou é o Narciso às avessas, já que a seleção é a pátria em calções e chuteiras.

Narciso às avessas[8]

Amigos, não sei se vocês se lembram de Onestaldo. Era meu único amigo de infância, no momento em que não há amigos de infância. Perguntarão vocês: “Além de amigo de infância, o que mais era o assim chamado Onestaldo?” Eu direi: — Era um Narciso às avessas.

Se vocês não entenderam, vamos lá. Suponhamos que Onestaldo vai a um aniversário na sua rua. Lá, a propósito, de que ou de nada, ele brama: — “Eu sou uma besta! Sou um quadrúpede de 28 patas!” Vocês entendem? Podia ser um quadrúpede de apenas quatro patas, mas fez questão de acrescentar-lhe mais 24.

Novamente, perguntarão vocês: — “É maluco?” Nada de fazer-lhe esta injustiça. E, pelo contrário: tem uma sanidade de cambaxirra. Ele fala assim como brasileiro. Em suma: é um Narciso às avessas que cospe na própria imagem. Dirá alguém que será um caso único. Mentira. Único, vírgula. Na verdade, tremo ao vê-lo porque sinto, na sua figura, um símbolo nacional irresistível. Há uma semana, ele foi comigo a um sarau de grã-finos. A folhas

tantas do sarau, a dona da casa achou de declarar que nenhum homem a fascina tanto como o brasileiro. O marido, ali presente, declarou apenas que gosto não se discute. E, então, Onestaldo saltou no meio do salão, a berrar: — “A senhora quer saber quem é o brasileiro? Quer?” Foi terrível quando ele caiu de quatro e pôs-se a urrar ao lustre. Na véspera de Brasil x Inglaterra eu o encontrei na esquina da Sete de Setembro com Avenida. Caí na asneira de perguntar-lhe: — “Quem ganha amanhã?” Ergueu o rosto e disse, feroz: — “Ganha a Inglaterra, porque o brasileiro não tem caráter!” Perdi um pouco a paciência: — “O brasileiro não é o cavalo que você pensa!” Ele desceu para a falecida Galeria Cruzeiro e eu na direção da Praça Mauá. Mais adiante encontro o Paulo Roberto de Oliveira. Fiz-lhe a mesma pergunta: — “Quem ganha amanhã?” Deu a resposta fulminante: — “Brasil, ou duvidas?” Paulo Roberto tinha um dado histórico: — A Inglaterra é freguesa de caderno do Brasil.

Muito bem. Há o jogo e ganhamos. Dirão os lorpas e pascácios: — Jogamos mal. Melhor ainda. Mesmo jogando mal, enfiamos um gol no 44º minuto do segundo tempo.

Mas as hienas, os chacais não perdem uma chance. Ouçam, leiam os comentários sobre a partida. Há quem diga que o Brasil não é mais o mesmo. A Inglaterra é muito melhor. Só perdeu porque o Brasil fez o gol na sorte.

Nem a lição de 70 serviu. Em 70, mandamos para o México um escrete feito de vaias. Para os jogadores brasileiros, o clima era tão intolerável que os nossos craques não viam a hora da partida. Antes do embarque, a prodigiosa seleção conseguiu perder para os aspirantes do Bangu.

Confesso que, diante de tamanho resultado, cheguei a tremer em cima dos sapatos. Mas tive um acesso de lucidez e escrevi: — “Partiu o escrete. Terminou o seu exílio.” Lembro-me de que fizeram, aqui, uma “vigília cívica”. O que se disse dos nossos jogadores foi inconcebível. Trataram o escrete a pontapés.

Tão fácil compreender esse tipo de reação. É o Onestaldo multiplicado ao infinito. O sujeito que diz que o futebol brasileiro passou é o Narciso às avessas, já que a seleção é a pátria em calções e chuteiras. Por que esse rebaixamento, essa autoflagelação desembestada? Repito: — Todos nós temos um pouco de Onestaldo.

A verdade é que a Inglaterra é tão ruim, tão péssima que não pode tirar partido de uma tarde negra do Brasil. Em tudo isso, o que há de realmente inadmissível, de abominável é que o escrete não seja ainda um time. Não precisamos de mais nada senão isso. Com o time, o Brasil dará um banho estarrecedor nas seleções europeias e outras.

O Globo, 26/5/1976

Pelé podia virar-se para Miguel Ângelo, Homero ou Dante e
cumprimentá-los, com íntima efusão:
— “Como vai, colega?”

Pelé, colega de Miguel Ângelo, Homero e Dante[9]

Amigos, o meu personagem do ano tem de ser um jogador do escrete que levantou o Campeonato do Mundo. Mas é um problema catar, num time invicto, imbatível, um jogador que seja, exatamente, o símbolo pessoal e humano desse time e desse escrete. E logo um nome me ocorre, de uma maneira irresistível e fatal: — Pelé.

Olhem Pelé, examinem suas fotografias e caiam das nuvens. É, de fato, um menino, um garoto. Se quisesse entrar num filme de Brigitte Bardot, seria barrado, seria enxotado. Mas reparem: — é um gênio indubitável. Digo e repito: — gênio. Pelé podia virar-se para Miguel Ângelo, Homero ou Dante e cumprimentá-los, com íntima efusão: — “Como vai, colega?”

De fato, assim como Miguel Ângelo é o Pelé da pintura, da escultura, Pelé é o Miguel Ângelo da bola. Um e outro podem achar graça de nós, medíocres, que

não somos gênios de coisa nenhuma, nem de cuspe a distância. E que coisa confortável para nós, brasileiros, saber que temos um patrício assim genial e assim garoto!

Vejam: — dezessete anos! Na idade em que o pobre ser humano anda quebrando vidraça, ou jogando bola de gude, ou raspando perna de passarinho a canivete, Pelé torna-se campeão do mundo. Estava lá um rei, Gustavo, da Suécia. E viu-se, então, essa coisa que estaria a exigir um verso de Camões: — o rei desceu do seu trono e foi cumprimentar, foi apertar a mão do menino Pelé. Então, pergunto: — que experiência real teria o menino de cor? Havia de conhecer, no máximo, rei de baralho ou o Rei Patusco do gibi. Gustavo foi o primeiro rei autêntico que lhe mostrou os dentes num soberano sorriso.

Eu sei que, na recepção ao escrete, houve quem rosnasse por aqui: — "Estão exagerando! Já é demais." Está claro que não era demais, era de menos. Mas o brasileiro é assim mesmo. Em 50, quase houve um suicídio nacional quando não fomos campeões do mundo. Éramos, todos nós, brasileiros, uma nação que quase toma formicida. Pois bem: — e em 58, ao conquistarmos o título, eis que houve, aqui, um hábito instantâneo à glória jamais imaginada. O nosso pileque cívico durou até o desembarque. Já no dia seguinte, porém, havia os descontentes, os fartos, os saturados.

Um conhecido meu veio protestar: — "Pelé não pode ser craque! Com dezessete anos, ninguém pode ser craque!" Na minha cólera, tive vontade de subir pelas paredes como uma lagartixa profissional. Mas o meu consolo foi que, ao mesmo tempo, saía no *Paris-Match*, que é uma revista mundial, uma vasta, erudita e compacta reportagem sobre Pelé. Lá vinha escrito: — "Pelé, rei do Brasil." Enquanto, aqui, o brasileiro achava exagerado o próprio entusiasmo, uma revista parisiense punha o garoto brasileiro nas nuvens. Direi mais: — *Paris-Match* comportava-se diante de Pelé com a histeria de uma macaca de auditório.

Mas o que impressionou, na reportagem, foi a mentira que a entupia, de cabo a rabo. Nunca se mentiu tanto em seis páginas de revista! O repórter escrevia, por exemplo, que, na sua euforia ululante, o Brasil dera o nome de Pelé a ruas, praças e obeliscos. Então, eu concluí que, apesar de todo o seu passionalismo, a imprensa brasileira ainda é das mais sóbrias e das mais

contidas. Aqui, nenhum jornal, nenhuma revista teria o descaro de inventar reis, de inventar fantásticas homenagens nacionais.

Não que Pelé e, de resto, todo o escrete não as merecessem. Por meu gosto, confesso: — eu teria enfiado no peito de Pelé a própria Legião de Honra. Mas é que o brasileiro não é disso. Sim, amigos: — o brasileiro reage ao bem que lhe fazem com uma gratidão amarga e quase ressentida. Que fez o escrete? Deu-nos a maior alegria de nossa vida. Tornou qualquer vira-lata em campeão do mundo. Mas a nossa gratidão logo secou como uma bica da Zona Sul. Tratamos de esquecer a jornada estupenda.

Mas eu vos digo: — "esquecer" não é bem o termo. Ou por outra: — o brasileiro pode "esquecer" da boca para fora. Mas na verdade um Pelé é inesquecível. Insisto: — apesar de toda a nossa ingratidão, Pelé é imortal. E por isso, porque ninguém pode enxotá-lo da nossa memória, eu o promovo a meu personagem do ano.

Manchete Esportiva, Anuário de ouro,
Edição especial, janeiro de 1959

E pior do que o terremoto, pior do que a torcida, pior do que as manchetes, pior do que o escárnio do rádio e da televisão: foi o juiz.

Garrincha, passarinho apedrejado

Amigos, a vitória sobre o Chile fez nascer um penacho em cada cabeça e esporas em cada calcanhar. O brasileiro anda por aí com ares do dragão do Pedro Américo. É a epopeia ventando nas nossas caras. Invisíveis cornetas soam por todo o território nacional. Somos uma nação de 75 milhões de almas eretas como lanças. Mas vamos e venhamos: — o triunfo de quarta-feira merece toda essa euforia nacional.

O sujeito que, após os 4 x 2, não chorou lágrimas de esguicho é um mau-caráter. Mas eu dizia que foi uma vitória perfeita e irretocável. Os idiotas da objetividade querem colocar a partida em seus termos táticos e técnicos. O futebol, porém, foi um detalhe miserável, um frívolo pretexto. Pior era o que estava por trás. Amigos, o futebol do Chile não ameaçaria, normalmente, nem o Rosita Sofia.[10]

O perigo estava no massacre emocional do nosso escrete. Eis o sonho do Chile: — já que perderia no futebol, quis ganhar pela intimidação, pelo sarcasmo, pelo medo e, também, pelo apito. Contra os onze gatos-pingados do

nosso time, levantou-se toda uma população. Imaginem vocês a luta desigual: — milhões querendo ver a caveira da equipe brasileira, posta em desesperadora solidão. A guerra das manchetes contra os nossos foi simplesmente hedionda.

Eis o que os jornais diziam, em letras garrafais, tomando todo o alto da página: — "Com Didi ou sem Didi, os brasileiros farão pipi." A palavra *pipi*, transmitida num berro gráfico, era de arrepiar. Ora, o escrete brasileiro tem seus negros plásticos, folclóricos, divinos. Há, no citado Didi, por exemplo, toda a dignidade racial de um príncipe etíope de rancho. Pois bem: — esses negros líricos, ornamentais, eram xingados como se fossem da Mau-Mau.[11]

Não havia ninguém, no Chile, disposto a aplaudir ou simplesmente reconhecer os nossos possíveis méritos. Ou, por outra: — fomos tratados a pires de leite até o momento em que os locais venceram os russos e os nossos os ingleses. E como éramos os adversários, passamos a ser, automaticamente, os anticristos. Os piores ventos dos Andes, os ventos mais lívidos e mais pungentes, vinham queimar a nossa delegação. Dir-se-ia que a própria natureza se associava à guerra contra o pobre escrete brasileiro.

Aqui, a distância, eu via a hora em que haveria, lá, um terremoto privativo dos brasileiros. Pois bem. E vencemos, amigos. Vencemos contra tudo e contra todos. E reparem que o escrete do Brasil não podia apresentar a sua máxima potencialidade. Primeiro houve uma baixa medonha. No jogo da Tchecoslováquia, com efeito, contundiu-se o deus Pelé. A notícia de sua distensão parou todo um povo. E viu-se uma coisa inédita para a experiência humana: — uma distensão chorada e velada por toda uma pátria.

Mas o povo brasileiro é tão formidável que, na vaga de um gênio, pôs outro gênio. Ou, por outras palavras, na vaga de Pelé, arranjou, improvisou outro Pelé: — Amarildo. E, no jogo seguinte, também Amarildo se machuca. Como se não bastasse, abriu-se, nas canelas de Didi, uma constelação de feridas. E que vimos nós? Levando nas pernas chagas deslumbrantes, Didi foi mais um príncipe etíope do que nunca. Contra o Chile, através dos noventa minutos, ele não perdeu, em instante nenhum, a sua ginga maravilhosa de gafieira.

Ferido na carne e na alma, o escrete do Brasil derrubou o Chile. É possível que até a natureza tivesse preparado algum terremoto contra nós. E ganhamos. Mesmo que atirassem contra o Brasil um furacão da Flórida, sairíamos invictos

da batalha. E pior do que o terremoto, pior do que a torcida, pior do que as manchetes, pior do que o escárnio do rádio e da televisão: foi o juiz. Está provado que o árbitro entrou em campo para meter a mão no bolso do Brasil.

O ladrão fez o diabo para impedir o triunfo brasileiro. Inventou um pênalti, ou seja, deu um gol de presente ao Chile. Perseguiu os nossos jogadores com um descaro gigantesco. Não se conhece, na história do futebol, um apito tão cínico e tão vil. O seu pecado mais horrendo, porém, foi a expulsão de Garrincha. Não há no Brasil, não há no mundo, ninguém tão terno, ninguém tão passarinho como o Mané. O sujeito que se aproxima dele tem vontade de oferecer-lhe alpiste na mão. Os pombos aqui da Cinelândia, os pardais do Boulevard Vinte e Oito de Setembro, diriam: — "Nosso irmão, o Mané." E Garrincha foi expulso. Mas ganhamos assim mesmo. Pois vencemos o juiz, vencemos o escrete chileno, as manchetes, os terremotos, a cordilheira. Apedrejaram Garrincha, e vencemos.

Eis o mistério do escrete e do Brasil. O time ou o país que tem um Mané é imbatível. Hoje, sabemos que o problema de cada um de nós é ser ou não ser Garrincha. Deslumbrante país seria este, maior que a Rússia, maior que os Estados Unidos, se fôssemos 75 milhões de Garrinchas.

Fatos & Fotos, 23/6/1962

Repito: o brasileiro é uma nova experiência humana. O homem do Brasil entra na história com um elemento inédito, revolucionário e criador: a molecagem.

O escrete de loucos

Amigos, a bola foi atirada no fogo como uma Joana d'Arc. Garrincha apanha e dispara. Já em plena corrida, vai driblando o inimigo. São cortes límpidos, exatos, fatais. E, de repente, estaca. Soa o riso da multidão — riso aberto, escancarado, quase ginecológico. Há, em torno do Mané, um marulho de tchecos. Novamente, ele começa a cortar um, outro, mais outro. Iluminado de molecagem, Garrincha tem nos pés uma bola encantada, ou melhor, uma bola amestrada. O adversário para também. O Mané, com quarenta graus de febre, prende ainda o couro.

A partida está no fim. O juiz russo espia o relógio. E o Brasil não precisa vencer um vencido. A Tchecoslováquia está derrotada, de alto a baixo, da cabeça aos sapatos. Mas Garrincha levou até a última gota o seu "olé" solitário e formidável. Para o adversário, pior e mais humilhante do que a derrota, é a batalha desigual de um só contra onze. A derrota deixa de ser sóbria, severa, dura como um claustro. Garrincha ateava gargalhadas por todo o estádio. E,

então, os tchecos não perseguiram mais a bola. Na sua desesperadora impotência, estão quietos. Tão imóveis que pareceram empalhados.

Garrincha também não se mexe. É de arrepiar a cena. De um lado, uns quatro ou cinco europeus, de pele rósea como nádega de anjo; de outro lado, feio e torto, o Mané. Por fim, o marcador do brasileiro, como única reação, põe as mãos nos quadris como uma briosa lavadeira. O juiz não precisava apitar. O jogo acabava ali. Garrincha arrasara a Tchecoslováquia, não deixando pedra sobre pedra.

Se aparecesse, na hora, um grande poeta, havia de se arremessar, gritando: — "O homem só é verdadeiramente homem quando brinca!" Num simples lance isolado, está todo o Garrincha, está todo o brasileiro, está todo o Brasil. E jamais Garrincha foi tão Garrincha, ou tão homem, como ao imobilizar, pela magia pessoal, os onze latagões tchecos, tão mais sólidos, tão mais belos, tão mais louros do que os nossos. Mas vejam vocês: de repente, o Mané põe, num jogo de alto patético, um traço decisivo do caráter brasileiro: — a molecagem.

O Hélio Pellegrino, que é poeta e psicanalista, dizia-me, outro dia: — "O brinquedo é a liberdade!" E para Garrincha, o brinquedo, no fim da batalha, foi a molecagem livre, inesperada, ágil e criadora. Varou os pés adversários, as canelas, os peitos. Não tinha nenhum efeito prático a sua jogada arrebatadora e inútil. Mas o doce na molecagem é a alegria insopitável e gratuita. E não houve, em toda a Copa, um momento tão lírico e tão doce.

Amigos, ninguém pode imaginar a frustração dos times europeus. Eles trouxeram, para 62, a enorme experiência de 58. Jogaram contra o Brasil na Suécia, trataram de desmontar o nosso futebol, peça por peça. Toda a nossa técnica e toda a nossa tática foram estudadas com sombrio *élan*. Sobre Garrincha, eis o que diziam os técnicos do Velho Mundo: — "Só dribla para a direita!" Era a falsa verdade que se tornaria universal. O próprio Pelé parecia um mistério dominado.

Após quatro anos de meditação sobre o nosso futebol, o europeu desembarca no Chile. Vinha certo, certo, da vitória. Havia, porém, em todos os seus cálculos, um equívoco pequenino e fatal. De fato, ele viria a apurar que o forte do Brasil não é tanto o futebol, mas o homem. Jogado por outro homem o mesmíssimo futebol, seria o desastre. Eis o patético da questão: — a Europa podia imitar o

nosso jogo e nunca a nossa qualidade humana. Jamais, em toda a experiência do Chile, o tcheco ou o inglês entendeu os nossos patrícios. Para nos vencer, o alemão ou o suíço teria de passar várias encarnações aqui. Teria que nascer em Vila Isabel, ou Vaz Lobo. Precisaria ser camelô no largo da Carioca. Precisaria de toda uma vivência de botecos, de gafieira, de cachaça, de malandragem geral.

Aí está: — no Velho Mundo os sujeitos se parecem, como soldadinhos de chumbo. A dessemelhança que possa existir de um tcheco para um belga, ou um suíço, é de feitio do terno ou do nariz. Mas o brasileiro não se parece com ninguém, nem com os sul-americanos. Repito: o brasileiro é uma nova experiência humana. O homem do Brasil entra na história com um elemento inédito, revolucionário e criador: a molecagem. Citei a brincadeira de Garrincha num final dramático de jogo. Era a molecagem. Aqueles quatro ou cinco tchecos, parados diante de Mané, magnetizados, representavam a Europa. Diante de um valor humano insuspeitado e deslumbrante, a Europa emudecia, com os seus túmulos, as suas torres, os seus claustros, os seus rios.

Vocês assistiam, pelo videoteipe, todos os jogos. O europeu aparecia com uma seca, exata objetividade, sem uma concessão ao delírio. Ele próprio se engradava dentro de um esquema irredutível. Ao passo que o Brasil faz um futebol delirante. Numa simples ginga de Didi, há toda uma nostalgia de gafieiras eternas. O nosso escrete era vidência, iluminação, irresponsabilidade criadora. Só a Espanha é que chegou a lembrar o Brasil. Seu escrete parecia passional também. Mas logo se percebeu a falsa semelhança. Os espanhóis têm uma paixão sem gênio, uma paixão burra. Chegaram a nos ameaçar, por vezes. Veio, porém, um sopro da praça Sete, do Ponto de 100 Réis[12], e Amarildo, o Possesso, encampou dois.

Contra a Inglaterra foi uma vitória linda. Não tínhamos rainhas, nem Câmara de Comuns, nem lordes Nelsons. Mas tínhamos Garrincha. E tínhamos Zagalo, o de canelas finíssimas e espectrais. E Nilton Santos, com a sua salubérrima eternidade. E negros ornamentais, folclóricos, como Didi, Zózimo e Djalma Santos. Logo se viu, entre o nosso craque e o inglês, todo um abismo voraz. O inglês apenas joga futebol, ao passo que o brasileiro “vive” cada lance e sofre

cada bola na carne e na alma. Djalma Santos põe, no seu arremesso lateral, toda a paixão de um Cristo negro.

E mesmo fora do futebol, o europeu faz uma imitação da vida, enquanto que o brasileiro vive de verdade e ferozmente. Ninguém compreenderá que foi a nossa qualidade humana que nos deu esta Copa tão alta, tão erguida, de fronte de ouro. E mais: — foi o mistério de nossos botecos, e a graça das nossas esquinas, e o soluço dos nossos cachaças, e a euforia dos nossos cafajestes. Jogamos no Chile com ardente seriedade. Mas a última jogada de Mané, no adeus aos Andes, foi uma piada, tão linda e tão plástica. No mais patético das batalhas, o escrete soube brincar. Esse toque de molecagem brasileira é que deu à vitória uma inconcebível luz.

Fatos & Fotos, Edição histórica, junho de 1962

E o óbvio baixou, de repente, no estádio. Não há mais dúvida, não há mais nada. O jogador que o óbvio escala é inarredável, irreversível, assim na terra como no céu.

Jogador escalado pelo óbvio[13]

Amigos, uma das coisas mais fascinantes da televisão, no momento, é o programa do Otto. E, lá, aparece de tudo. Do rajá ao sociólogo, do profeta ao camelô, do psiquiatra ao macumbeiro, do santo ao ventríloquo. Dessa irisada complexidade, tira o Otto um charme inimaginável. Ainda não perdi as esperanças de ver, entre os seus convidados, uma foca amestrada, equilibrando laranjas no focinho.

Ontem, o meu fraterno colega entrevistou uma psicanalista sobre um dos problemas mais agudos do nosso tempo: — a juventude. E aí começa o equívoco. “Do nosso tempo” por quê? O jovem sempre foi problemático e, se não é problemático, estejamos certos: — trata-se de um débil mental que deve ser amarrado num pé de mesa. Vamos dar graças a Deus que a nossa juventude tenha um drama, uma angústia, uma tensão dionisíaca ou demoníaca, sei lá.

Mas a psicanalista começa a falar e logo percebemos o seu raro brilho e o seu casto saber. Por que o jovem está inquieto, tenso, vibrante, explosivo, perplexo e

ameaçador? A culpa é da sociedade e da família. Quanto ao próprio jovem, a entrevistada não faz uma tênue insinuação ou uma vaga referência. O que importa é apenas a situação social. Como reles coadjuvante, a situação familiar.

E eu então vi subitamente tudo. Imaginei que, diante de uma prova de natação, a psicanalista havia de concluir: — "Quem nada é a piscina e não o nadador." Minha vontade foi bater o telefone para a TV Globo e dizer: — "Minha senhora, não se esqueça do nadador." Se vocês admitirem a comparação, eu diria que há, sim, um nadador no problema da juventude. Sim, o que está por trás da família, da sociedade, das gerações é um velho conhecido nosso, ou seja: — o homem.

Os sociólogos do Otto, os psicólogos do Otto, os educadores do Otto, os professores do Otto — ainda não chegaram ao ser humano e o ignoram com uma crassa e bovina teimosia. É preciso que alguém lhes escreva uma carta anônima, com o furo sensacional: — "O homem existe! O homem existe!" E vai ser um susto, um pânico, um horror quando os citados especialistas perceberem que a besta humana está inserida na nossa paisagem.

Eis a verdade: — todas as segundas-feiras, o programa do Otto apresenta um feroz, um rancoroso inimigo do óbvio. E que dizer do escrete? Passo do Otto para o Campeonato do Mundo. Amigos, um dos mais graves problemas da seleção era o companheiro de Pelé. Oitenta milhões de brasileiros queimam os miolos, sem achar a solução. Onde encontrar esse misterioso, utópico, alucinante companheiro?

Não tem perdão a obtusidade com que insistimos em Servílio. Só no jogo com o Peru é que desconfiamos do óbvio ululante. Não havia nenhuma afinidade entre alhos e bugalhos, ou seja: — entre Servílio e Pelé. Mas no dia seguinte, todo mundo enxergou, de repente, outro óbvio, ainda mais estarrecedor: — Alcindo. O tal companheiro de Pelé, mais esperado do que um Messias, era o formidável centauro gaúcho.

Notem que estava na cara. Mas ai de nós, ai de nós! Nunca enxergamos o que está na cara. Alcindo treinava com uma saúde, um *élan*, uma fome, uma sede, uma fúria sagrada. Se pusessem um paralelepípedo na arquibancada, ele diria, com o dedo apontado para Alcindo: — "Esse é o companheiro de Pelé!" (Nas minhas crônicas, os paralelepípedos têm dedo.) Mas como eu ia dizendo: — o

que um paralelepípedo veria, ao primeiro olhar, nós não vimos. E, por fim, ninguém acreditava mais no tal companheiro. Foi preciso que jogassem o Brasil e a Polônia, lá no Mineirão. E o óbvio baixou, de repente, no estádio. Não há mais dúvida, não há mais nada. O jogador que o óbvio escala é inarredável, irreversível, assim na terra como no céu.

O Globo, 8/6/1966

Não sabemos admirar, não gostamos de admirar. Ou por outra: — só admiramos num terreno baldio e na presença apenas de uma cabra vadia. Ai de nós, ai de nós! Somos o povo que berra o insulto e sussurra o elogio.

O escrete precisa de amor[14]

Amigos, é a grande viagem para a vitória, a gigantesca vitória. Logo mais, a cidade vai se despedir do escrete. Não será um adeus, mas um “até o tri”. E ninguém deve ficar em casa. Como se omitir, se a seleção precisa de todos nós e de cada um de nós? Eis a verdade inapelável e eterna: — só o grande amor faz o grande escrete.

E, por isso, temos que inundar o Maracanã com o nosso amor. O escrete quer sentir também a nossa admiração. Eu sei que o brasileiro e Satã têm algo em comum. Como se sabe, o abominável Pai da Mentira é um impotente do sentimento. Não há, em toda a sua biografia, um único e escasso momento de ternura. E o Satanás daria a metade de suas trevas por uma furtiva lágrima de amor. Pois bem. Já o brasileiro é o impotente da admiração.

Não sabemos admirar, não gostamos de admirar. Ou por outra: — só admiramos num terreno baldio e na presença apenas de uma cabra vadia. Ai de nós, ai de nós! Somos o povo que berra o insulto e sussurra o elogio. Mas hoje é a última noite. E a admiração tem que explodir, afinal tem que explodir. É difícil, eu seu que é difícil.

Outra verdade eterna: — como bom brasileiro, o Maracanã nasceu com a vocação da vaia. Tenho dito: — lá, vaia-se até minuto de silêncio. Sem maldade, sem premeditação. A vaia rebenta sem querer, por um desses automatismos inapeláveis. Mas repito: — o doce escrete vai partir. É preciso que as vaias emudeçam. Imaginem vocês se todo o Maracanã, de pé, aplaudir o escrete. A seleção há de ter uma sensação de onipotência.

Pode parecer que eu esteja, aqui, profetizando o tricampeonato. Realmente, eu estou profetizando. Vamos ser tricampeões. Amigos, a grande vitória é anterior a si mesma, ou por outra: — antes de acontecer, ela já estava escrita. Estava escrito que o Brasil seria campeão na Suécia e bicampeão no Chile. Do mesmo modo, está escrito que será tricampeão na Inglaterra.

Os pessimistas (que sempre os há) rosnam pelas esquinas e pelos botecos: — “Humildade, humildade.” Mas é uma abjeção falar em humildade no Brasil. Olhem este povo de paus de arara. Ante as riquezas do mundo, cada um de nós é um retirante de Portinari, que lambe a sua rapadura ou coça a sua sarna. A humildade tem sentido para os césares industriais dos Estados Unidos. Já o pau de arara precisa, inversamente, de mania de grandeza.

Eis a caridade que nos faz o escrete: — dá ao roto, ao esfarrapado uma sensação de onipotência. Em 58, quando acabou o jogo Brasil Suécia, cada brasileiro sentiu-se compensado, desagravado de velhas fomes e santas humilhações. Na rua, a cara dos que passavam parecia dizer: — “Eu não sou vira-latas!” Em 62, a mesma coisa. De repente, sentimos que o brasileiro deixava de ser um vira-latas entre os homens e o Brasil um vira-latas entre as nações.

Amigos, vamos enxergar o óbvio ululante: — cada exibição brasileira na Inglaterra será uma aventura pessoal de oitenta milhões de sujeitos. Não há distância entre nós e a equipe verde-amarela, ou por outra: há uma distância falsa, uma distância irreal. Na verdade, estamos encarnados no escrete.

O Globo, 15/6/1966

Um subdesenvolvido não pode manter a sua dignidade sem o protesto. É o protesto, repito, que o salva, que o redime e que o potencializa.

A cara da derrota[15]

Amigos, o mínimo que se pode esperar do subdesenvolvido é o protesto. Ele tem de espernear, tem de subir pelas paredes, tem de se pendurar no lustre. Sua dignidade depende de sua indignação. Ou ele, na sua ira, dá arrancos de cachorro atropelado, ou temos de chorar pela sua alma.

E, vamos e venhamos, nada mais abjeto do que o subdesenvolvimento consentido, confesso e até radiante. Agora mesmo, um grande povo, o inglês, assombra o mundo com uma vitória altamente suspeita, e mesmo comprometedora. Tudo se organizou sem mistério e sem disfarce. Aliás, não se devia esperar outra coisa. A História informa que o cinismo é próprio dos grandes povos. A vitória inglesa foi, assim, um crime quase perfeito. Digo "quase", porque teve o defeito do descaro.

A Copa da Inglaterra foi roubada duas vezes. Duvidar ou sofismar com o segundo roubo é o mesmo que duvidar do primeiro. Um e outro foram de um óbvio ululante, e o segundo teve tanta sutileza quanto o anterior. Mas eu falei em cinismo

inalienável do grande povo. Imaginem que a imprensa inglesa farta-se de publicar charges deprimentes sobre o comportamento britânico no campeonato.

Está mundialmente reconhecida e aos berros proclamada a seguinte verdade: — havia um límpido, um cristalino, um transparente complô contra o futebol sul-americano. Brasileiros, uruguaios e argentinos estavam condenados, previamente, a um cano deslumbrante. Essa Copa, que o nosso Armando Nogueira chama de "Tacinha", é tão indigna que aconteceu apenas isto: — nela não pôde jogar Pelé, o maior craque do futebol em todos os tempos. Sim, o crioulo foi caçado a patadas, como uma ratazana obesa. Note-se: — isso aconteceu graças à deslavada conivência da arbitragem.

Mas eu não vou citar tudo o que caracteriza o crime como tal. Por que demonstrar o que é de uma evidência estarrecedora? Mas aqui começa o nosso subdesenvolvimento, com todas as suas nuanças. O normal é que nós, paus de arara, estivéssemos vociferando contra a iniquidade. Um subdesenvolvido não pode manter a sua dignidade sem o protesto. É o protesto, repito, que o salva, que o redime e que o potencializa.

Mas leio que houve ontem, ou anteontem, uma reunião de colegas. O normal, o correto, o justo é que os presentes começassem a berrar, numa unanimidade compacta e trovejante: — "Ladrões! Ladrões!" Pois bem, e o que se viu foi uma página de *Os Maias*. Justiça se lhes faça: — houve duas exceções, uma a de Ricardo Serran, que arrasou a Copa, e a outra a de Armando Nogueira, que pelo menos silenciou. Mas os demais, ou quase todos, desandaram numa desenfreada adulação da Inglaterra, de sua mediocridade futebolística e da torpeza de sua arbitragem.

Então eu vi que a tragédia do subdesenvolvimento não é só a miséria ou a fome, ou as criancinhas apodrecendo. Não. Talvez seja um certo comportamento espiritual. O sujeito é roubado, ofendido, humilhado e não se reconhece nem o direito de ser vítima. Mas, senhor! No jogo Inglaterra x Uruguai, presente a rainha, o facínora Stiles dá um tapa no uruguaio. Pois sabem quem é o criminoso? É o uruguaio! Vejam vocês, o uruguaio! O mesmo Stiles dá na cara de um francês e continua maravilhosamente impune. No dia seguinte, ainda Stiles (sempre este homem fatal!) agride outro adversário, e nada lhe acontece.

Pelé foi exterminado a coices por trás, e a tal mesa-redonda não estranha, não vê nada de inusitado? O time da Argentina, antes de jogar com a Inglaterra, foi advertido e ameaçado. E essa coação miserável, deslavada não impressiona o sr. [Alberto da Gama] Malcher? O sr. Rui Porto fala em "rispidez". Foi, por acaso, ríspido o assassinato de Pelé? E o pior vocês não sabem! No fim, levanta-se alguém, deplorando a histeria do brasileiro, que só sabe ganhar e não sabe perder.

Oh, meu Deus do céu! Virgem Santíssima! Nós já somos um povo que não faz outra coisa senão perder! Olhem a nossa cara. Reparem: — é a cara da derrota. Afinal de contas, o que é o subdesenvolvimento se não a derrota cotidiana, a humilhação de cada dia e da cada hora? E é uma ignomínia que venha alguém dizer a esse povo desesperado: — "Vá perdendo! Continue perdendo! Aprenda a perder!"

Graças a Deus, nem todos falam a linguagem do subdesenvolvimento. Muito antes da finalíssima, o meu colega Armando Nogueira, no mais puro sabor machadiano, escrevia uma crônica admirável. Nessa página profética ele respondia e esmagava, por antecipação, o que se disse na referida mesa-redonda. Sim, lá está reduzida a pó a opinião de Malcher, Rui Porto, Araújo Neto.

O Globo, 12/8/1966

Em futebol, como em tudo o mais, o craque é decisivo. Evidente que os onze são indispensáveis. Mas o que leva público e faz bilheteria é o craque. Eu diria que, no time de Pelé, só ele existe e o resto é paisagem.

Utopia fatal[16]

Amigos, leio uma entrevista do técnico alvinegro, Admildo Chirol, na qual ele condena “as estrelas solitárias do futebol atual”. Eu admiro os portadores de certezas definitivas, imutáveis. E o que se sente, nas palavras de Chirol, é que ele não faz a concessão da dúvida, de um “talvez”, de um “quem sabe?”. Não. Tudo, em Chirol, tem a ênfase de uma última palavra.

Mas vejamos as suas verdades. Diz ele que a Copa do Mundo de 66 veio trazer o “futebol brasileiro à realidade”. Ao ouvir falar em “realidade”, poderíamos perguntar: — “Qual delas?” E, então, Chirol explica a “sua” realidade. Diz textualmente: — “O personalismo não é mais concebido dentro de uma equipe, e sim o coletivismo.” Percebe-se que, ao falar assim, o simpático treinador vibra de certeza inapelável e eterna.

Nada de estrelato, de homem-chave, de vedetismo. Todos iguais entre si como soldadinhos de chumbo. E assim vai a entrevista, ressoante da palavra

encantadora: “Coletivismo, coletivismo.” Cabe então a pergunta: — será isso possível? Não estará o caro Chirol correndo o risco de se envenenar a si mesmo e ao time com uma utopia fatal? Vejamos.

Seja como for, uma observação cabe inicialmente: — o ponto de partida de Chirol é altamente discutível. Segundo ele, a recente Copa trouxe o Brasil à realidade. Inexato, inexato. A Copa não valeu como teste, e repito: — o futebol brasileiro lá não esteve. Apenas testou-se a inépcia, a incompetência e a burrice da nossa Comissão Técnica. Fomos derrotados não pelo “coletivismo” dos outros, mas pela burrice dos nossos dirigentes.

Mas o dramático, na entrevista de Chirol, é o fim que ele deseja e que ele anuncia do homem-chave, do homem-estrela, do craque quase divino. E aqui começam as minhas dúvidas. Terá ele meios e modos de apagar as dessemelhanças individuais que fazem o charme dos homens, povos, religiões e times? Em caso afirmativo, será desejável esse nivelamento absoluto e alvar?

Toda a experiência humana parece estar contra Chirol. Ninguém admite uma fé sem Cristo, ou Buda, ou Alá, ou Maomé. Ou uma devoção sem o santo respectivo. Ou um exército sem napoleões. No esporte também. Numa competição modesta de cuspe a distância, o torcedor exige o mistério das grandes individualidades. No futebol, a própria bola parece reconhecer Pelé ou Garrincha, e só falta lamber-lhes os pés, como uma cadelinha amestrada. Ai do teatro que não tenha uma Sarah Bernhardt ou uma Duse.[17]

Em futebol, como em tudo o mais, o craque é decisivo. Evidente que os onze são indispensáveis. Mas o que leva público e faz bilheteria é o craque. Eu diria que, no time de Pelé, só ele existe e o resto é paisagem. Em 62, já os europeus faziam o seu coletivismo. Pois bem. Pois o nosso Mané, com um piparote, desmontou todo o coletivismo do inimigo. Num instante, a estrutura do futebol solidário esfarelou-se.

Na Inglaterra, na Alemanha e por todo o Velho Mundo — o tal coletivismo é mais plausível, e explica-se: — lá há uma miséria de talentos individuais. E como a robustez sobra, baseia-se o futebol em correrias delirantes e obtusas. Aqui, não. Não há um brasileiro, vivo ou morto, que não tenha na sua biografia uma velha

pelada. Agora mesmo, no aterro. De vez em quando, desponta um craque nas peladas que lá se disputam.

A meu ver, a teoria do Chirol apresenta dois defeitos: — primeiro, é inexequível; segundo, é indesejável. No dia em que desaparecerem os Pelés, os Garrinchas, as estrelas, enfim, será a morte do futebol brasileiro. E, além disso, no dia em que desaparecerem as dessemelhanças individuais — será a morte do próprio homem.

Amigos, não sei se bem entendi. Mas para fazer o seu futebol impessoal e coletivista, o caro Chirol terá de preliminarmente mudar o homem. Para isso, terá que pedir à diretoria do clube uns vinte séculos ou mais. Note-se, porém: — antes dele, Cristo tentou a mesma coisa e fracassou. Os pulhas estão aí, impunes e bem-sucedidos.

O Globo, 17/8/1966

Antigamente as coisas eram mais simples e mais amenas. Quando o Brasil jogava lá fora, tínhamos de aceitar a imagem que nos ofereciam os cronistas. A partir do videoteipe, porém, tudo mudou como num milagre.

Os “entendidos” rosnam de frustração[18]

Amigos, está cada vez mais largo e cada vez mais fundo o abismo que se cavou entre o povo e a crônica. Antigamente as coisas eram mais simples e mais amenas. Quando o Brasil jogava lá fora, tínhamos de aceitar a imagem que nos ofereciam os cronistas. A partir do videoteipe, porém, tudo mudou como num milagre.

Foi assim na etapa da classificação. Era o tempo ainda do João [Saldanha]. E meus bons colegas arrasavam o escrete. Não deixavam pedra sobre pedra. O pobre torcedor, atracado ao radinho de pilha, ou ao jornal do dia seguinte, concluía, apavorado: — “Temos um escrete de pernas de pau!” Ao mesmo tempo, acontecia uma coisa singularíssima. Embora jogando pedrinhas, os brasileiros é que faziam os gols, os brasileiros é que ganhavam as partidas, os brasileiros é que davam as goleadas. O sujeito coçava a cabeça: — “Se percebo,

sebo!” Realmente, não era para se perceber. Ao mesmo tempo, aconteciam as coisas mais patuscas.

Por exemplo: — atacavam ferozmente os venezuelanos, e súbito o espíquer dava o berro: “Gol do Brasil!” Todavia, desfez-se o mistério com o primeiro videoteipe. Dava-se o seguinte: — a partida transmitida para aqui só existia na imaginação dos excelentes rapazes. Em verdade, o Brasil era o senhor da partida, rei em campo, dono das jogadas. Com a Venezuela, aconteceu uma notabilíssima.

Terminou o primeiro tempo com 0 x 0. Segundo diziam os rapazes, o Brasil estava uma vergonha, ao passo que o adversário dominava todos os 45 minutos. Vem o segundo tempo e, em dado momento, há um gol do Brasil. E, então, um dos nossos cronistas mais ilustres e, ao mesmo tempo, mais imparciais, grita ao microfone: — “O João vai recuar Pelé para sustentar o escore!” Para não tomar o tempo do leitor, direi apenas que ganhamos de 5 x 0.

Claro que nem todos eram assim. Mas a maioria, sim. E antes de partir, a seleção teve uma experiência terrena do inferno. Certa vez, em São Paulo, os nossos jogadores receberam uma vaia de noventa minutos. Muitos confrades afirmavam que não passaríamos da primeira partida. Outros crocitavam: — “Vai ser pior do que em 66.” Nunca se viu um escrete tão humilhado e tão ofendido.

Eu escrevi no dia em que o time nacional saiu daqui: — “Partiu o escrete. Terminou o seu exílio.” E não deu outra coisa. No México, o nosso escrete assumiu a sua verdadeira e gigantesca dimensão. Paulo Cézar, que, aqui, debaixo de vaias, não sabia nem tirar um arremesso lateral, mostrou o que sempre foi, isto é, um jogador extraordinário. Vamos esquecer os próximos jogos. Mas o que aconteceu até aqui prova, por A + B, que não há um escrete que se compare ao nosso. Foram maravilhosas as nossas exibições contra a Tchecoslováquia, contra a Inglaterra, contra a Romênia, contra o Peru.

E os “entendidos”, que negavam de pés juntos a seleção, que dizem agora? Não dizem nada. Estão rosnando de impotência e frustração. Acabo de receber uma carta de Alfredo C. Machado, brasileiro puro, do legítimo, do escocês. E ele me informa que as hienas, os abutres, os chacais depositam agora as suas esperanças nos uruguaios. A maioria da imprensa ainda não desconfiou que este

é o melhor escrete do Brasil. Não sei o que será para o futuro. Mas até aqui os nossos jogos têm sido de uma facilidade constrangedora.

Mas eu não queria concluir sem falar de um “entendido” que foi ao México expressamente para admirar o futebol europeu em geral e o inglês em particular. E ele escreveu não sobre Brasil x Inglaterra, mas sobre a Inglaterra. Em duas colunas, de alto a baixo, só fala dos ingleses, só admira os ingleses, só exalta os ingleses. Cheguei à última linha certo de que o Brasil lá não compareceu. E, então, a Inglaterra jogou consigo mesma, para si mesma, defendeu-se de si mesma e atacou-se a si mesma.

Perguntará o leitor, que é de uma espessa ingenuidade: — “E o gol do Brasil?” Custa a crer que sem lá ter ido o Brasil lograsse um gol prodigioso. Vale a pena contar o lance. Foi assim: — Tostão recebe de Paulo Cézar e dribla um inglês, mais outro, outro mais. Em seguida, vira para Pelé. Este entrega a Jairzinho, que ultrapassa um sétimo inglês e encaçapa. Mas o ilustre colega não admira esse lance genial. Em compensação, porém, baba com os chuveirinhos da Inglaterra. Aí está: — a grande, a inexcedível, a originalíssima, a espantosa novidade do futebol inglês foi o chuveirinho.

O Globo, 16/6/1970

Até Deus, lá do alto, há de admirar-se e há de concluir: — “Esse Garrincha é o maior!” O “seu” Mané não trata a bola a pontapés como fazem os outros. Não. Ele cultiva a bola, como se fosse uma orquídea rara.

Tomar ou não tomar o Chicabon?, eis a questão[19]

Amigos, eu podia fazer de Saldanha o meu personagem da semana. É um técnico malicioso, astuto, sutil. Nós sabemos que nem todos os técnicos usam o raciocínio. E Saldanha tem isto de bom: — sabe pensar. Sempre que o Botafogo vence, podemos estar certos de que foi grande, foi considerável a influência de Saldanha no triunfo. Mas, por hoje, o meu personagem da semana é outro. Antecipo suas iniciais: Garrincha. Eu disse que Saldanha pensava. Pois acontece o contrário com Garrincha. Sim, amigos: Garrincha não pensa, nem precisa pensar. Saldanha ou qualquer outro vive do raciocínio. Nós pensamos todos os nossos atos. Não fazemos nada sem um penoso processo mental. Antes de atravessar a rua, ou de chupar um Chicabon, o homem normal é lacerado de dúvidas. Ele estaca diante da carrocinha amarela e, acometido de uma perplexidade hamletiana, pergunta, de si para si: — “Tomo ou não tomo o

Chicabon? Talvez seja melhor não tomar o Chicabon. Ou devo tomar?” Em futebol, a mesma coisa. Ao praticar um reles arremesso lateral, o jogador esbanja um tempo precioso ao escolher o companheiro que deve receber a bola. O ser humano pensa demais e é pena, pois a vida é, justamente, uma luta corporal contra o tempo. Repito: — o ser humano vive pouco porque pensa muito. Ora, a máxima característica terrena de Garrincha é a seguinte: — ele não precisa pensar. E, por isso, porque não pensa, posso apontá-lo como a única sanidade mental do Brasil. Por ocasião da Copa do Mundo foi cômico, ou melhor, foi sublime. Tínhamos, na delegação, uma preciosidade, que era o psicólogo, o dr. Carvalhais. No seu primeiro contato com Garrincha, o dr. Carvalhais caiu na mais torva e dolorosa perplexidade. Pela primeira vez, em toda a sua experiência humana e profissional, descobria alguém que jamais usara o raciocínio. Imagino que o preclaro dr. Carvalhais há de ter concluído: — “Esse cara não pode jogar!” Foi preciso que os colegas do “seu” Mané explicassem: — “O Garrincha é assim, mas joga pra burro!” E, de fato, tido como retardado, Garrincha provou, no Campeonato do Mundo, que retardados somos nós, e repito: — nós que pensamos, nós que raciocinamos. Resta perguntar: — se Garrincha não pensa, vive então de quê? Vive do instinto, da prodigiosa e instantânea clarividência do instinto. Enquanto os outros se atrapalham e se confundem de tanto pensar, Garrincha age com rapidez instintiva e incontrolável. Foi assim na Suécia. Ninguém pensa mais do que o europeu. Mas enquanto o sueco, o francês ou o galês pensavam no que faria “seu” Mané, já o brasileiro se tinha disparado como um tiro, já invadira a área inimiga, com uma velocidade superior à do som, da luz. Viu-se, então, que o raciocínio é uma draga, uma carroça diante da agilidade vertiginosa do instinto.

Ainda ontem, Garrincha, no jogo Botafogo x Flamengo,[20] foi quem deu melhor nível, melhor qualidade ao jogo. Ao lado do estádio, no Maracanãzinho, exibiam-se, no mesmo instante, com um êxito estrondoso, os acrobatas chineses. Então, eu pensei cá comigo: — por que cargas d’água esses chineses vieram de tão longe se temos aqui, à mão, nas nossas barbas, um “seu” Mané, que é mil vezes mais acrobático? E com uma vantagem a mais para o nosso patrício: — nos rapazes da China o que existe é o esforço, é a técnica, é o virtuosismo, ao passo que Garrincha é puro instinto. Possui uma

riqueza instintiva que lhe dá absoluto destaque sobre os demais. Até Deus, lá do alto, há de admirar-se e há de concluir: — “Esse Garrincha é o maior!” O “seu” Mané não trata a bola a pontapés como fazem os outros. Não. Ele cultiva a bola, como se fosse uma orquídea rara. Domingo, ele puxou o Botafogo para a vitória. Ao avançar, ia desintegrando a defesa rubro-negra. O centro que deu para a cabeçada de Paulinho, o centro de Garrincha só faltou falar, tão justo, exato, perfeito, irretocável. Sim, amigos: “seu” Mané ensina-nos que nada é mais lindo do que a velocidade. Ninguém tem, ninguém, a instantaneidade dos seus reflexos! Diante dele, que não pensa, todos nós, que pensamos, somos uns lerdos, uns bovinos, uns hipopótamos. E porque Garrincha não pensa mesmo, eu faço dele, com muita honra, o meu personagem da semana.

Manchete Esportiva, 15/11/1958

Disse Rilke que a glória, o que chamamos glória, é a soma de mal-entendidos em torno de um homem e de uma obra. E não só a glória. Também a desonra pode ser outra soma de mal-entendidos.

O grande sol do escrete[21]

Disse Rilke que a glória, o que chamamos glória, é a soma de mal-entendidos em torno de um homem e de uma obra. E não só a glória. Também a desonra pode ser outra soma de mal-entendidos. Qualquer um de nós já amou errado, já odiou errado. Eu próprio, certa vez, desprezei um homem, tive por esse homem a maior náusea ética. Não podia vê-lo sem que minha úlcera desse pulinhos de rã. Sem fazer segredo do meu horror, chamei-o, em público, de cadáver moral.

Eu teria, na ocasião, 17 anos. E o adolescente vive de falsos horrores. Tempos depois, verifiquei que estava errado, errado de alto a baixo. O homem que eu supunha infame era, na verdade, uma dessas nobilíssimas figuras exemplares, um falso defunto moral. Quase um santo.

Eis o que eu queria dizer: — dedico esta crônica aos equívocos que, em certos casos, inauguram a estátua e, em outros, desencadeiam a vaia. Começarei falando de Pelé, o divino crioulo.

Muitíssimas vezes, Pelé foi estátua e, muitíssimas vezes, foi vaia. Eu me lembro de um jogo do escrete em que jogou mal ou, como diz a gíria, jogou pedrinhas. E, no fim de certo tempo, explodia a ira da multidão. No futebol, a apoteose está sempre a um milímetro da vaia. Não sei se todos se lembram de um fato muito curioso. Num jogo Brasil x Inglaterra, aqui, no ex-Maracanã, ao ser anunciado o nome de Julinho, todo o estádio vaiou. Mas começa o jogo. Julinho fez uma série de jogadas perfeitas, irretocáveis. Em dez minutos, o que era humilhação passou a ser apoteose. E assim Julinho teve a fulminante reabilitação.

Volto a Pelé. Repito que, naquela tarde, ele foi pouquíssimo Pelé. E, então, começou a fúria popular. A ninguém ocorria que o supercraque não precisa jogar bem. O perna de pau é que tem de se matar em campo. De mais a mais, o gênio pode ter as suas nostalgias da burrice. Em outro plano, Sartre, o grande Sartre, andou por aqui e disse coisas de que se envergonharia Luvizaro. Podia dizê-las, porque era Sartre. Por exemplo, afirmou o grande homem: — "O marxismo é inultrapassável". O já citado Luvizaro não diria isso. Ele sabe que, daqui a quinze minutos, o marxismo pode estar ultrapassado por coisa muito melhor. Mas o que sabe Luvizaro Sartre pode ignorar, porque é Sartre.

E, em qualquer clássico ou pelada, Pelé pode fazer tudo, porque é Pelé. Se abrir a *Revista do Rádio*[22] no meio do campo, estará usando um dos privilégios do gênio. Mas a multidão não perdoa, em Pelé, um passe errado. Se vinha o adversário e frustrava o seu drible, Pelé era quase apedrejado como uma adúltera bíblica. Éramos, ao todo, umas 150 mil pessoas. E dizíamos, uns aos outros, que Pelé já não era o mesmo. Houve um, mais afoito, que declarou: — "Pelé está morto."

Ninguém protestou. Ou por outra, houve, sim, um protesto. Estava lá o Manoel Duque, que reagiu e gritou: — "Pelé continua sendo o maior jogador do mundo." E, como um outro resmungasse, o Duque repetia: — "O maior jogador do mundo, em todos os tempos." Mas, como ia dizendo: — vaiaram Pelé os noventa minutos. Posso dizer que influiu na vaia, além do mais, um certo cansaço, um certo tédio do mito. A multidão precisa destruir os mitos que promove.

A partir de então, não só o homem de arquibancada, também os “entendidos”, também os técnicos, também os cronistas começaram a meter a picareta na estátua de Pelé. Tem sido uma alegre demolição. O crioulo passou a ser o responsável por todos os males que afligiam a seleção. Fui a um sarau de grã-finos e lá ouvi alguém jurar: — “Pelé morreu para o futebol.”

Chegou a correr a notícia de que seria barrado do escrete e do Santos. Ou por outra: — do Santos, não, porque seu nome ainda é bilheteria. Cheguei a imaginar que, humilhado, ofendido, ele próprio saísse da seleção. Mas diz a minha vizinha gorda e patusca: — “Nada como um dia depois do outro.”

Já na classificação, Pelé teve momentos de Pelé. Mas insistíamos, obsessivamente: — “Não é o mesmo! Não é o mesmo!” E, para todo mundo, menos o Manoel Duque, já deixara de ser o maior jogador do mundo. Duque vivia repetindo: — “Mesmo jogando a metade do que sabe, ainda é o maior.” Até que chegou a primeira partida do Brasil, na Copa contra os tchecos. Ora, segundo todos os críticos de futebol, a Tchecoslováquia era um dos mais formidáveis concorrentes ao título mundial. Enquanto o Brasil se preparava em quinze dias, ela se cuidou durante quatro anos. Era assim uma potência da Jules Rimet.

Desde os primeiros momentos sentiu-se que o Rei era um falso defunto do futebol ou, mais do que isso, um salubérrimo defunto, a explodir de saúde. Aliás, recuando um pouco, eu poderia falar do jogo recente, aqui, no Mário Filho, contra a Áustria, onde Pelé foi maravilhosamente Pelé. Mas o que importa, de momento, é a nossa estreia de quarta-feira. Foi, em primeiro lugar, um homem isento de idade, isento de tempo, com uma vitalidade de 17 anos. Defendeu e atacou, estava em todas as posições ao mesmo tempo. Inventou jogadas que nenhum outro jogador faria, em qualquer tempo.

Foi no primeiro tempo? Não: — no segundo. Exatamente, no segundo tempo. l x l ainda no marcador. Recomeça a partida e Pelé estava ainda no campo brasileiro. Apanha a bola. E, súbito, recebe a visita do próprio gênio. Viu que o goleiro tcheco estava fora de posição, muito adiantado. Fez, então, o que não ocorreria a ninguém. De onde estava, deu um prodigioso tiro de cobertura. A TV, que não sabe fantasiar e tem o escrúpulo da mais exata veracidade, descreveu-nos o lance.

A câmera, numa tomada por trás do gol, mostra toda a curva implacável da bola. Por um momento, ninguém entendeu. Por que Pelé não passou? Por que atirava de tão espantosa distância? E o goleiro custou a perceber que era ele a vítima. Seu horror teve qualquer coisa de cômico. Pôs-se a correr, em pânico. De vez em quando, parava e olhava. Lá vinha a bola. Parecia uma cena d'*Os três patetas*. E, por um fio, não entra o mais fantástico gol de todas as Copas passadas, presentes e futuras. Os tchecos parados, os brasileiros parados, os mexicanos parados — viram a bola tirar o maior fino da trave. Foi um cínico e deslavado milagre não ter se consumado esse gol tão merecido. Aquele foi, sim, um momento de eternidade do futebol.

Pelé nunca foi tão alto no seu gênio. Mas por que fez isso? Simplesmente, ali o Rei se vingava das nossas vaias. E não só ele: — também o escrete, todo o escrete. Bem sei que as hienas da crônica ainda uivam contra a defesa. "Há falhas, há falhas", rosnam as hienas (nas minhas crônicas as hienas rosnam). Lendo certos colegas, eu penso num velho episódio. Estava eu em Teresópolis, num edifício de apartamentos. Desci com a cachorrinha. Fazia uma diáfana manhã parnasiana, de um azul de soneto. No jardim, eu tremia. E, de repente, lá da janela, um vizinho pôs-se a esbravejar. Sabem por quê? Porque a cadelinha acabara de sujar o gramado. E, então, o sujeito achou que a porcaria mínima era mais importante, mais transcendente do que o céu, a floresta, a luz, as fontes, os pássaros. Assim fazem os cronistas que esquecem uma exibição deslumbrante para catar falhinhas que têm, cada uma, o tamanho de uma pulga.

Amanhã jogaremos com a Inglaterra. Eu sei que a Inglaterra é grande. Mas nós somos maiores, porque somos Brasil, imensamente Brasil, eternamente Brasil.

O Globo, 6/6/1970

A verdade é que, apesar de todas as convenções disciplinares do profissionalismo, o futebol vive muito da bravura pessoal dos craques. O sujeito pusilânime, o sujeito covarde, dá menos no couro.

Almir, nosso Pelé branco[23]

Amigos, não há de ser difícil catar o meu personagem da semana entre os 22 jogadores de Vasco x Flamengo (digo 22 e já amplio: mais, por causa das substituições). Mas, como eu ia dizendo, o personagem pula do jogo como um elástico polichinelo. Chama-se Almir, e os locutores costumam tratá-lo de “Pernambuquinho”. Eu sei que se forma sobre o craque vascaíno um caudaloso anedotário. E nós sabemos que a anedota desfigura, que a anedota falsifica. Em tudo que se diz sobre Almir, já é difícil discriminar o que é verdade e o que é folclore.

Por exemplo: contam que Almir xinga os adversários. Então pergunto: será o primeiro? Não me parece. O futebol jamais foi mudo, jamais exigiu do craque um silêncio de sarcófago. Direi mais, se me permitem: o futebol é o mais falado e o mais pornográfico dos esportes. Durante os noventa minutos, tanto os craques em campo como o torcedor nas arquibancadas rugem os

palavrões mais resplandecentes do idioma. Dir-se-ia que tanto o público como o craque têm, no berro pornográfico, um estímulo vital, precioso e irresistível. E se o meu personagem xinga os adversários, não faz outra coisa senão insistir num hábito que data dos nautas camonianos. Repito: o futebol se nutre de pornografia como uma planta de luz. E Almir apresenta outras qualidades que convém não desprezar.

Uma delas é a coragem. Todos nós o conhecemos, e uma coisa é certa: para usar uma expressão textual da torcida, ele não foge do pau. A verdade é que, apesar de todas as convenções disciplinares do profissionalismo, futebol vive muito da bravura pessoal dos craques. O sujeito pusilânime, o sujeito covarde, dá menos no couro. Há momentos, num jogo, em que o camarada precisa enfiar a cara no pé do inimigo. Mas Almir, justiça se lhe faça: ainda quarta-feira, na partida do Pacaembu, contra os paulistas, levou um chute que quase lhe abriu o rosto em dois. Cá, no Rio, vendo televisão, eu fiz meus cálculos: “Morreu.” Ele desabou como aquele edifício de Copacabana. Mas não veio nenhum rabecão pescá-lo, nem foi preciso. Era apenas um nocaute provisório. Mas o episódio encerrava uma lição de vida e de futebol.

Amigos, a minha teoria é a seguinte: o jogador que nunca levou um pé na cara não amadureceu ainda para os grandes triunfos. Por exemplo: estamos diante do Sul-Americano de Buenos Aires. Qualquer Sul-Americano é duríssimo, e, em Buenos Aires, muito mais. Um escrete nosso, para enfrentar os argentinos, lá, terá de ser, antes de tudo, o escrete da coragem. O sujeito que tiver medo de careta não pode nem sonhar com a seleção patrícia. E Almir é um dos que podem comparecer, de peito aberto e lavado, ao certame continental, disposto a dar e a levar botinada. É pequenininho, mas como diz a sabedoria anônima e plebeia: tamanho nunca foi documento. Já o vi derrubar sujeitos maciços, compactos, grandalhões, como bastilhas supostamente inexpugnáveis.

Por outro lado, tem um futebol de primeira qualidade. O jogo de ontem não me deixa mentir. Poucos jogadores, aqui ou em qualquer lugar, terão, como ele, a capacidade de varar a defesa contrária. Ele passa pelos adversários, vertiginosamente.

Tem uma penetração e uma velocidade de bala. Contra o Flamengo, por ocasião do pênalti, Almir deflagrou-se e ia entrar, talvez, com bola e tudo,

quando o agarraram pelo braço, pela camisa. E não foi só uma vez. Em inúmeras oportunidades, o meu personagem construiu jogadas que podiam ser incorporadas a uma antologia, a um museu. O encontro terminou empatado de 2 x 2, e Almir obrigou a defesa do Flamengo a molhar a camisa até a última gota de suor.[24]

No Sul-Americano, ele constitui uma preciosidade para o Brasil. Admitamos a hipótese sinistra de que Pelé não possa, eventualmente, entrar num jogo qualquer. Que melhor substituto do que Almir? Tanto mais que são ambos agarotados. Embora mais velho, o craque cruz-maltino parece tão menino quanto o paulista. E vamos e venhamos: Almir não deixa de ser um pouco o Pelé branco.

Manchete Esportiva, *7/3/1959*

Mas o povo, com o seu instinto agudo, sua vidência terrível, reconhece e aponta os jogadores que “comem” a bola, como se a estraçalhassem nos dentes, fazendo esguichar o sangue
da redonda.

Coutinho não é nome de jogador de futebol! [25]

Amigos, o jogo Santos x Vasco, que deu o título ao Santos, comporta vários personagens da semana.[26] Antes de mais nada, teríamos a diretoria do clube da Cruz de Malta. E que fez ela, a diretoria do Vasco da Gama, para que assim eu a destaque, em alto relevo? Fez apenas isto: atirou às feras um time de reservas, remeteu o time de reservas para o matadouro do Pacaembu. Qualquer paralelepípedo previra o que, fatalmente, aconteceu. O Santos deu um passeio, um baile, um banho de futebol. Imagino que, a essas horas, nas prateleiras de São Januário, as taças, os troféus inumeráveis hão de estar chocalhando de humilhação. Vamos e venhamos: a Cruz de Malta não merecia tão horroroso vexame. E o velho almirante, o próprio do Caminho das Índias, se vivo fosse,

estaria sentado num meio-fio, a chorar lágrimas de esguicho. Glória, pois, ao imortal Barbosa. Debaixo dos três paus, ele foi algo como uma rocha oceânica, como uma bastilha invicta. Amigos, sua velhice não é velhice, mas uma soberba, uma salubérrima eternidade. E o falso velhinho impediu que a goleada fosse mais abundante, mais torrencial.

Mas eu não farei da diretoria cruz-maltina o meu personagem da semana. Não. Repito: o meu personagem da semana há de ser um santista. E penso no ataque. Sim, amigos: o Santos não é como os outros. Qualquer time é um conjunto, que inclui o goleiro, a zaga, os médios e os cinco dianteiros. No Santos, não. No Santos tudo é ataque e só ataque. A defesa pode falhar, o goleiro pode papar frangos homéricos, frangos camonianos. Mas desde que o ataque esteja em estado de graça, de plenitude, não há o que temer. A gente não sabe como se chama o quíper,[27] a gente não se lembra como se chama o zagueiro. O que ninguém esquece é a linha, com suas penetrações fulgurantes, suas tramas geniais. Basta dizer o seguinte: o Santos tem um Pelé. Eu sei que Pelé, contra os ingleses, jogou pedrinhas. Mas é Pelé mesmo jogando mal, e vou mais além: Pelé, mesmo em casa, mesmo lendo gibi, já infunde um pânico religioso. E, além do Pelé, o ataque do Santos tem o Coutinho. Lembro-me que ao ouvir falar em Coutinho, pela primeira vez, tomei um susto. Comentei, então, de mim para mim: “Coutinho não é nome de jogador de futebol!” De fato, o nome influi muito para o êxito ou para o infortúnio. Napoleão, se tivesse outro nome, já seria muito menos napoleônico. Outro exemplo: por que é que Domingos da Guia foi o que foi? Porque esse “da Guia” dava-lhe um halo de fidalgo espanhol, italiano, sei lá. Ainda hoje, o sujeito treme quando ouve falar em “da Guia”. Mas o Coutinho tem contra si o nome. O sujeito que se chama apenas Coutinho dá logo a ideia de pai de família, de Aldeia Campista, Vila Isabel, Engenho Novo, com oito filhos nas costas e a simpatia pungente de um barnabé. Pois bem. Apesar de chamar-se liricamente Coutinho, o meu personagem da semana é um monstro, um Drácula, um “Vampiro da Noite” de futebol. Eu não sei se me entendem a imagem. Mas o Coutinho não sugere outra coisa, senão o sujeito que come a bola de uma maneira, por assim dizer, material, física. Ao sair de campo, parece-lhe escorrer dos lábios o sangue, ainda vivo, ainda efervescente da bola recém-vampirizada.

As inteligências simples, bovinas e, atrevo-me mesmo a dizê-lo, vacuns, hão de rosnar: “Literatura!” Parece, amigos, parece! Mas o povo, com o seu instinto agudo, sua vidência terrível, reconhece e aponta os jogadores que “comem” a bola, como se a estraçalhassem nos dentes, fazendo esguichar o sangue da redonda. E se, na verdade, existem os “tarados” da pelota, Pelé ou Coutinho há de ser um deles. Com o doce e inofensivo nome de Coutinho, o meu personagem fez, ontem, contra o Vasco, barbaridades sem conta. A um confrade que veio, de avião, do Pacaembu, eu perguntei: “Que tal o Coutinho?” O colega baixa a voz: “Bárbaro!” Insisti: “E o Pelé?” Resposta: “Bárbaro!” Fui adiante: “E Dorval? Pepe?” A tudo, o sujeito respondia, de olho rútilo: “Bárbaro!” Então, eu me convenci, de vez, que o ataque do Santos se constitui, realmente, de sujeitos que não respeitam e, pelo contrário, brutalizam a bola, e cravam, nela, os seus caninos de vampiro. Só o Coutinho fez, contra a velhice genial e quase imbatível de Barbosa, dois gols. Dizem que, nas bolas altas, ele se tornava elástico, acrobático, alado. O seu salto realmente era um voo.

Guardem esse nome de pai de família e de barnabé: Coutinho. Ou muito me engano ou estará ele no escrete brasileiro que, se Deus quiser, vai ser bicampeão no Mundial do Chile.

Manchete Esportiva, 23/5/1959

Um atacante, um médio e mesmo um zagueiro podem falhar. Podem falhar e falham vinte, trinta vezes num único jogo. Só o arqueiro tem que ser infalível.

O tempo e a eternidade[28]

Amigos, o velho Barbosa está fora do Brasil. Mas não importa e explico: — a ausência do verdadeiro craque é tão ativa, militante e absorvente como a presença viva. Só o perna de pau consegue ser esquecido. Um Barbosa, não. Está na longínqua e quase inexistente Escandinávia e continua sendo fato, continua sendo notícia. Ausente dá uma sensação de presença física.

O velho Barbosa! Digo "velho" e já retifico: — não é velho coisa nenhuma. Amigos, não existe a menor relação entre Barbosa e a sua idade. Ou melhor: — idade e pessoa não coincidem no arqueiro vascaíno. Ele tem o quê? Uns 37, 38 anos. Para as outras atividades, o sujeito pode ter isso ou mais, impunemente. Mas o tempo, no futebol, é rapidíssimo. Um minuto vale um mês ou mais. E, aos 37 anos, o indivíduo é gagá para a bola, e insisto: — o indivíduo baba de uma velhice irremediável. A própria bola, o refuga e trai. E Barbosa continua notícia, continua fato pelo seguinte: — porque é eterno.

E quando Barbosa joga acontece apenas isto: — ele esfrega a sua eternidade na cara da gente. Há dias, escrevi, aqui mesmo, que se trata da eternidade mais

viçosa já ocorrida no futebol brasileiro. No comum dos mortais, a vida é uma luta corpo a corpo contra o tempo. O sujeito olha a folhinha e toma um susto ao verificar que estamos em 59. 1959! É o caso de perguntar: — "Já?" Sim, amigos: — Já! Para Barbosa o problema de folhinha e de relógio não existe. É o homem sem tempo, que esqueceu o tempo, que vive sem o tempo, muitíssimo bem. Há os que rosnam: — "Barbosa pinta os cabelos!" De fato, tem já cabelos brancos. Aí o único detalhe de velhice na sua figura ágil, elástica, acrobática.

O problema do arqueiro, porém, não se resume ao desgaste físico. Não. Ele sofre um constante, um ininterrupto desgaste emocional. Debaixo dos três paus, parado, dá ideia de um chupa-sangue que não faz nada, enquanto os outros se matam em campo. Ilusão! Na verdade, mesmo sem jogar, mesmo lendo gibi, o goleiro faz mais do que o puro e simples esforço corporal. Ele traz consigo uma sensação de responsabilidade que, por si só, exaure qualquer um. Amigos, eis a verdade eterna do futebol: — o único responsável é o goleiro, ao passo que os outros, todos os outros, são uns irresponsáveis natos e hereditários. Um atacante, um médio e mesmo um zagueiro podem falhar. Podem falhar e falham vinte, trinta vezes num único jogo. Só o arqueiro tem que ser infalível. Um lapso do arqueiro pode significar um frango, um gol, e, numa palavra, a derrota. Vejam 50. Quando se fala em 50, ninguém pensa num colapso geral, numa pane coletiva. Não. O sujeito pensa em Barbosa, o sujeito descarrega em Barbosa a responsabilidade maciça, compacta da derrota. O gol de Ghiggia ficou gravado, na memória nacional, como um frango eterno. O brasileiro já se esqueceu da febre amarela, da vacina obrigatória, da espanhola, do assassinato de Pinheiro Machado. Mas o que ele não esquece, nem a tiro, é o chamado "frango" de Barbosa.

Qualquer um outro estaria morto, enterrado, com o seguinte epitáfio: — "Aqui jaz Fulano, assassinado por um frango." Ora, eu comecei a desconfiar da eternidade de Barbosa quando ele sobreviveu a 50. Então, concluí de mim para mim: "Esse camarada não morre mais!" Não morreu e pelo contrário: — está cada vez mais vivo. Nove anos depois de 50, ele joga contra o Santos, no Pacaembu. Funcionou num time de reservas contra um dos maiores, senão o maior time do Brasil. E foi trágico, amigos, foi trágico! Começa o jogo e, imediatamente, Pelé invade, perfura e, de três metros, fuzila. Fosse outro, e não

Barbosa, estaria perguntando, e até hoje: — “Por onde entrou a bola?” Barbosa defendeu e com que soberbo descaro! Daí para frente, a partida se limitou a um furioso duelo entre o solitário Barbosa e o desvairado ataque santista. Foi patético, ou por outra — foi sublime. E porque, na sua eternidade salubérrima, ainda fecha o gol, eu faço de Barbosa o meu personagem da semana.

Manchete Esportiva, 30/5/1959

O arqueiro nem viu por onde a bola entrou. Esse gol foi uma obra-prima e devia estar numa vitrine de turismo, para a admiração pateta dos visitantes.

A memória é uma vigarista[29]

Amigos, Julinho começou a ser o meu personagem da semana a partir do momento em que o vaiaram. Foi, até, se me permitem a expressão, trágico. Insisto: trágico! Quem estava lá viu ou, por outra, ouviu. No instante em que o alto-falante do Maracanã anunciou Julinho em lugar de Garrincha, o estádio entupido foi uma vaia só.[30] Menos eu. Eis a verdade: — eu não apupei, embora preferisse Garrincha. Parecia-me que o escrete sem o "seu" Mané era um mutilado. Na pior das hipóteses, eu achava que o Feola devia ter posto os dois: — Julinho na ponta-direita e Garrincha na esquerda. Mas um técnico tem razões que a razão desconhece. Puseram só Julinho e esqueceram o Garrincha. Verificou-se, então, o amargo e ululante desagrado da multidão. Naquele momento, ninguém se lembrou, no Maracanã e fora dele, de quem é Julinho na história do futebol brasileiro. Sim, amigos: — o homem andou pela Itália e quando voltou nós o olhamos, de alto a baixo, como se fosse um gringo qualquer, ou pior do que isso, como se fosse um perna de pau. Não há nada mais relapso do que a memória. Atrevo-me mesmo a dizer que a memória é uma

vigarista, uma emérita falsificadora de fatos e de figuras. Por exemplo: — ninguém se lembrava de que, no Mundial da Suíça, contra os húngaros, Julinho fizera um carnaval medonho. De certa feita, driblara toda a defesa contrária para finalizar com uma bomba, e que bomba! O arqueiro nem viu por onde a bola entrou. Esse gol foi uma obra-prima e devia estar numa vitrine de turismo, para a admiração pateta dos visitantes. Pois bem: — ao ser anunciada a escalação de Julinho, a nossa memória apresentou-nos a imagem não autêntica, não fidedigna do craque, mas de um quase penetra do escrete.

Ao ouvir o apupo, eu fui um pouco oracular para mim mesmo. Imaginei o seguinte vaticínio: — "Julinho vai comer a bola!" Podia parecer uma piada e, no entanto, era uma grave profecia. Eis a verdade: — para o jogador de caráter uma vaia é um incentivo fabuloso, um afrodisíaco infalível. Imagino que Julinho há de ter entrado em campo crispado da cabeça aos sapatos ou, retifico, às chuteiras. Nunca um craque foi tão só. Era um único contra duzentos mil. Mas, homem de brio indomável, Julinho aceitou a luta: — bateu-se contra a multidão que o cercava por todos os lados, disposta a crucificá-lo em outras vaias. Mas se nós tínhamos esquecido Julinho, Julinho não estava esquecido de si mesmo. Foi Julinho em cada um dos 45 minutos, foi sempre Julinho e só Julinho. Em inúmeras ocasiões, o que ele fez com o adversário foi pior que xingar a mãe. E o primeiro gol, ah, o primeiro gol! Ele o marcou contra os ingleses, sim, mas também contra os que o vaiaram. Enfiou a bola de uma maneira, por assim dizer, sádica.

Jamais houve um gol tão amorosamente sofrido como este. A partir da abertura da contagem, todo mundo passou a reconhecê-lo, todo mundo admitiu para si mesmo: — "Este é o Julinho!" E era.

Ele não parou mais. Aquela multidão se arremessara contra ele como um touro enfurecido. Pois bem: — ele agarra o touro à unha e lhe quebra os chifres. Então, aconteceu o milagre. O ex-touro brabo, já manso, tornou-se outro bicho. Sim, amigos: — do primeiro gol em diante, a multidão transformou-se na macaca de auditório de Julinho. Se ele apanhava a bola, os duzentos mil espectadores arreganhavam o riso enorme e já gozavam, por antecipação, o que o Julinho iria fazer. Vejam vocês as ironias da vida e do futebol: — de um momento para outro, o vaiado, o apupado, o quase cuspido transformava-se num

triunfador. E, de fato, Julinho foi grande. Nos pés de Julinho a jogada se enfeitava como um índio de carnaval. De certa feita, come um, dois, três, quatro e quase entra com bola e tudo. Imagino que, nesse momento, Lorde Nelson há de ter perguntado, lá do alto, para o mais próximo companheiro de eternidade: — "Quem é esse cara?" O "cara" era Julinho, sempre Julinho.

Assim é o brasileiro de brio. Deem-lhe uma boa vaia e ele sai por aí, fazendo milagres, aos borbotões. Amigos, cada jogada de Julinho foi exatamente isto: — um milagre de futebol.

Manchete Esportiva, 16/5/1959

A pura, a santa verdade é a seguinte: — qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: — temos dons em excesso.

Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética[31]

Hoje, vou fazer do escrete o meu numeroso personagem da semana. Os jogadores já partiram e o Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética. Nas esquinas, nos botecos, por toda a parte, há quem esbraveje: — "O Brasil não vai nem se classificar!" E, aqui, eu pergunto: — não será esta atitude negativa o disfarce de um otimismo inconfesso e envergonhado?

Eis a verdade, amigos: — desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: — menos a dor de cotovelo que nos ficou dos 2 x 1.[32] E custa crer que um

escore tão pequeno possa causar uma dor tão grande. O tempo passou em vão sobre a derrota. Dir-se-ia que foi ontem, e não há oito anos, que, aos berros, Obdulio arrancou, de nós, o título. Eu disse “arrancou” como poderia dizer: — “extraiu” de nós o título como se fosse um dente.

E, hoje, se negamos o escrete de 58, não tenhamos dúvida: — é ainda a frustração de 50 que funciona. Gostaríamos talvez de acreditar na seleção. Mas o que nos trava é o seguinte: — o pânico de uma nova e irremediável desilusão. E guardamos, para nós mesmos, qualquer esperança. Só imagino uma coisa: — se o Brasil vence na Suécia, se volta campeão do mundo! Ah, a fé que escondemos, a fé que negamos, rebentaria todas as comportas, e sessenta milhões de brasileiros iam acabar no hospício.

Mas vejamos: — o escrete brasileiro tem, realmente, possibilidades concretas? Eu poderia responder, simplesmente, “não”. Mas eis a verdade: — eu acredito no brasileiro, e pior do que isso: — sou de um patriotismo inatual e agressivo, digno de um granadeiro bigodudo. Tenho visto jogadores de outros países, inclusive os ex-fabulosos húngaros, que apanharam, aqui, do aspirante enxertado do Flamengo. Pois bem: — não vi ninguém que se comparasse aos nossos. Fala-se num Puskas. Eu contra-argumento com um Ademir, um Didi, um Leônidas, um Jair, um Zizinho.

A pura, a santa verdade é a seguinte: — qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: — temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de “complexo de vira-latas”. Estou a imaginar o espanto do leitor: — “O que vem a ser isso?” Eu explico.

Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do

empate. Pois bem: — e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: — porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos.

Eu vos digo: — o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender lá na Suécia. Uma vez que ele se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele precisará de dez para segurar, como o chinês da anedota. Insisto: — para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão.

Manchete Esportiva, 31/5/1958

Foi a vitória do escrete, e mais: — foi a vitória do homem brasileiro, que é, sim, o maior homem do mundo. Hoje o Brasil tem a potencialidade criadora de uma nação de napoleões.

A Rússia e os Estados Unidos começaram a ser o passado[33]

Amigos, estamos atolados na mais brutal euforia. Ontem, quando rompia a primeira estrela da tarde, o Brasil era proclamado bicampeão do mundo. Foi um título que o escrete arrancou de suas rútilas entranhas. E, a partir da vitória, sumiram os imbecis, e repito: — não há mais idiotas nesta terra. Súbito o brasileiro, do pé-rapado ao grã-fino, do presidente ao contínuo, o brasileiro, dizia eu, assume uma dimensão inesperada e gigantesca. O bêbado tombado na sarjeta, com a cara enfiada no ralo, também é rei. Somos 75 milhões de reis.

De sábado para domingo houve a feérica vigília do triunfo. Ninguém tinha dúvidas. Aí é que está, ninguém tinha dúvidas. E sofríamos, porque há também a angústia da certeza. Mas eu falava da grande véspera. Luzes de macumbas nas esquinas, botecos iluminados como velórios. Vinte e quatro horas antes da

batalha, já tropeçavam na rua os bêbados da vitória. Amigos, nunca foi tão fácil ser profeta.

Outrora o brasileiro era um inibido até para chupar Chicabon. Agora, não. Cada um de nós foi investido de uma vidência deslumbrante. Nós sentíamos o bi, nós o apalpávamos, nós o farejávamos. E, a partir de ontem, vejam como a simples crioulinha favelada tem todo o *élan*, todo o ímpeto, toda a luz de uma Joana D'Arc. De repente, todas as esquinas, todas as ruas estão consteladas de Joanas D'Arc. E os homens parecem formidáveis como se cada um fosse um são Jorge a pé — um são Jorge infante, maravilhosamente infante.

Mas falemos do escrete. Esse time de negros ornamentais, folclóricos, divinos deslumbrou o mundo. Foi o mais belo futebol que jamais olhos humanos contemplaram. Perdemos um Pelé. Mas o Brasil vive um momento de tão selvagem euforia que imediatamente descobrimos um novo Pelé. E repito: — feliz o povo que, na vaga de um gênio, põe outro gênio. Amarildo, o Possesso, surgiu contra a Espanha. Foi o novo Pelé proclamado.

Amigos, o Brasil fez no Chile um sofrido futebol, um futebol quase feio, um duro futebol de cara amarrada. Jogávamos para vencer. Amarildo, o dostoievskiano, enfiava-se pela área como um rútilo epiléptico. Ao marcar os dois gols contra os espanhóis, pendia dos seus lábios uma baba elástica e bovina. E Garrincha? Foi o gênio duplo do escrete. E, com efeito, foi genial por ele e por Pelé. Vocês se lembram dos seus dois gols contra o Chile. O Mané estava na meia-esquerda. No primeiro gol, ele se tornou leve, elástico, acrobático. Deu uma cabeçada que enterrou o Chile.

O gênio soprava, o gênio ventava por todo o escrete. E, ontem, foi uma jornada deslumbrante. Os tchecos abriram o escore: 1 x 0. Setenta e cinco milhões de brasileiros perguntavam um ao outro: — "Vamos repetir 50?" Mas a derrota de 50 liquidou o Brasil da derrota. O que eu queria dizer é que, em seguida ao gol da Tchecoslováquia, Amarildo apanha a bola. Nos dois últimos jogos ele fora bem pouco Amarildo e bem pouco Possesso. Desta vez, porém, partiu para o gol. Antes que o adversário pudesse esboçar o ferrolho, Amarildo dribla um, dribla dois. O goleiro adversário sai para cortar o centro. Era chegado o grande momento. E então o Possesso enfia a sua bomba entre o goleiro e a trave. A bola, também possessa, foi se cravar no fundo das redes. Parecia apenas

o empate, mas era já o bi. O trágico é que começara, de véspera, o carnaval da vitória. Nunca um povo teve uma certeza tão violenta e tão passional. O escrete tinha de vencer porque não era somente o escrete, era também o Brasil, era também o homem brasileiro.

No segundo gol, ainda Amarildo, ainda o Possesso. Nunca o Possesso foi tão dostoievskiano como no segundo gol. Novamente adernou para a esquerda. Nenhuma força humana ou divina poderia quebrar-lhe o ímpeto sagrado. Driblou não sei quantos. Lá estava Zito. E o Dostoiévski deu-lhe o gol. Brasil na frente. Batida a Tchecoslováquia. Veio o terceiro, de uma bola alta de Djalma Santos. Vavá, furioso como um cossaco do Don, ou do Kuban, meteu a cabeça. A Tchecoslováquia estrebuchou e pôs fogo pelas narinas, como o dragão de são Jorge.

Setenta e cinco milhões de brasileiros profetizaram a vitória. Amigos, depois da vitória não me falem na Rússia, não me falem nos Estados Unidos. Eis a verdade: — a Rússia e os Estados Unidos já começaram a ser o passado. Foi a vitória do escrete, e mais: — foi a vitória do homem brasileiro, que é, sim, o maior homem do mundo. Hoje o Brasil tem a potencialidade criadora de uma nação de napoleões. Convença-se, leitor: — você é napoleônico. Hoje, o personagem da semana é o escrete, é o Brasil, é o brasileiro, é cada um de nós, somos todos nós, possessos, amarildos do Brasil.

O Globo, 18/6/1962

O que nós chamamos de realeza é, acima de tudo, um estado de alma. E Pelé leva sobre os demais jogadores uma vantagem considerável: — a de se sentir rei, da cabeça aos pés.

A realeza de Pelé[34]

Depois do jogo América x Santos[35], seria um crime não fazer de Pelé o meu personagem da semana. Grande figura, que o meu confrade [Albert] Laurence chama de “o Domingos da Guia do ataque”. Examino a ficha de Pelé e tomo um susto: — dezessete anos! Há certas idades que são aberrantes, inverossímeis. Uma delas é a de Pelé. Eu, com mais de quarenta, custo a crer que alguém possa ter dezessete anos, jamais. Pois bem: — verdadeiro garoto, o meu personagem anda em campo com uma dessas autoridades irresistíveis e fatais. Dir-se-ia um rei, não sei se Lear, se imperador Jones, se etíope. Racialmente perfeito, do seu peito parecem pender mantos invisíveis. Em suma: — ponham-no em qualquer rancho e a sua majestade dinástica há de ofuscar toda a corte em derredor.

O que nós chamamos de realeza é, acima de tudo, um estado de alma. E Pelé leva sobre os demais jogadores uma vantagem considerável: — a de se sentir rei, da cabeça aos pés. Quando ele apanha a bola e dribla um adversário,

é como quem enxota, quem escorraça um plebeu ignaro e piolhento. E o meu personagem tem uma tal sensação de superioridade que não faz cerimônias. Já lhe perguntaram: — “Quem é o maior meia do mundo?” Ele respondeu, com a ênfase das certezas eternas: — “Eu.” Insistiram: — “Qual é o maior ponta do mundo?” E Pelé: — “Eu.” Em outro qualquer, esse desplante faria rir ou sorrir. Mas o fabuloso craque põe no que diz uma tal carga de convicção que ninguém reage, e todos passam a admitir que ele seja, realmente, o maior de todas as posições. Nas pontas, nas meias e no centro, há de ser o mesmo, isto é, o incomparável Pelé.

Vejam o que ele fez, outro dia, no já referido América x Santos. Enfiou, e quase sempre pelo esforço pessoal, quatro gols em Pompeia. Sozinho, liquidou a partida, liquidou o América, monopolizou o placar. Ao meu lado, um americano doente estrebuchava: — “Vá jogar bem assim no diabo que o carregue!” De certa feita, foi até desmoralizante. Ainda no primeiro tempo, ele recebe o couro no meio do campo. Outro qualquer teria despachado. Pelé, não. Olha para a frente, e o caminho até o gol está entupido de adversários. Mas o homem resolve fazer tudo sozinho. Dribla o primeiro e o segundo. Vem-lhe, ao encalço, ferozmente, o terceiro, que Pelé corta sensacionalmente. Numa palavra: — sem passar a ninguém e sem ajuda de ninguém, ele promoveu a destruição minuciosa e sádica da defesa rubra. Até que chegou um momento em que não havia mais ninguém para driblar. Não existia uma defesa. Ou por outra: — a defesa estava indefesa. E, então, livre na área inimiga, Pelé achou que era demais driblar Pompeia e encaçapou de maneira genial e inapelável.

Ora, para fazer um gol assim não basta apenas o simples e puro futebol. É preciso algo mais, ou seja, essa plenitude de confiança, de certeza, de otimismo que faz de Pelé o craque imbatível. Quero crer que a sua maior virtude é, justamente, a imodéstia absoluta. Põe-se por cima de tudo e de todos. E acaba intimidando a própria bola, que vem aos seus pés com uma lambida docilidade de cadelinha. Hoje, até uma cambaxirra sabe que Pelé é imprescindível na formação de qualquer escrete. Na Suécia, ele não tremerá de ninguém. Há de olhar os húngaros, os ingleses, os russos de alto a baixo. Não se inferiorizará diante de ninguém. E é dessa atitude viril e, mesmo, insolente, que precisamos.

Sim, amigos: — aposto minha cabeça como Pelé vai achar todos os nossos adversários uns pernas de pau.

Por que perdemos, na Suíça, para a Hungria? Examinem a fotografia de um e outro time entrando em campo. Enquanto os húngaros erguem o rosto, olham duro, empinam o peito, nós baixamos a cabeça e quase babamos de humildade. Esse flagrante, por si só, antecipa e elucida a derrota. Com Pelé no time, e outros como ele, ninguém irá para a Suécia com a alma dos vira-latas. Os outros é que tremerão diante de nós.

Manchete Esportiva, *8/3/1958*

O povo já não se julga mais um vira--latas. Sim, amigos: — o brasileiro tem de si mesmo uma nova imagem. Ele já se vê na generosa totalidade de suas imensas virtudes
pessoais e humanas.

É chato ser brasileiro![36]

Dizem que o Brasil tem analfabetos de mais. E, no entanto, vejam vocês: — a vitória final, no Campeonato do Mundo, operou o milagre. Se analfabetos existiam, sumiram-se na vertigem do triunfo. A partir do momento em que o rei Gustavo, da Suécia, veio apertar as mãos dos Pelés, dos Didis, todo mundo, aqui, sofreu uma alfabetização súbita. Sujeitos que não sabiam se gato se escreve com "x" ou não iam ler a vitória no jornal. Sucedeu essa coisa sublime: — analfabetos natos e hereditários devoravam vespertinos, matutinos, revistas, e liam tudo com uma ativa, uma devoradora curiosidade, que ia do "lance a lance" da partida até os anúncios de missa. Amigos, nunca se leu e, digo mais, nunca se releu tanto no Brasil.

E a quem devemos tanto? Ao escrete, amigos, ao escrete, que, hoje, é o meu personagem da semana, múltiplo personagem. Personagem meu, do Brasil e do

mundo. Graças aos 22 jogadores, que formaram a maior equipe de futebol da Terra, em todos os tempos, graças a esses jogadores, dizia eu, o Brasil descobriu-se a si mesmo. Os simples, os bobos, os tapados hão de querer sufocar a vitória nos seus limites estritamente esportivos: Ilusão! Os 5 x 2, lá fora, contra tudo e contra todos, são um maravilhoso triunfo vital de todos nós e de cada um de nós. Do presidente da República ao apanhador de papel, do ministro do Supremo ao pé-rapado, todos, aqui, percebem o seguinte: — é chato ser brasileiro!

Já ninguém tem mais vergonha de sua condição nacional. E as moças na rua, as datilógrafas, as comerciárias, as colegiais andam, pelas calçadas, com um charme de Joana d'Arc. O povo já não se julga mais um vira-latas. Sim, amigos: — o brasileiro tem de si mesmo uma nova imagem. Ele já se vê na generosa totalidade de suas imensas virtudes pessoais e humanas.

Vejam como tudo mudou. A vitória passará a influir em todas as nossas relações com o mundo. Eu pergunto: — que éramos nós? Uns humildes. O brasileiro fazia-me lembrar aquele personagem de Dickens que vivia batendo no peito: — "Eu sou humilde! Eu sou o sujeito mais humilde do mundo!" Ele vivia desfraldando essa humildade e a esfregando na cara de todo mundo. E se alguém punha em dúvida a humildade, eis o Fulano esbravejante e querendo partir caras. Assim era o brasileiro. Servil com a namorada, com a mulher, com os credores. Mal comparando, um são Francisco de Assis de camisola e alpercatas.

Mas vem a deslumbrante vitória do escrete, e o brasileiro já trata a namorada, a mulher, os credores de outra maneira; reage diante do mundo com um potente, um irresistível *élan* vital. E vou mais além: — diziam, de nós, que éramos a flor de três raças tristes. A partir do título mundial, começamos a achar que a nossa tristeza é uma piada fracassada. Afirmava-se também que éramos feios. Mentira! Ou, pelo menos, o triunfo embelezou-nos. Na pior das hipóteses, somos uns ex-buchos.

E a quem devemos tanto? Ao meu personagem da semana. Ninguém aqui admitia que fôssemos "os maiores" do futebol. Rilhando os dentes de humildade, o brasileiro já não se considerava o melhor nem de cuspe a distância. E o escrete vem e dá um banho de bola, um show de futebol, um baile imortal na Suécia. Como se isso não bastasse, ainda se permite o luxo de vencer de goleada a última peleja. Foi uma lavagem total.

Outra característica da jornada: — o brasileiro sempre se achou um cafajeste irremediável e invejava o inglês. Hoje, com a nossa impecabilíssima linha disciplinar no Mundial, verificamos o seguinte: — o verdadeiro inglês, o único inglês, é o brasileiro. Um Didi, lá fora, observou uma calma, uma polidez, um equilíbrio que fariam morrer de inveja o major Anthony Eden. Amigos, na Suécia quem levou pontapé, do pescoço para cima, fomos nós. E, ainda por cima, roubaram a gente, bifaram os nossos gols, a nossa camisa. Mas tudo inútil, porque o Brasil apresentou o maior escrete do universo, segundo os mais exigentes críticos do mundo. Por fim, a lição do meu personagem. Ele ensinou que o brasileiro é, sim, quer queiram quer não, "o maior".

Manchete Esportiva, Edição da Epopeia Brasileira,
Edição Especial, 5/7/1958

A doçura, a cerimônia, a timidez do nosso futebol são defeitos gravíssimos. Um jogador brasileiro tem vergonha de pisar na cara do adversário caído. O europeu, não. O europeu não recua diante de nada.

Matar ou morrer[37]

Amigos, se me perguntarem qual é o maior defeito do futebol brasileiro, eu direi: — a delicadeza e, reforço, a extrema delicadeza. De fato, não há na Terra um craque que tenha a polidez do nosso. O brasileiro é um tímido, um contido, um cerimonioso. Foi assim em 58, foi assim em 62. Nas duas Copas, os adversários já entravam de navalha na liga.

Ao passo que, até no *foul*,[38] o escrete verde-amarelo era de uma suavidade impressionante. Vejamos em 58. O jogo Suécia x Alemanha[39] foi uma carnificina. Eu estava vendo a hora em que os adversários iam arrancar a carótida uns dos outros para chupá-la como tangerina. Foram noventa minutos de uma ferocidade recíproca e homicida. Valeu tudo, rigorosamente tudo.

Pois o Brasil não fez um único e escasso vexame. Era de dar pena a correção dos nossos rapazes. Jogavam na bola e só na bola. Jamais o mundo vira um escrete tão doce e de uma inocência quase suicida. Um sociólogo que lá

estivesse havia de fazer a constatação apiedada: — “O escrúpulo é próprio do subdesenvolvimento!”

O escrúpulo e mais: — a humildade, a lealdade, o altruísmo. No jogo Brasil x França, o árbitro comportou-se como um larápio. Não houve, em toda a história da Copa, um roubo mais cristalino e cínico. Tivemos que fazer três gols para que valesse um. E o escrete brasileiro nem piscou. Deixou-se furtar e só faltou beijar na testa do ladrão.

O pior vocês não sabem. Até 58, o Brasil fazia de si mesmo a pior das imagens. Sim, o brasileiro se considerava um facínora. E, no Maracanã, quando um de nós ousa um *foul* mais violento, o estádio vem abaixo. Por toda parte há quem esbraveje: “Cavalo! Cavalo!” Mas é uma injustiça. Muito mais brutal do que o nosso é o futebol da Inglaterra, da Alemanha, da França, da Itália, da Bulgária.

O meu amigo Antonio Callado viu, certa vez, um jogo de Inglaterra e Escócia. Foi um pau só, do primeiro ao último minuto. E, súbito, explode um sururu. Brigaram os 22 jogadores, o juiz, os bandeirinhas, as torcidas. A polícia montada teve de invadir o campo. No Brasil, o sururu é tão antigo, tão obsoleto como um quepe da Guerra do Paraguai. E quando um de nós dá um tapa as manchetes tremem e há uma comoção nacional.

A doçura, a cerimônia, a timidez do nosso futebol são defeitos gravíssimos. Um jogador brasileiro tem vergonha de pisar na cara do adversário caído. O europeu, não. O europeu não recua diante de nada. Vocês se lembram do jogo Brasil x Alemanha, aqui, no Maracanã. Foi uma partida medíocre, mas que teve um lance de epopeia.

Refiro-me à bola dividida entre Pelé e um alemão. Este não recuou, nem o brasileiro. E o dilema criado para ambos foi o seguinte: — matar ou morrer. O alemão preferiu matar e Pelé não quis morrer. O nosso levou vantagem pelo seguinte: — porque introduziu no choque a molecagem brasileira. Conclusão: — Pelé sobreviveu e o germânico saiu de maca.

A imprensa teve a reação própria do subdesenvolvido: — condenou Pelé. Se a coisa fosse na Alemanha, e a vítima, Pelé, o cronista de lá ia considerar a fratura um fato normal e intranscendente. Amigos, na Europa, o *foul* praticamente não existe. O juiz só costuma apitar quando um adversário estripa o outro.

E não há dúvida de que, por uma tendência natural e, ainda mais, por se tratar de um tri, vão caçar os brasileiros a pauladas. Outrora, o brasileiro babava de inveja e deslumbramento só de ouvir falar no inglês. Mas a verdade é bem diferente. Hoje, sabemos que o único inglês da vida real é o brasileiro. Sim, qualquer favelado nosso, desdentado e negro, é um monstro de boas maneiras.

O Globo, 28/5/1966

Os nossos jogadores deslizavam na grama como cisnes. Ninguém precisava correr. A seleção andava em campo para cansar o adversário.

Guerra suja, tão suja[40]

Quando escrevo sobre as hienas, sobre os abutres, sobre os chacais do futebol brasileiro — todo mundo acha que estou fazendo uma metáfora. E ninguém desconfia que são as hienas, os chacais, os abutres os autores da catástrofe. Já rolou a cabeça de João Saldanha. Não se pense, porém, que a tragédia foi improvisada de um dia para outro.

Sabem quando começaram a afiar a guilhotina? No dia mesmo em que o escolheram para técnico da seleção. Não sei se vocês se lembram. Se não se lembram, vamos lá. Uma manhã, [João] Havelange e Antônio do Passo passaram na casa de João Saldanha. Era um domingo parnasiano, com um luminosíssimo azul de soneto. Feito o convite, o João deu a resposta fulminante: — "Topo." Só dois dias depois e, portanto, na terça-feira, explodiu a notícia.

E se juntaram todas as invejas, todas as frustrações, todos os interesses contrariados. Uns disfarçavam menos, outros, mais, o ressentimento. O espantoso é que, pela primeira vez, cometia-se esta gafe hedionda: — a escolha

de um técnico para uma função técnica. Não fora um ato político, nem do Havelange, nem do Passo.

Dias depois, encontro-me com o Havelange no Cartum. Ou por outra: — o Cartum ainda não existia. Foi no Nino. Saudei-o assim: — “Foi um lance de estadista.” Diga-se de passagem que a maioria da imprensa era contra; e assim a quase unanimidade do rádio e da TV. Mas o povo estava com o João. Por onde passava, o homem das esquinas e dos botecos fazia-lhe uma festa total. O chauffeur de praça dizia-me, de olho rútilo: — “Agora vai!” E repetia, com o lábio trêmulo: — “Agora vai!”

Mas o profissional da imprensa, do rádio não lhe dizia “bom dia” sem lhe pingar veneno. Veneno da víbora que matou Cleópatra. Assim em todo o Brasil. Há dois ou três dias, um jornal de Curitiba abriu a manchete terrorista: — “Preso João Saldanha.” Outros vinham me soprar, lúgubres: — “Na primeira derrota, o João cai do cavalo.” Como se desejou essa “primeira derrota”.

Alguém perguntará: — “Por que essa gana de tantos contra um só?” Vejamos. Primeiro, porque ele não tem medo. Nada nos humilha mais do que a coragem alheia. Segundo, porque passou a ser o homem mais promovido do Brasil. Ainda agora, vimos a força do seu nome e de sua lenda. Seu incidente, em São Conrado, coincidiu com o sequestro do cônsul japonês. Mas o caso do João abafou, esvaziou o do japonês. Os jornais falavam do João, e de uma forma tão obsessiva que parecia ele o sequestrado, ele o raptado.

Terceiro, porque havia o terror de que voltasse, do México, com o caneco de ouro, para sempre. Imaginem o João passando, na Avenida, e de maçã na boca, como um triunfal leitão assado. O que se fez com Saldanha, na classificação, foi uma das páginas mais negras do futebol brasileiro. Passaram para o Brasil jogos que só existiam na imaginação dos bons colegas. O escrete estava uma vergonha, ninguém jogava nada. Lembro-me de um locutor vociferando: — “Assim o Brasil não passa da estreia.”

Aqui, atracado ao rádio, o povo ouvia só, em cava depressão. Mas, quando veio o teipe, foi um divertido escândalo. Os nossos jogadores deslizavam na grama como cisnes. Ninguém precisava correr. A seleção andava em campo para cansar o adversário. Contra a Venezuela, a irradiação foi uma antologia de horrores. Terminou o primeiro tempo empatado de 0 x 0.

O Brasil não fez gol na primeira fase porque, novamente, quis exaurir o inimigo. Na etapa final, fizemos um. Um dos confrades berrou: — "Agora o João vai recuar Pelé para defender o escore." Meu Deus do céu, a superioridade brasileira chegava a ser humorística. Na sua má-fé cínica, a maioria dos confrades atribuía ao time de Saldanha os defeitos mais horripilantes. Todavia, o videoteipe, com sua veracidade burra, serviu para desmascarar toda a fraude. Sem recuar Pelé, ganhamos de cinco.

As hienas, os chacais, os abutres voltaram frustradíssimos. Precisavam de uma derrota e não tinham a derrota. Mas continuavam passando o amolador na guilhotina. Falei no jogo com a Inglaterra? Ah, não falei do jogo com a Inglaterra. Pois bem. O escrete do João, sem um treino, com os jogadores entregues na véspera, o escrete, repito, venceu a Inglaterra? E não foi uma vitória como há muitas, como há tantas. Vencemos com um ignominioso olé. Os ingleses andaram na roda como os ursos bêbados de feira.

Portanto, só uma hiena, ou só um abutre, ou só um chacal pode afirmar que o escrete não fez nada. Em plena fase experimental, fez mais do que devia, mais do que podia. O olé em cima dos campeões do mundo foi, segundo a própria imprensa inglesa, um show maravilhoso. Mas, como não vinha a derrota inapelável, começou o massacre. Claro que nem todos os cronistas usaram o mesmo processo. Mas cada notícia sobre Saldanha era, normalmente, uma intriga vil. As manchetes faziam um descarado terrorismo contra o técnico. Isso em toda a imprensa, em todo o rádio, em toda a TV do Brasil. E era dia após dia, hora após hora, minuto após minuto.

Perdi a conta do tempo em que João foi malhado como um judas de sábado de Aleluia. E se o grande técnico dava uma bronca, o nosso grã-finismo estrebuchava: — "Não tem serenidade! Não tem equilíbrio!" Claro que podíamos dizer isso, porque cada um de nós estava fora da guerra, e abanando-se com a *Revista do Rádio*. Sim, é fácil ter boas maneiras, é fácil ter equilíbrio, é fácil ter serenidade quando ninguém nos xinga, quando ninguém nos insulta, quando ninguém nos massacra.

Digo "massacre" para repetir: — nunca houve, no Brasil, um massacre pessoal tão desumano. E o espantoso é que nós exigíamos do "João Sem Medo" um comportamento de estátua de Abraham Lincoln. E como os seus brios se

eriçaram mais do que as cerdas bravas do javali — encontraram, finalmente, o pretexto. Faltara a derrota que as hienas esperavam. Mas o Saldanha tinha brio. Ótimo, ótimo. Por ser brioso, tinha que sair do escrete.

Houve um truque: — a demissão coletiva da comissão técnica. Mas o que se queria era a cabeça do João. E, para tanto, a guilhotina vinha sendo afiada há meses. Ah, como é curioso o destino das palavras. Imaginem vocês que, no domingo do segundo Brasil x Argentina, conversei com João Havelange. Estávamos na tribuna de honra do Estádio Mário Filho. O jogo ainda não começara. A dois passos de nós, tomando um café forte, estava o presidente da República. Havelange disse-me o que pareciam ser palavras eternas: — "O João vai até o fim. Não há hipótese de sua saída. E se, por acaso, ele pedir demissão, eu o impedirei, fisicamente, de sair."

Já ensaiei uma explicação. Mas repito: — "Por quê, por quê?" O Salim Simão explica-me que Saldanha tornara-se poderoso demais. Ele, sozinho, com a sua figura folclórica, as suas broncas lendárias, os seus brios flamejantes — ele era maior do que a CBD, do que as federações, do que as forças ostensivas ou obscuras que manipulavam o nosso futebol. E as invejas, as vaidades, as frustrações, os rancores — não podiam admitir que ele fosse maior do que uma estrutura laboriosamente criada e mantida. E ainda seria muito maior e muito mais forte se voltasse com o caneco de ouro. Teria então meios de transformar a nossa realidade esportiva.

Mas vejam: — seu primeiro dever era a classificação; e ele o cumpriu. O segundo dever era a conquista do título. Parentes, figuras da imprensa, do rádio e da televisão se uniram para frustrá-lo no seu maravilhoso esforço final. Exigiram que ele se deixasse massacrar sem um gemido. Rolou a cabeça do "João Sem Medo". E, agora, queremos mais do que nunca o caneco.

Ah, foi uma guerra suja de tantos contra um só. Guerra digna do nosso vômito.

O Globo, 19/3/1970

Quem quer que tenha um mínimo de isenção, de objetividade, de apreço aos fatos sabe que o futebol brasileiro é o melhor do mundo. Não sou eu que o digo, mas o óbvio, sim, o óbvio ululante.

O belo milagre das vaias[41]

O escrete parte hoje. Termina o seu exílio e, se não ouviram bem, repito: — o seu exílio era o Brasil. Os nossos jogadores são tratados como se fossem estrangeiros. Ou pior. Porque os estrangeiros merecem, não raro, uma polidez convencional, sim, um mínimo de cerimônia. Vocês viram, não viram, Brasil x Inglaterra?

"Não somos os melhores", afirma um cronista machadiano. E, não sendo os melhores, e sendo os ingleses, sim, nós os derrotamos. Como se não bastasse a vitória brasileira, ainda infligimos aos campeões do mundo um ignominioso olé. Mas eis o que eu queria dizer: — no segundo tempo, um dos visitantes fez uma coisa que, em futebol, é a vergonha inapelável e eterna: — atrasou do meio de campo. Ao meu lado, na tribuna de imprensa, o botafoguense Serginho explodia em arroubos: — "Como eles atrasam bem! Com que tranquilidade!"

Por aí se vê que admiramos mais os defeitos ingleses do que as virtudes brasileiras. Conversei com um dos jogadores do escrete e ele abriu-me a alma, de par em par. Contou-me que, jogando sob uma cúpula de vaias, não era um brasileiro a jogar para brasileiros. Não e nunca. Tinha a sensação de que era um brasileiro a jogar para javanês, tirolês, congolês, tibetano, caucasiano e birmanês.

De brasileiros, a maioria dos assistentes só tinha o palavrão. Era, sim, o palavrão, rugido no idioma de Camões, era o palavrão, repito, que localizava o Morumbi no Brasil. E disse mais o pobre craque. Como se não bastassem as vaias de boca, sofria também as vaias impressas. Os jornais, em sua maioria, não tinham uma palavra solidária, amiga, fraterna. O escrete era negado de alto a baixo, isto é, a partir da manchete.

O mal-amado sente-se hostilizado até pelas paredes, pelos edifícios, pela paisagem. E ele, não raro, começou a sofrer de mania de perseguição. Passou pelo morro da Viúva, achou que o Pão de Açúcar tinha-lhe horror; que o Corcovado, idem. De outra vez, sentiu-se malquerido até pelo poente do Leblon. Disse-me várias vezes, obsessivamente, o jogador: — "Precisamos sair daqui! Precisamos ir embora!"

Ouvi em silêncio o craque patrício e, sem nada dizer, dei-lhe toda a razão. Perguntará o leitor, em sua espessa ingenuidade: — "O brasileiro não gosta do brasileiro?" Exatamente: — o brasileiro não gosta do brasileiro. Ou por outra: — o subdesenvolvido não gosta do subdesenvolvido. Não temos sotaque, eis o mal, não temos sotaque. Ainda agora, no Morumbi, jogamos com a Bulgária.[42] Embora entre os búlgaros existissem carecas, pais de família, que fez a nossa crônica? Na hipótese de uma vitória nacional, passaram a dizer que os adversários eram infantojuvenis do seu país. E se, porventura, ganhássemos de 17 x 0, diriam as manchetes: — "Brasil ganha do berçário búlgaro!"

Não sei se vocês se lembram de uma passagem que contei, aqui mesmo, nesta coluna. Era o caso de um patrício meu que assim se apresentava nas esquinas, botecos e retretas: — "Chegou o quadrúpede!" Fazia uma volta no local e dava outro berro: — "Sou um quadrúpede de 28 patas!" Era esse o seu triunfal cartão de visitas. Ligava para a namorada e começava assim: — "É o quadrúpede!"

Lembrei-me desse conhecido, que assim se aviltava ao ouvir uma mesa-redonda numa das nossas emissoras. O assunto era o escrete. Ora, o escrete é feito à nossa imagem. E os cronistas reunidos não fizeram outra coisa senão cuspir, como Narciso às avessas, na própria imagem. Negaram a seleção, negaram o jogador, negaram o técnico, negaram o preparador, negaram o médico, negaram tudo. Justo seria que terminassem assim: — "E, agora, com licença, porque vamos urrar no bosque mais próximo!"

Os brasileiros empataram com os carecas da Bulgária por um escore que humilha os dois lados: — 0 x 0. Mas o resultado em nada influiu. A vaia começou antes do jogo, continuou durante o jogo e depois do jogo. Mas se me perguntarem quem empatou com os búlgaros, eu diria: — a antitorcida. Uma multidão que só vaia não pode chamar-se a si mesma de torcida nem tem o direito de exigir vitória.

O que fizeram com Paulo Cézar é indesculpável. Ele não era nem culpado de estar ali e, repito, estava ali porque o escalaram. Setenta, ou oitenta, ou noventa mil sujeitos contra um só. Não se conhece outro brasileiro tão humilhado. A vaia é um prazo. Dura um minuto, dois, três. Vaia é esforço, e não temos, como os ingleses, a saúde e a resistência de uma vaca premiada. Pois bem. A vaia que trucidou Paulo Cézar durou noventa minutos.

Digo noventa minutos e já retifico: — mais. Mais, porque começou antes do jogo. A aluna de psicologia da PUC, que entende nossos sentimentos, dizia-me: — "Só o ódio sustenta uma vaia de noventa minutos." Aí está: — só o ódio. E seria lícito dizer-se que Paulo Cézar foi linchado, fisicamente linchado, por uma vaia.

Há outra observação que eu desejaria fazer. A vaia contra um atinge e ofende os demais, inclusive adversários. Claro, pois a vaia não tem nome e endereço como os envelopes. Os destinatários eram os 22 jogadores e mais os reservas, de ambos os lados. Mas volto à mesa-redonda da TV. Houve pouquíssimas exceções; e uma delas, a mais veemente, a mais otimista foi a do "Marinheiro Sueco".[43] Vibrante de justiça e de procela, tratou de defender o maravilhoso craque do Brasil.

Graças a Deus o escrete parte. O que nem todos percebem é que o time nacional leva um maravilhoso trunfo. No México, ele se sentirá muito menos

estrangeiro do que aqui. E estará protegido pela distância. Acreditem que a distância será a nossa ressurreição. Se me perguntarem o que deverá fazer a seleção para ganhar a Copa, direi, singelamente: — “Não nos ler.” Sei que as nossas crônicas vão aparecer, por lá, como abutres impressos. Não importa. O que interessa é fugir da feia e cava depressão que dos nossos textos emana.

Quando o jato subir, o escrete assumirá a sua verdadeira dimensão. Cada cronista há de ter uma palavra final para o time nacional. Já vimos que um dos colegas escreveu, a título de juízo final: — “Não somos os melhores.” Esse tom de catástrofe é de quase toda a imprensa brasileira. Mas não é, repito, o meu tom. Dirão vocês que adoto, diante da Jules Rimet, uma posição romântica. Nego. Justamente porque sou realista é que sinto, inevitável, fatal, a vitória brasileira.

Os pessimistas são os alienados. Por exemplo: — o ilustre cronista diz que data de 66 o ocaso do nosso futebol. Quem fala assim é, obviamente, um ressentido contra os fatos. Ele não os aceita e parece dizer: — “Se os fatos não confirmam o que escrevo, pior para os fatos.” Quem quer que tenha um mínimo de isenção, de objetividade, de apreço aos fatos sabe que o futebol brasileiro é o melhor do mundo. Não sou eu que o digo, mas o óbvio, sim, o óbvio ululante.

Seremos campeões de 70, conquistaremos para sempre o caneco, porque somos melhores. Mas isso seria pouco. Além de melhores, levamos para o México as vaias ainda não cicatrizadas. De vez em quando, eu relembro o que acontecia com o “Tigre da Abolição”. Nos comícios, [José do] Patrocínio começava gelado de pusilanimidade. Era preciso que os amigos, no meio da multidão, o chamassem de “negro”, “negro”, “negro” e “negro”. E a humilhação racial o potencializava. Dizia então coisas como aquela: — “Sou negro, sim! Deus deu-me sangue de Otelo para ter ciúmes da minha pátria!”

Com o escrete, já começa o belo milagre das vaias. Foi milagre o segundo tempo de Brasil x Áustria. Aquela bola que Pelé passou de calcanhar ou o gol de Rivellino, cada jogada era um momento de eternidade do futebol. Vou ao aeroporto dizer aos nossos jogadores: — “Vocês já são campeões do mundo.”

O Globo, 1/5/1970

Sempre disse que seus jogadores têm uma saúde de vaca premiada. Já começo a achar que até nisso levamos vantagem; que a saúde de vaca premiada temos nós.

Momentos de eternidade[44]

Amigos, nenhum outro escrete no mundo podia oferecer o futebol que os nossos jogadores ofereceram ontem. Não esqueçam que, aqui, vários cronistas fizeram verdadeiro terrorismo com o quadro da Tchecoslováquia.[45] O nosso adversário era fabulosíssimo, ao passo que o nosso pobre jogo era antigo, obsoleto como a primeira sombrinha de Sarah Bernhardt. Promoveram os tchecos como se fossem os fantasmas da Copa.

E que vimos nós? Um desenho, uma pintura, um tapete bordado. Ganhamos de 4 x 1, e sem sorte nenhuma. Terminamos o primeiro tempo empatados por 1 x 1. E o justo, o certo, o correto é que tivéssemos chegado ao fim dos 45 minutos iniciais com dois gols de vantagem e, portanto, 3 x 1. Mas no segundo tempo veio a tremenda explosão. Amigos, vocês viram a TV, ouviram o rádio: — o Brasil deu um banho de bola num dos mais formidáveis concorrentes da Copa.

Não há nada melhor no futebol europeu do que o time que, ontem, dobrou os joelhos diante do gênio dos nossos craques.

Vejam como são as coisas. Os nossos jornais de ontem, em sua maioria, não demonstraram o menor otimismo; limitaram-se a vender depressão aos seus leitores. Apresentaram as fotografias de 58 ou de 62? Não. Estavam muito mais interessados em relembrar, pela imagem, 54 e 50. Vários estamparam a nossa entrada em campo contra a Hungria, na Suíça. Tomados de horror, vimos o time nacional de cabeça baixa, o time nacional batido antes da luta.

E a resposta foi a maravilhosa exibição do escrete. A exibição brasileira foi trinta vezes melhor do que a finalíssima entre a Inglaterra e a Alemanha, em 66. Naquela ocasião, os 22 homens, segundo o figurino da pelada mais humorística, faziam o jogo de bola pra frente e fé em Deus. E, ontem, que fazíamos nós? Que fez esse escrete que saiu daqui vaiado, e repito: — esse escrete que se fez de vaias? Um jogo prodigiosamente articulado, sim, harmonioso, plástico, belo. Era uma música, meu Deus.

E, por isso, entendo que a cidade se levantasse em gigantesca apoteose. Aquele corso dos velhos carnavais voltou. As buzinas estavam de uma formidável histeria. Um turista que por aqui passasse e visse cinco milhões de sujeitos urrando havia de anotar no seu caderninho: — “Esta cidade enlouqueceu!” E, realmente, ficamos loucos. As pessoas se olhavam na rua e diziam umas para as outras: — “Somos brasileiros!” Ruiu, por terra, a sinistra impostura do futebol europeu. Sempre disse que seus jogadores têm uma saúde de vaca premiada. Já começo a achar que até nisso levamos vantagem; que a saúde de vaca premiada temos nós.

Choviam papel picado das sacadas, e listas telefônicas. Serpentinas, confete, lança-perfume. Ou por outra: — lança-perfume, não. Mas confete e serpentina, sim. Todos os automóveis incendiados de bandeiras. Mas o que eu achei mais bonito vocês não sabem. Eis o que aconteceu: — já que não lhe faziam a justiça, o escrete fez justiça a si mesmo.

No México, fizemos jogadas que foram, para o futebol mundial, momentos de eternidade. E Gérson? Quanta gente o negou? Quanta gente disse e repetiu: — “Não tem sangue! Não tem coragem! Não tem sangue, não tem coragem!” O vampiro de Düsseldorf, que era especialista em sangue, se provasse o sangue de

Gérson, havia de piscar o olho: — “Sangue do puro, do legítimo, do escocês.” E não foi só a coragem indomável. Impôs-se como a maior figura da jornada. Seus passes saíam límpidos, exatos, macios. Em momento nenhum deixou de ser um virtuose, um estilista. E a bomba santa de Rivellino que abriu o caminho da vitória? Quando os tchecos fizeram a falta, noventa milhões de brasileiros rezaram: — “Rivellino, Rivellino, Rivellino!” E ele cobrou o *foul* de uma maneira genialíssima. Com a violência do tiro, a bola deixou de ser redonda, assumiu a forma do ovo e o goleiro adversário foi dramaticamente batido.

E o gol de Pelé? Gérson enfiou aquela espantosa bola comprida. O sublime crioulo a matou no peito e fez uma obra-prima de gol. Quanto ao gol de Jairzinho, abalou o Campeonato do Mundo. Driblou um, mais outro, outro mais, ainda outro e enfiou no canto. E a alma da rua voou pelos ares. Eu vi a grã-fina das narinas de cadáver cair de joelhos, no meio da rua, e estrebuchar como uma víbora agonizante.

O Globo, 4/6/1970

Fora as esquerdas, que acham o futebol o ópio do povo, fora as esquerdas, dizia eu, todos os outros brasileiros se juntam em torno da seleção. É, então, um pretexto, uma razão de autoestima.

O “entendido”, salvo pelo ridículo[46]

Por que o Brasil não gosta do Brasil e por que nos falta um mínimo de autoestima? É a pergunta que me faço, sem lhe achar a resposta. Dirão vocês que exagero e que não é tanto assim, que diabo. Responderei que é tanto assim ou pior. Vocês se lembram da Passeata dos Cem Mil, a famosíssima Passeata dos Cem Mil?

Os meus leitores, se é que os tenho, já repararam que eu a cito muito. Posso dizer que é uma das minhas referências mais obsessivas. E por quê? Quem quiser entender as nossas elites e o seu fracasso encontrará nos Cem Mil um dado essencial. Não havia, ali, um único e escasso preto. E nem operário, nem favelado, e nem torcedor do Flamengo, e nem barnabé, e nem pé-rapado, nem cabeça de bagre. Eram os filhos da grande burguesia, os pais da grande burguesia, as mães da grande burguesia. Portanto, as elites.

E sabem por que e para que se reunia tanta gente? Para não falar no Brasil, em hipótese nenhuma. O Brasil foi o nome e foi o assunto riscado. Falou-se em China, falou-se em Rússia, ou em Cuba, ou no Vietnã. Mas não houve uma palavra, nem por acaso, nem por distração, sobre o Brasil. Picharam o nosso Municipal com um nome único: — Cuba. Do Brasil, nada? Nada.

As elites passavam gritando: — "Vietnã, Vietnã, Vietnã!" E, quanto ao Brasil, os Cem Mil faziam um silêncio ensurdecedor. Tanto vociferaram o nome de Vietnã, de Cuba e China que minha vontade foi replicar-lhes: — "Rua do Ouvidor, rua do Ouvidor, rua do Ouvidor!" Simplesmente, o Brasil não existe para as nossas elites. Foi essa a única verdade que trouxe, em seu ventre, a Passeata dos Cem Mil.

Estou apresentando um exemplo e poderia citar muitos outros. Vamos ficar por aqui. Há um momento, todavia, em que todos se lembram do Brasil, em que noventa milhões de brasileiros descobrem o Brasil. Aí está o milagre do escrete. Fora as esquerdas, que acham o futebol o ópio do povo, fora as esquerdas, dizia eu, todos os outros brasileiros se juntam em torno da seleção. É, então, um pretexto, uma razão de autoestima. E cada vitória compensa o povo de velhas frustrações, jamais cicatrizadas.

Não sei se contei o caso de certo amigo meu. É o que se chama um boa-vida. Sua mesa tem vinhos raros e translúcidos. Um dia, ocorreu-lhe um capricho voluptuoso, e tomou um banho de leite de cabra. Perguntei-lhe: — "Que tal?" Respondeu: — "Assim, assim." Duas vezes por ano, dá uma volta pela Europa. Pois bem. É esse amigo que me confessa: — "Só me sinto brasileiro quando o escrete ganha." Fora disso, passa anos sem se lembrar do Pão de Açúcar ou sem pensar na Vista Chinesa, recanto ideal para matar turista argentino.

Domingo ele bateu o telefone para mim. No seu desvario, berrava: — "Ganhamos da Inglaterra!"[47] Chorava: — "Como é bom ser brasileiro!" E, durante toda a Copa, será um brasileiro de esporas e penacho. Também a grã-fina das narinas de cadáver me ligou. Soluçava: — "Brasil! Brasil! Brasil!" Mais tarde, eu a vi, patética, enrolada na bandeira brasileira. Parecia uma Joana d'Arc da seleção.

O meu assunto de hoje é, justamente, o escrete que está maravilhando o mundo. Tem sua história, tem a sua lenda. Antes de mais nada, não pensem que

se improvisa um escrete da noite para o dia. Não. É todo um secreto, um misterioso, um profundo trabalho de gerações. Até que, um dia, há o milagre: — juntam-se, então, no mesmo time, um Pelé e um Gérson, um Rivellino, um Jairzinho.

Vocês viram o nosso gol contra a Inglaterra. Foi uma obra-prima. Começou em Tostão, que passou a Paulo Cézar. Paulo Cézar novamente a Tostão. Este trabalha a bola. A área inglesa era uma ferocíssima selva de botinadas. Cada milímetro estava ocupado. Tostão dribla um inglês, e mais outro inglês, um terceiro inglês. E vinham outros, e mais outros e outros mais. Tostão vira-se e entrega a Pelé. Três adversários envolvem o sublime crioulo. Este, rápido, empurra para Jairzinho, enganando todo mundo.

Era um gol que não podia ser feito porque a muralha de cabeças estava lá, inultrapassável. Mas tudo teve a solução fulminante do talento. A bola deslizou para Jairzinho. No seu banco, [Alf] Ramsey, o técnico inglês, parecia certo de que seus jogadores iam frustrar o ímpeto e o virtuosismo dos nossos.

Não sei se vocês sabem, mas esse Ramsey é um caso de imodéstia delirante. Declarara à imprensa internacional: — "A Inglaterra vai ganhar, porque o Brasil não tem defesa. Félix, Brito e Piazza são horrorosos." Vejam a polidez, a cerimônia, a reverência desse cavalheiro. Os rapazes da imprensa perguntaram: — "E Pelé?" Achou graça: — "Ora, Pelé." E disse que tinha meios e modos de apagar o Rei. O que Ramsey queria dizer, por outras palavras, é que os brasileiros não são de nada.

Volto ao passe de Pelé. A bola está no pé de Jairzinho. Esquecia-me de contar uma outra do mesmo Ramsey. Ele também declarou que os negros brasileiros rebolam muito. Não disse rebolam, mas ponham aí uma palavra equivalente. Pois bem: — eis o fato: — Jairzinho arranca. A bola sabe quando vai ser gol e se ajeita para o gol. E Jairzinho, que era a maior saúde em campo, ainda ultrapassou um inglês; e encheu o pé. Era o gol de uma das mais belas, mais perfeitas, irretocáveis vitórias brasileiras de todos os tempos.

O próprio Ramsey, apesar de sua máscara de ferro, dizia depois do jogo que, na altura do gol brasileiro, a defesa inglesa estava entregue às baratas. O certo, o lógico é que, depois do gol, as coisas acontecessem numa progressão fulminante de

catástrofe. Mas diz o Ramsey: — “Os brasileiros recuaram para defender o 1 x 0. O que seria de nós se eles não recuassem?”

Mas não tem sido fácil a vida do escrete. Por exemplo: — Paulo Cézar sofreu uma experiência inédita: — uma vaia de noventa minutos. Isso corresponde a um linchamento. Só não entendo, até hoje, como ele conseguiu sobreviver. Nem se pense que foi ele o único. Mas não vamos amaldiçoar as vaias ao escrete. Elas o fizeram, elas o virilizaram. A jornada brasileira no México é uma vingança contra as vaias.

E o que a seleção e, antes da seleção, o que sofreu o futebol brasileiro nas mãos dos “entendidos”. Tenho que abrir, neste momento, um tópico especial. O que é o “entendido”? Veremos se posso caracterizá-lo. É o cronista que esteve, em 66, na Inglaterra, e voltou com a seguinte descoberta: — o futebol europeu em geral e o inglês em particular eram muito melhores do que o nosso. Estávamos atrasados de quarenta anos para mais. Quanto à velocidade, era uma invenção europeia. Os brasileiros andavam de velocípede e os europeus, a jato. O “entendido” afirmava mais: — os times de lá não deixavam jogar. Essa foi genial. Imaginem vocês um time jogando e o adversário assistindo, como numa frisa de teatro. Por outro lado, o preparo físico dos europeus era esmagador. Como se não bastasse tudo o mais, ainda descobriu o “entendido”: — o futebol moderno não é bonito, não quer ser bonito e escorraçou o belo e artístico de suas cogitações. Bonito e artístico é o futebol subdesenvolvido de Brasil e outros.

O jogo Brasil x Inglaterra desmontou vários mitos. A tal velocidade não existe. Os ingleses tinham períodos enormes em que preferiam o velocípede ao jato. A saúde de vaca premiada é a nossa e não a deles. Não há no time adversário um jogador com a furiosa plenitude de um Jairzinho ou de um Pelé. Uma mentira a história de que os europeus não deixam jogar. E como não deixam, se Tostão comeu três, Pelé enganou mais três e Jairzinho ultrapassou mais um antes de fazer o gol? O pau de arara de ouro, Clodoaldo, corre mais do que todo o escrete inglês junto. E vem o “entendido” e declara, solene, enfático, hierático: — “Nós não somos os melhores.” Pois os lorpas, os pascácios acreditam. Basta Brasil x Tchecoslováquia ou Brasil x Inglaterra que tudo não passa de uma impostura inédita. Vou concluir: — o “entendido” só não se torna abominável porque o ridículo o salva.

O Globo, 10/6/1970

Chamo os nossos jogadores de paus de arara sem nenhuma intenção restritiva. O pau de arara é um tipo social, humano, econômico, psicológico tão válido como outro qualquer. Tem potencialidades inéditas, valores ainda não realizados.

O mais belo futebol da Terra[48]

Em 58, na véspera de Brasil x Rússia, entrei na redação. Tiro o paletó, arregaço as mangas e pergunto a um companheiro: — “Quem ganha amanhã?” Vira-se para mim, mascando um pau de fósforo. Responde: — “Ganha a Rússia, porque o brasileiro não tem caráter.”

Eis a opinião dos brasileiros sobre os outros brasileiros: — não temos caráter. Se ele fosse mais compassivo, diria: — “O brasileiro é um mau-caráter.” Vocês entenderam? O mau-caráter tem caráter, mau embora, mas tem. Ao passo que, segundo meu colega, o brasileiro não tem nenhum. Pois bem. No dia seguinte há o jogo e, no seu primeiro lance, Garrincha sai driblando russos e quase entra com bola e tudo.

Vejam: — diante do Brasil, a Rússia perdeu antes da luta. Bastou um momento de Mané para liquidá-la. Mas o que ainda me espanta é a frase do companheiro: —

“O brasileiro não tem caráter.” Essa falta de autoestima tem sido a vergonha, sim, tem sido a desventura de todo um povo. Ganhamos em 58, ganhamos em 62. Depois da Suécia e do Chile, seria normal que retocássemos um pouco a nossa imagem. Mas há os recalcitrantes. Outro dia, um colega puxou-me para um canto. Olha para os lados e cochicha: — “Não somos os melhores.” E repetiu, de olho rútilo e lábio trêmulo: — “Não somos os melhores.” E por todas as esquinas e por todos os botecos há patrícios vendendo impotência e frustração.

Quando o escrete partiu [para o México] levando vaias jamais cicatrizadas, vários jornais fizeram uma sinistra impostura. A seleção ia para a guerra. Uma Copa é uma guerra de foice no escuro. Mas parte da nossa imprensa pôs a boca no mundo: — “Humildade, humildade!” Eu pergunto: — o que é o brasileiro? O que tem sido o brasileiro desde Pero Vaz de Caminha? Vamos confessar a límpida, exata, singela verdade histórica: — o brasileiro é um pau de arara. Vamos imaginar esse pau de arara na beira da estrada. Que faz ele? Lambe uma rapadura. E além de lamber a rapadura? Raspa, com infinito deleite, a sua sarna bíblica.

E súbito encosta uma Mercedes branca, diáfana, nupcial. O cronista esportivo, que a dirige, incita o pau de arara: — “Seja humilde, rapaz, seja humilde!” Vocês percebem a monstruosidade? Não basta ao miserável a sarna, nem a rapadura. Ainda lhe acrescentam a humildade. Certos rapazes da imprensa não perceberam que a humildade é defeito de reis, príncipes, duques, rainhas. Há pouco tempo, o papa assim se despediu de uma senhora brasileira: — “Reze por mim”, implorou Sua Santidade. Podia fazê-lo porque era a maior figura da Igreja.

Outro exemplo: — a mulher bonita. Conheci uma que era linda, linda. Quase uma Ava Gardner ou mais do que a Ava Gardner. Quando o marido entrava, ela se lançava não aos seus braços, mas aos seus pés. E fazia apenas isto: — beijava um sapato do marido e, depois, o outro sapato. Também podia fazer isso porque era maravilhosa. Por onde passava ia ateando paixões e suicídios. A humildade era a sua vaidade de mulher bonita.

Passo da mulher fatal ao escrete. Um escrete é feito pelo povo. E como o povo o fez? Com vaias. Nunca houve na Terra uma seleção tão humilhada e tão ofendida. E, além disso, os autores das vaias ainda pediam humildade. O justo, o

correto, o eficaz é que assim incentivássemos a seleção de paus de arara: — “Tudo, menos humildade! Seja arrogante! Erga a cabeça! Suba pelas paredes! Ponha lantejoulas na camisa!”

Chamo os nossos jogadores de paus de arara sem nenhuma intenção restritiva. O pau de arara é um tipo social, humano, econômico, psicológico tão válido como outro qualquer. Tem potencialidades inéditas, valores ainda não realizados.

Estou dizendo tudo isso na véspera, exatamente na véspera, de Brasil x Itália. É a finalíssima. Vejam vocês: — o escrete negado não três vezes, mas mil vezes foi vencendo os seus adversários, um por um, não deixando pedra sobre pedra. Diziam que os europeus não deixam jogar. Pois bem: — quando se trata do Brasil, todo mundo o deixa jogar.

Foi assim com a Tchecoslováquia, a Inglaterra, a Romênia, o Peru e o Uruguai.[49] O espectro de 50 está mais enterrado do que sapo de macumba. Bem que a pobre Inglaterra tentou o diabo para que o Brasil não jogasse. Mas vocês se lembram do nosso gol? Vejam quantos jogaram. Primeiro, Paulo Cézar passou a Tostão. E Tostão resolveu jogar em cima dos ingleses. Em vez de passar de primeira, deu-se ao luxo voluptuoso de driblar um inimigo; mas era pouco para a sua fome, e driblou outro inimigo. Podia passar. Mas Tostão preferiu enfiar a bola por entre as pernas do terceiro inimigo. Adiante estava Pelé. E o estilista estende a Pelé. Cercado de ingleses por todos os lados, o semidivino crioulo toca para Jairzinho. Este podia ter atirado de primeira. Não: — achou que devia driblar mais outro inglês. E só então sua bomba foi explodir no fundo das redes.

Por que os ingleses não nos impediram de jogar? E, realmente, foi um gol feito com tão amorosa paciência, com tão fino lavor e inexcedível virtuosismo. O leitor há de perguntar: — “Mas como, se os ‘entendidos’ diziam que o futebol brasileiro estava mais obsoleto do que o guarda-chuva do senador Paulo de Frontin?” Realmente, os “entendidos” tudo fizeram para acabar com o nosso craque. Queriam que nós imitássemos os defeitos europeus. Queriam tirar do nosso futebol toda a magia, toda a beleza, toda a plasticidade, toda a imaginação. Faziam a apologia do futebol feio. Era como se estivessem apresentando o corcunda de Notre Dame como um padrão de graça e eugenia.

Mas a famosa velocidade está a merecer um capítulo especial. Com a maior solenidade, os “entendidos” acusavam o nosso futebol de lento. E o que se vê na Copa é esta coisa infinitamente patusca: a morosidade inteligentíssima dos brasileiros derrubou a velocidade burríssima dos europeus. Finalmente, diante dos resultados concretos, o povo não lê mais os “entendidos”. Desde a Tchecoslováquia, aconteceu o cínico e deslavado milagre: nunca houve um escrete tão amado. Por outro lado, cada vitória faz a cidade explodir. E um dos nossos jornais tem a coragem de chamar a festa gigantesca de relativo carnaval.

Observem agora o que o escrete fez por nós. Há pouco tempo o brasileiro tinha uma certa vergonha de ser brasileiro. Conheço um patrício que andou ensaiando um sotaque para não trair a sua nacionalidade. Agora não. Agora acontece esta coisa espantosa: — todo mundo quer ser brasileiro. O país foi invadido por brasileiros, ocupado por brasileiros. Dizia-me o Francisco Pedro do Coutto: — “Nunca vi tantos brasileiros.” E outra coisa: — as mulheres estão mais lindas, e os homens, mais fortes, e há uma bondade difusa, volatilizada, atmosférica. Jamais se cumprimentou tanto. E como sorrimos uns para os outros.

Apenas 24 horas nos separam da finalíssima. Quem jogará por nós é o melhor escrete da Copa. Enquanto os outros dão botinadas, o brasileiro faz a arte que os “entendidos” negam e renegam. Vocês devem ter visto, ontem, o teipe de Inglaterra x Alemanha. O campo era varrido de correrias irracionais. Vale tudo, do gogó para cima. Vinte e dois homens, e mais o juiz, e mais os bandeirinhas, e aquela fauna triste de patadas.

Que falso futebol, que antifutebol. Amanhã, sim, amanhã o mais belo futebol do mundo jogará contra a Itália. E quando acabar o jogo vocês verão subir o nome do Brasil como um formidável berro em flor.

O Globo, 20/6/1970

Nunca uma seleção fez, na história do futebol, uma jornada tão perfeita como o Brasil em 70. Ganhamos de todos os pseudocobras.

Dragões de espora e penacho[50]

Amigos, foi a mais bela vitória do futebol mundial em todos os tempos. Desta vez, não há desculpa, não há dúvida, não há sofisma. Desde o Paraíso, jamais houve um futebol como o nosso. Vocês se lembram do que os nossos "entendidos" diziam dos craques europeus. Ao passo que nós éramos quase uns pernas de pau, quase uns cabeças de bagre. Se Napoleão tivesse sofrido as vaias que flagelaram o escrete, não ganharia nem batalhas de soldadinhos de chumbo.

Era mais fácil encontrar uma girafa em nossas redações do que um otimista. O otimista era visto, e revisto, como um débil mental. Quando o escrete saiu daqui, as hienas, os abutres, os chacais uivavam: — "Não passa das quartas de final!" Fazia-se uma campanha do pessimismo. E os "entendidos" recomendavam: "Humildade, humildade!" Como se o brasileiro fosse um pobre-diabo de pai e mãe. Eu me lembro do dia em que João Saldanha foi chamado para técnico do escrete. Tivemos uma conversa de terreno baldio. E me dizia o João: — "Vamos ganhar de qualquer maneira! O caneco é nosso!"

Raríssimos acreditavam no Brasil. Um deles era o presidente, que me dizia: — “Vamos ganhar, vamos ganhar” — e que, ainda no sábado, dava o seu palpite para a finalíssima: — “Brasil 4 x 1.”[51] Mas os “entendidos” juravam que o futebol brasileiro estava atrasado trinta anos. E a famosa velocidade europeia? Essa velocidade existia entre eles, e para eles. Mas o Brasil ganhou de todo mundo andando, simplesmente andando. Com a nossa morosidade genial nós enterramos a velocidade burra dos nossos adversários.

Sempre escrevi (graças a Deus, não “entendo” de futebol), mas escrevi que a finalíssima de 66 foi o antifutebol e, repito, uma pelada da pior espécie. Mas ai de nós, ai de nós. O “entendido”, só de falar da Inglaterra e da Alemanha, babava na gravata. Queria acabar com o gênio, a magia, a beleza do nosso futebol. Mas, sem querer, com sua inépcia, com sua incompetência, os “entendidos” acabaram prestando um grande serviço, porque tornaram os brios do escrete mais eriçados do que as cerdas bravas do javali.

O curioso é que os “não entendidos” é que acreditavam na seleção. Por exemplo: — o Walther Moreira Salles. Pôs-se à frente de todo o movimento de apoio financeiro ao escrete. Não faltou quem lhe dissesse: — “Não faça isso. Esse escrete é uma droga.” Coisa curiosa: — em momento nenhum o Walther Moreira Salles deixou de acreditar na nossa seleção. Muitas vezes me disse: — “Eu sei que vamos ganhar.”

Paro de escrever para atender o telefone. É o Vadinho Dolabela, o último boêmio, o último romântico do Brasil. Chora no telefone: — “Nelson, ganhamos, Nelson! O caneco é nosso!” Que ele seria nosso estava escrito há seis mil anos. Nunca uma seleção fez, na história do futebol, uma jornada tão perfeita como o Brasil em 70. Ganhamos de todos os pseudocobras. Todas as finalíssimas são duríssimas. Alemanha x Itália exigiu prorrogação. Quando o jogo acabou, os craques deitavam-se no chão, muito mais mortos do que vivos. Alemanha x Inglaterra, nova prorrogação, tanto em 66 como em 70. O Brasil não precisou de um minuto a mais.

E nós, ontem, demos um passeio. Quem fez o gol da Itália, o franciscano gol da Itália, não foram os italianos. Foi uma brincadeira de Clodoaldo. Esse notabilíssimo craque, sergipano quatrocentão, resolveu dar uma bola de calcanhar. O inimigo recebeu de presente, recebeu de graça o passe e o gol. Ao

passo que os gols brasileiros foram obras de arte, irretocáveis, eternas. A cabeçada de Pelé, na abertura da contagem, foi algo de inconcebível. Ele subiu, leve, quase alado, e enfiou no canto.

Em suma, cada gol dos nossos era uma preciosidade. Já na véspera as maiores autoridades do futebol declararam, unanimemente, que o Brasil tinha que ganhar o jogo, porque era muito melhor. Esse era o óbvio ululante, que o mundo enxergava, menos os "entendidos" daqui. Antes que eu me esqueça, preciso observar o evidentíssimo: — ganhamos dando, no adversário, um banho de Paulina Bonaparte. Dizia-se que os italianos eram formidáveis. Perderam de 4 x 1 para nós, e devia ser de 4 x 0. Ou melhor: — e nem de 4 x 0, mas de 5 x 0, e explico: — no último momento, Rivellino, driblando todo mundo, invadiu a área e ia entrar com bola e tudo, quando sofreu o mais cínico, o mais deslavado dos pênaltis. Era um gol mais do que certo. Ainda tivemos que enfrentar um árbitro altamente pernicioso.

Amigos, glória eterna aos tricampeões mundiais. Graças a esse escrete, o brasileiro não tem mais vergonha de ser patriota. Somos noventa milhões de brasileiros, de esporas e penacho, como os Dragões de Pedro Américo.

O Globo, 22/6/1970

E aí está o primeiro e maravilhoso defeito: — uma Copa do Mundo é uma selva de gângsteres. Dirão que é exagero. Exagero, uma ova. Perdão. Exagero, vírgula.

João sem medo[52]

Amigos, não acreditem, pelo amor de Deus, que as qualidades influem no amor. Influem pouquíssimo ou nada. Nunca me esqueço de um vizinho que tive na minha infância profunda. Era um santo da cabeça aos sapatos ou, melhor dizendo, da cabeça às sandálias. Do berço ao túmulo, não praticou uma má ação. Era todo amor, todo bondade. E só me admira que não andasse com um passarinho em cada ombro.

Pois bem: — um dia, casou-se. Para usar uma velha imagem minha, direi que entrou por um cano deslumbrante. Já os conhecidos diziam-lhe: — "Cuidado, que um dia tua mulher te dá bola de cachorro." E, certa vez, na presença de visitas, ela o destratou de alto a baixo: — "Eu queria um marido, não um santo." E ainda completou: — "Tenho nojo de tua bondade." Em outra ocasião, a víbora explodiu: — "Arranja um defeito. Ou arranjas um defeito ou me desquite." Não foi possível. A perfeição do infeliz aumentava de 15 em 15 minutos.

Até que se separaram. E quando um inocente do Leblon perguntou à víbora se ele a maltratava, ela urrou: — "Aquela besta é um santo!" Por aí se vê, a

virtude exagerada, em vez de favorecer o amor, pode liquidá-lo. Estou farto de ver sujeitos que são amados pelos seus defeitos.

Por exemplo: — o meu caro João Saldanha. Tenho-lhe um afeto de irmão. Quebrei minhas lanças para que a CBD o escolhesse. [João] Havelange e Antônio do Passo tiveram um momento de lucidez ou mesmo de gênio, um momento digno de um Disraeli, e o chamaram. Ao ter a notícia, berrei: — "É o técnico ideal!" Um amigo meu, bem-pensante insuportável, veio me perguntar: — "Você acha que o João tem as qualidades necessárias?" Respondi: — "Não sei se tem as qualidades. Mas afirmo que tem os defeitos necessários." E, realmente, o querido Saldanha possui defeitos luminosíssimos.

Por exemplo: — é um furioso. Não acendam um fósforo perto dele que o João explode. E aí está o primeiro e maravilhoso defeito: — uma Copa do Mundo é uma selva de gângsteres. Dirão que é exagero. Exagero, uma ova. Perdão. Exagero, vírgula. Tudo é possível na Jules Rimet, menos uma boa ação. Portanto, se o João é um Tartarin ou, melhor dizendo, se cospe mais fogo do que o dragão de são Jorge, melhor para o Brasil. O técnico não precisa apenas entender de bola. Antes de mais nada, precisa ser um guerreiro.

Outro defeito: — ele fará qualquer negócio para o Brasil ser campeão do mundo e voltar com o caneco de ouro. Dirão vocês: — "Mas é feio!" Ora, ora. Desde quando o bonito ganhou a Copa? De mais a mais, só os subdesenvolvidos têm escrúpulos. O inglês é um grande povo. Na guerra, salvou o mundo com a sua resistência. Mas em 66 a Inglaterra foi de um descaro empolgante. Manipulou juízes, baixou o pau, fez horrores e ganhou. Portanto, com suas qualidades, o inglês salvou o mundo; com os seus defeitos, ganhou a taça.

Mais outro defeito do João: — doutrinou o escrete para não levar desaforo para casa. Os lorpas, os pascácios, os bovinos hão de perguntar: — "E a esportividade?" Respondo que, na Copa, a esportividade é uma piada de necrotério. Dirão que em 58 e 62 fomos bonzinhos. Mas os demais concorrentes fizeram o diabo. E nós fomos bonzinhos graças ao nosso bom subdesenvolvimento.

Mais um defeito do Saldanha: — a dionisíaca e, ao mesmo tempo, santa molecagem carioca. Foi para a Europa estudar os adversários. Mas lá não perdeu tempo. Pôs a boca no mundo: — "O futebol europeu é uma carnificina!" Disse,

ou por outra, berrou isso em todos os idiomas. Hoje, até os esquimós sabem que, na Europa, os jogadores bebem o sangue do adversário como se groselha fosse. Ora, o que o Saldanha está fazendo, de país em país, é um terrorismo bárbaro. Está coagindo os europeus, e todos os concorrentes. Se há um *foul* modesto ele espalha aos quatro ventos: — "Assassinato! Assassinato!" Já os juízes de 70 estão acuados. Não queiram saber o que o João não fará no próximo Mundial.

Ele fez a advertência mundial: — "Meu jogador não dará o primeiro tiro. Mas, se começarem, nós vamos acabar com a guerra." E os europeus, uns latagões, com uma saúde de vaca premiada, já tremem diante do João e já começam a sentir um prévio e insuportável sentimento de culpa. Creiam que, com os defeitos de "João sem medo", o Brasil ganhará a Copa.

O Globo, 5/11/1969

Ai de nós, ai de nós. Temos uma piedade frívola e relapsa. Gostamos de esquecer. Eu falei em “piedade” e gostaria de notar: — o brasileiro esquece antes da compaixão.

Um gesto de amor[53]

Amigos, eu considero um pobre-diabo o brasileiro que não esteve, sábado, no Estádio Mário Filho, vendo e vivendo a festa de Garrincha. Eu ia falar em “noite inesquecível”. Mas, bolas! Há não sei quantas “noites inesquecíveis” que não são inesquecíveis, e repito: — noites que o sujeito esquece meia hora depois.

O belo, o patético, o pungente na “noite de Garrincha” é que ninguém, de fato, a esquecerá. Somos tão cegos que não enxergamos o óbvio ululante, isto é, que ninguém faltaria, ninguém. Eu vi, sábado, no Mário Filho, sujeitos que julgava mortos e enterrados há trinta anos. Até grã-finos que não sabiam se a bola é redonda ou quadrada, até as grã-finas compareceram.

E foi quase apavorante. No dia do clássico, toda a cidade achou que tinha de estar presente. Foi o maravilhoso encontro, não combinado, com o Mané. Sábado, ninguém era mais importante na cidade. Mas como dizia eu: — somos tão cegos que só parte da massa pôde comprar entrada; era irrisório o

número de bilheterias; milhares e milhares de pessoas tiveram que pular o muro ou arrombar portões. E vi uma grã-fina fazer o que não fazia desde a primeira chupeta: — chorar!

Vejam vocês como são as coisas. Garrincha vivia por aí, mais abandonado, mais desprezado do que um cachorro atropelado. Lembro-me de um sujeito que veio me soprar ao pé da orelha: — "Vai acabar na sarjeta!" Outro fez o vaticínio não menos feroz, segundo o qual teria o fim de "O ébrio", de Vicente Celestino. Pode-se dizer que, de uma maneira geral, ninguém jamais admitiu a sua ressurreição. Cabe então a pergunta: — se todos estavam assim pressagos, por que ninguém ensaiava um gesto de amor? Sim: — por que ninguém lhe estendia a mão, por quê?

Ai de nós, ai de nós. Temos uma piedade frívola e relapsa. Gostamos de esquecer. Eu falei em "piedade" e gostaria de notar: — o brasileiro esquece antes da compaixão. Mas havia, no caso, para todos nós, um problema intolerável de consciência. Mané merecia a nossa alegre e crudelíssima indiferença? Não e nunca. Poucos homens serviram tanto o seu povo.

Em 58 e 62, a nossa felicidade dependeu de suas pernas tortas. Na véspera do jogo com a Rússia, na Suécia, cruzei com um bêbado no meio da rua. Era um crioulão plástico, lustroso, ornamental. Bêbado de morrer, chorava, profético: — "Vamos perder da Rússia! Vamos perder da Rússia!" Pranteava, na véspera, o desgosto do dia seguinte. E, pouco antes do jogo, estava eu atracado ao rádio, na redação. Virei-me para um companheiro e perguntei-lhe: — "Quem ganha?" O outro respondeu, com boquinha de nojo: — "Ganha a Rússia, porque o brasileiro não tem caráter."

Mas foi Mané que ganhou. Estreava na Copa. Quando recebeu a bola, no primeiro minuto de jogo, driblou um russo, mais outro, outro mais, como no soneto. Driblou as barbas de Rasputin, driblou as cinzas do czar e, em seguida, enfiou uma bomba na trave. O adversário se liquidou, ali, na sua primeira escapada. E, assim, fomos até a final, com Garrincha liquidando o País de Gales, a França, a Suécia.

Em 62, os Andes se prostraram diante do seu gênio. Pelé saiu no segundo jogo e não voltou mais. Garrincha ganhou sozinho o bicampeonato. E, súbito, aquele rapaz da Raiz da Serra compensou-nos de todas as nossas humilhações

pessoais e coletivas. Vocês sabem que, do nosso lábio, sempre pendeu a baba elástica e bovina da humildade. Em 58 ou 62, o mais indigente dos brasileiros pôde tecer a sua fantasia de onipotência.

E, por tudo isso, as multidões, sem que ninguém pedisse, e sem que ninguém lembrasse, as massas derrubaram os portões. E ofereceram a Mané Garrincha uma festa de amor, como não houve igual, nunca, assim na terra como no céu.

O Globo, 2/12/1968

Mas ele enxergou o óbvio ululante, ou seja: — o futebol vive de sombrias e facinorosas paixões. Durante os noventa minutos, são onze bárbaros contra onze bárbaros.

A Copa do apito[54]

Amigos, eis uma verdade inapelável: — só os subdesenvolvidos ainda se ruborizam. Ao passo que o grande povo é, antes de tudo, um cínico. Para fundar um império, um país precisa de um impudor sem nenhuma folha de parreira. Vejam a presente Jules Rimet. Nas barbas indignadas do mundo, a Inglaterra se prepara para ganhar no apito o caneco de ouro.

Vocês pensam que há algum disfarce, ou escrúpulo, ou mistério? Absolutamente. Tudo se fez e se faz com uma premeditação deslavada e na cara das vítimas. A serviço da Inglaterra, a FIFA escalou oito juízes ingleses para os jogos do Brasil. A arbitragem foi manipulada para liquidar primeiro os bicampeões e, em seguida, os outros países sul-americanos. O jogo Inglaterra x Argentina[55] foi um roubo. Uruguai x Alemanha, outro escândalo.

E nem se pense que a Inglaterra baixou a vista, escarlate de vergonha. Nada disso. Por que rubor, se ela é um grande povo e se tem, ou teve, um grande

império? Vejam o sincronismo da coisa: — um juiz alemão deu a vitória à Inglaterra contra a Argentina, um juiz inglês deu a vitória à Alemanha contra o Uruguai. No jogo Argentina x Alemanha, foi expulso um jogador argentino. Terminado o jogo, cinco jogadores sul-americanos tiveram que sair quase de maca.

Valeu tudo contra o Brasil e, sobretudo, contra Pelé. O crioulo foi caçado contra a Bulgária. Não pôde jogar contra a Hungria e só voltou contra Portugal. Nova caçada. Sofreu um tiro de meta no joelho. Verdadeira tentativa de homicídio. O juiz inglês nem piou. Silva levou um bico nas costelas. Jairzinho foi outra vítima e assim Paraná. O árbitro a tudo assistia com lívido descaro.

E nós? Que fizemos nós? Nada. No último jogo, o Brasil apanhou sem revidar. Amigos, eu sei que os nossos jogadores tiveram um preparo físico quase homicida. Antes da primeira botinada, já o craque brasileiro estava estourado. Sei também que o Brasil não teve, jamais, um time. A nossa equipe era o caos. Por outro lado, faltou-nos qualquer organização de jogo, qualquer projeto tático.

Além disso, porém, a seleção brasileira acusou um defeito indesculpável e suicida. Como se sabe, esta Copa é uma selva de pé na cara. E, no entanto, vejam vocês: — o brasileiro lá apareceu com um jogo leve, afetuoso, reverente, cerimonioso. E havia um abismo entre os dois comportamentos: nós, fazendo um futebol diáfano, incorpóreo, de sílfides; os europeus, como centauros truculentos, escouceando em todas as direções.

Ainda ontem, o sr. Barbosa Lima Sobrinho escrevia um lúcido artigo sobre a suavidade do nosso escrete. Note-se que se trata de um acadêmico, que deve ter compromissos com as boas maneiras, a polidez, o trato fino etc. etc. Mas ele enxergou o óbvio ululante, ou seja: — o futebol vive de sombrias e facinorosas paixões. Durante os noventa minutos, são onze bárbaros contra onze bárbaros.

Claro que as palavras do sr. Barbosa Lima Sobrinho são outras. Mas o sentido, se bem o entendi, é este. Portanto, não tem sentido que o Brasil vá jogar contra os bárbaros europeus com manto de arminho, sapatos de fivela ou peruca de marquês de Luís XV. Eis a verdade: — o que dá charme, apelo, dramatismo aos clássicos e às peladas é o *foul*. A poesia do futebol está no *foul*. E os jogos que fascinam o povo são os mais truculentos.

O Brasil naufragou num mar de contusões por isso mesmo: — porque sabia apanhar e não sabia reagir. O ilustre acadêmico está rigorosamente certo. Hoje, depois do pau que levamos, aprendemos que o craque brasileiro tem de ser reeducado. Digo “reeducado” no sentido de virilizar o seu jogo. Amigos, o Mário Pedrosa está fazendo um ensaio sobre o futebol. É um pensador político, um crítico de artes plásticas, homem de uma lucidez tremenda. Ora, o intelectual brasileiro que ignora o futebol é um alienado de babar na gravata. E o nosso Mário Pedrosa sabe disso e foi um dos sujeitos que sofreram na carne e na alma o fracasso da seleção. Pois espero que, no seu ensaio, inclua todo um capítulo assim titulado: — “Da necessidade de baixar o pau.”

Dito isto, vamos escolher o meu personagem da semana. Podia ser o Paraná. Eu sei que, tecnicamente, ele deixa muito a desejar. Sei. Mas, contra os portugueses, Paraná deu um pau firme e épico. Mas eu prefiro Rildo. Que grande, solitária e inexpugnável figura. No meio do jogo, era tal o seu brio que dava a sensação, por vezes, de que ia comer e beber a bola. Foi um bárbaro jogando contra bárbaros. Amigos, o argentino que deu no juiz alemão lavou a alma de todo um povo. Pois o nosso Rildo, com suas rútilas botinadas, promoveu e reabilitou o homem brasileiro.

O Globo, 25/7/1966

Para a seleção render cem por cento, ou mil por cento, precisa acreditar no Brasil. Essa é a primeira providência. Segunda: — acreditar em si mesmo. E mais: — o time nacional tem que se achar o melhor do mundo.

O time nacional tem que se achar o melhor do mundo[56]

Amigos, tenho conhecido o que os amigos chamam, com a maior naturalidade, de “a besta”. E ele tem um tal hábito de ser chamado assim que, certa vez, disca para a namorada e começa: — “Norminha? Aqui é ‘a besta’.” A própria namorada o apresentou: — “Papai, aqui é ‘a besta’.” O velho não estranhou. Achou normal ter, como genro, “uma besta”.

Dirão vocês: — “Isso é literatura!” E se o fosse, não seria demérito. Mas eu digo que esse rapaz não podia ser apontado, não como “um brasileiro”, mas como “o brasileiro”. Pois bem. Um dia, vou ver um colega em outra redação. E, lá, quem vejo eu, datilografando uma crônica sobre o escrete. Também os companheiros o chamavam de “a besta”.

“A besta” podia se considerar um brasileiro autêntico. No fundo, no fundo, somos assim. O brasileiro não acredita em si mesmo. Se o chamam de “a besta”, como tal se considera. Na minha crônica de ontem, escrevi: — “O brasileiro ou acredita em si mesmo ou cai de quatro.” Por isso, repito que o problema de Coutinho não é tático, nem técnico. É, se assim posso dizer, psicológico.

Para a seleção render cem por cento, ou mil por cento, precisa acreditar no Brasil. Essa é a primeira providência. Segunda: — acreditar em si mesmo. E mais: — o time nacional tem que se achar o melhor do mundo.

Bem sei que, em nossa época, o cronista-patriota causa um divertido horror. Quantas vezes nós, cronistas, falamos, com o maior desprezo, em patriotada. Sou um dos poucos que aceitam a patriotada com a maior satisfação. Outro dia, um cretino fundamental me chamou de patriota. E, realmente, quando se trata do time nacional, me sinto de esporas e penacho.

E, no entanto, os jogadores brasileiros já acreditaram no Brasil. Foi na minha pré-adolescência. Era o tempo de Luiz Vinhais, patriota de alto a baixo. Lembro-me de uma partida internacional que houve aqui.

Era o Brasil com não sei quem, provavelmente a Argentina. Ou seria Uruguai? Começa a batalha, e o Brasil estava jogando sem alma, sem paixão. O adversário fez um gol. Nem assim reagimos. Pouco depois, novo gol. Acabou o primeiro tempo, com o Brasil perdendo por 2 a 0. Eu, no meu canto, via aquilo como a progressão fulminante da catástrofe.

Mas, no vestiário, estava Luiz Vinhais, ventando fogo. Ergueu o gesto inspirado e apelou para o patriotismo. Era como se o escrete fosse o próprio Brasil. Abriu uma bandeira da pátria. Fez cada jogador beijar a bandeira. Um dos craques debulhou-se em lágrimas, como se dizia antigamente. E diz Luiz Vinhais, com o olhar vazando luz: — “Podem ir, porque vamos vencer.” Não deu outra coisa. Esmagamos o adversário. Cinco a dois foi o escore da nossa vitória. Os cretinos fundamentais poderão dizer: — “Ridículo.” E daí? Com um mínimo de ridículo não há herói, não há santo, não há profeta.

O Globo, 23/7/1977

E, então, aconteceu o seguinte: — resolvi fazer a defesa do Brasil e do brasileiro. Mas não imaginei, Deus me livre, que estava cutucando, com a vara de cutucar, a ira da quase totalidade dos companheiros. E, de fato, é muito difícil elogiar o Brasil no Brasil, é muito difícil elogiar o brasileiro entre brasileiros.

Tristíssimo Brasil

Amigos, o sujeito que nunca viu a nossa resenha dominical, na TV-4, não sabe o que é o Brasil, nem imagina o que seja o brasileiro. Os nossos debates e conclusões são um dado fundamental para sociólogos, historiadores e políticos. Direi mesmo que se a mesa *Facit*[57] existisse no tempo de Euclides da Cunha, este a teria preferido a Canudos. Repito: — a nossa resenha ensina mais sobre o país do que os sertões, no princípio do século.

Ainda domingo, houve uma que devia figurar, imediatamente, na Bienal. Imaginem vocês que sustentamos, há muito tempo, a seguinte tese: — o europeu é viril, mas leal; ao passo que o brasileiro é bruto e desleal. Vejam vocês que bela imagem fazemos de nós mesmos. Pois bem. E, domingo, um dos nossos convidados pôs nas nuvens o futebol europeu, a educação europeia, a polidez europeia, a correção europeia.

E, então, aconteceu o seguinte: — resolvi fazer a defesa do Brasil e do brasileiro. Mas não imaginei, Deus me livre, que estava cutucando, com a vara de cutucar, a ira da quase totalidade dos companheiros. E, de fato, é muito difícil elogiar o Brasil no Brasil, é muito difícil elogiar o brasileiro entre brasileiros.

Vencendo a minha timidez de subdesenvolvido, comecei a dizer o seguinte: — o craque brasileiro é muito mais doce, mais educado, mais cavalheiresco do que o europeu. E argumentei com o nosso comportamento exemplar nos três últimos Campeonatos Mundiais. Nas três oportunidades, o brasileiro foi inexcedível na sua conduta disciplinar. Ninguém se lembra de um *foul* desleal dos nossos. Em 58, contra a França, fomos garfados da maneira mais deslavada. Tivemos que fazer três gols para que um valesse.

O escrete patrício não se revoltou. Aceitamos tudo. A nossa paciência era humildade. Eu estava vendo a hora em que ia aparecer em cada ombro do escrete um passarinho. Em 62, a mesma coisa. O escrete evoluía em campo como um marquês de rancho, com peruca, sapatos de fivela e um manto azul com estrelas bordadas. Era pungente ver a doçura do nosso futebol, doçura que só o subdesenvolvimento explica. Note-se que, tanto em 58 como em 62, os nossos adversários andaram se comendo. O documentário alemão, de 58, apresenta cenas de uma selvajaria horripilante.

Fiz o elogio do Brasil e do brasileiro. Esperei que, na pior das hipóteses, os presentes implicassem em tão veemente apologia. Esperei que, no dia seguinte, saísse nos jornais, como na Assembleia Legislativa: “O orador foi muito cumprimentado.” Pelo contrário: — quase me comeram vivo. Lembro-me que um dos companheiros, com uma mordacidade crudelíssima, lembrou: — “Em 58, o Brasil deu um olé!”

Fiz um silêncio estarrecido. Primeiro, porque não me lembrava de nenhum olé. Segundo, porque nunca me constou que o olé fosse uma demonstração de bestialidade. Mas o colega insistia, de olho rútilo e lábio trêmulo: — déramos um olé na final de Suécia x Brasil. Confesso que não tive palavras. Sem entender mais nada, perguntava de mim para mim: — que espécie de prazer, que miserável volúpia, que satisfação demoníaca e suicida leva o brasileiro a cuspir na própria imagem como um Narciso às avessas? Por quê, meu Deus, por quê?

Volto ao que dizia no início desta crônica: — no Brasil, o sujeito não será um estadista completo se não acompanhar, domingo após domingo, a nossa resenha. Em cada parte, em cada piada, em cada opinião, o que se sente é o Brasil, esse ilustre e desventurado Brasil, tão pouco amado pelos brasileiros.

Jornal dos Sports, 18/10/1967

Agora, oficializa-se a mentalidade segundo a qual não há futebol por aqui. Somos ótimos em peteca, bola de gude, cuspe à distância, menos de bola.

A força da burrice[58]

Amigos, aprendo muito na *Grande resenha* da TV Globo. Cada noite dominical é, para mim, e há de ser para a cidade, uma luminosa e tremenda lição de vida. Mal comparando, a nossa mesa tem um formidável valor simbólico. Somos, ali, o Brasil. Não exagero e repito: — assim como o Gonçalo Mendes Ramires representava Portugal, nós representamos esta grande e comovente pátria.

Ainda ontem, soube eu de uma que considero uma página divina. Imaginem vocês que participou da *Resenha*, excepcionalmente, um colega paulista; e ele fez uma revelação maravilhosa. Em suma: — contou que um dos nossos paredros, explicando a ausência do futebol brasileiro no Pan-Americano, declarou o seguinte, dois-pontos: — "O nosso futebol não tem nenhuma chance."

Vejam vocês a força da burrice. Com uma simples e sucinta resposta, a autoridade referida explicou todo o lúgubre insucesso brasileiro na Copa de 66. Como poderíamos vencer na Inglaterra se um dos nossos dirigentes acredita, e piamente, que temos possibilidades em qualquer outra modalidade esportiva, menos

no futebol? O pobre-diabo ainda não desconfiou que somos os bicampeões do mundo; que Pelé é brasileiro; e que uma das poucas coisas que funcionam no Brasil é, precisamente, o futebol.

Ao ouvir tamanha insanidade, um colega rosnou, ao meu lado: — "Se até o futebol brasileiro não presta, vamos fechar o Brasil." Mas pergunto: — que fazer contra a burrice? Desconfio que não há reação possível. Na ignominiosa Copa, até os paralelepípedos de Boca do Mato sabiam que o Brasil precisava de um time. Não se joga futebol sem um time. Pois bem: — nas barbas indignadas de oitenta milhões de brasileiros, não se fez nada. O Brasil não teve, jamais, em momento nenhum, um mísero time.

Agora, oficializa-se a mentalidade segundo a qual não há futebol por aqui. Somos ótimos em peteca, bola de gude, cuspe à distância, menos de bola. Mas não foi só, amigos, não foi só. Em dado momento, um dos meus companheiros de canto toma a palavra e declara o seguinte: — na Copa do Mundo, Pelé foi muito bem-tratado, não sofreu nenhuma violência.

Vejam vocês e pasmem: — Pelé tratado, na Inglaterra, a pires de leite como uma gata de luxo. Portanto, o videoteipe é um vigarista; idem o cinema; idem a crônica mundial. A imagem mostra o crioulo ceifado, exterminado por trás. Cai, na primeira agressão; levanta-se, para ser derrubado outra vez. Tudo pelas costas. E vem um colega e afirma: — "Não houve nada disso. É mentira do videoteipe, do cinema, das fotografias e do próprio olho humano."

Mas justiça se faça à maioria da *Resenha*. Ao ouvir tal iniquidade, cada um de nós se levantou com a ira de um Zola. Na sua indignação cívica, companheiros subiam pelas paredes como lagartixas profissionais. Eu estava vendo a hora em que íamos, todos, cantar o Hino Nacional.

O Globo, 25/4/1967

E, por isso, eu lhes digo que A primeira missa, de Portinari, é inexata. Aqueles índios de biquine, o umbigo à mostra, não deviam estar na tela, ou por outra: — podiam estar, mas de calções, chuteiras e camisa amarela.

Futebol é paixão[59]

Amigos, falemos ainda do Brasil. O triunfo, na Suécia, em 58, foi para nós tão importante como a Primeira Missa. Começava o Brasil. Nós nos inaugurávamos. Tudo o que ficava para trás era o pré-Brasil. E basta comparar. Até 58, o brasileiro não ganhava nem cuspe à distância. O sujeito dormia enrolado na derrota como num cobertor. Ninguém acreditava no Brasil, nem o Brasil acreditava em si mesmo.

E, por isso, eu lhes digo que *A Primeira Missa*, de Portinari, é inexata. Aqueles índios de biquine, o umbigo à mostra, não deviam estar na tela, ou por outra: — podiam estar, mas de calções, chuteiras e camisa amarela. Lapso de Portinari não pôr o Feola, sem boné e contrito, com aqueles pernões monumentais e aquela barriga tão plástica. O principal papel do escrete de 58 foi o de profeta do grande Brasil.

Para quem soubesse ver nas entrelinhas da vitória, a Jules Rimet anunciava também várias coisas, inclusive — seriamente — o triunfo d'*O pagador de promessas*. Amigos, só os imbecis não percebem o parentesco de uma coisa e outra: — da Suécia e de Cannes, da Jules Rimet e da Palma de Ouro. É uma relação nítida, taxativa, e eu quase dizia: — é uma cínica relação. *O pagador* ganhou em Cannes porque o escrete ganhou na Suécia. E digo mais: — o *escrete* vai ganhar no Chile porque *O pagador* ganhou no festival.

Antes de 58, o Brasil não tiraria a Palma nem de Madureira. E o que nos dá vontade de cantar o Hino Nacional é o seguinte: — a apoteose do cinema brasileiro, amigos, do nosso humilhadíssimo cinema. Vocês estão lembrados. Um filme patrício era uma vergonha nacional, e insisto: — uma vergonha nacional só comparável à de Canudos. E o sujeito que via um dos nossos celuloides saía neurótico do cinema.

E, de repente, há o estalo rutilante. O Brasil vai a Cannes com um descaro suicida, e para perder, claro, para perder. Eu disse "descaro" e explico: — o cinema brasileiro não podia ganhar. Porque não tem tostão e vive, e sobrevive, na base da cara e da coragem. O cinema brasileiro ainda anda de taioba. E ganhamos. Há 15 minutos, não tínhamos diretores, nem artistas, nem escritores, nada. De repente, aparece tudo, aos borbotões.

É o Brasil. Há, na vida dos povos, um momento de tal euforia que os idiotas somem, os imbecis desaparecem. O próprio Anselmo Duarte. Não era nada, ou por outra: — era um canastrão chapado, um canastrão da cabeça aos sapatos. E, uma noite, Anselmo foi dormir um e acordou outro. Aí está o sortilégio do Brasil: — o canastrão da véspera pode ser o gênio do dia seguinte. Imediatamente os conhecidos, os vizinhos notaram a diferença física. Perguntavam: — "O que é que há contigo?" Para ser honesto, ele teria de responder com modéstia triunfal: — "É o gênio! O gênio!"

De fato, o gênio que venta por todo o Brasil. E é um gênio gratuito e geral, que não se apoia, ou por outra: — que se apoia na cara e coragem de cada um. O que Anselmo gastou com *O pagador* é uma vergonha. O capital empatado não dá para comprar uma sandália da Elizabeth Taylor na *Cleópatra*.

Pero Vaz de Caminha diria que, nesta terra, até os paralelepípedos dão flor, até as zebras estão florindo. E outra coisa: — outrora, o que matava o brasileiro

era o subdesenvolvimento pessoal. Sim, cada um de nós era, individualmente, um falido do sentimento, um falido da paixão, um falido da esperança. Depois de 58, o país continua subdesenvolvido, ao passo que cada brasileiro, pessoalmente, está investido de uma imensa potencialidade criadora.

Alguém dirá que o Paulo Francis continua amargo. Explica-se: — o conhecido crítico é um analfabeto obsessivo, que precisa ver analfabetos por toda a parte. Mas o próprio Paulo Francis, que não passou d'*O conde de Monte Cristo,* não escreve, não tem uma coluna? É outro milagre do Brasil. Hoje em dia, qualquer jumento nosso tem um charme de puro-sangue.

Mas estejam certos. *O pagador de promessas* é o profeta do bicampeonato.

O Globo, 25/5/1962

Editoras responsáveis
Janaína Senna
Maria Cristina Antonio Jeronimo

Produção
Adriana Torres
Ana Carla Sousa
Thalita Ramalho

Produção editorial
Rachel Rimas

Pesquisa
Pedro Krause
Tarcila Formiga

Revisão
Pedro Staite

Projeto gráfico
Celina Faria

Diagramação
Trio Studio

Notas

1 Título sugerido pela edição do livro *A pátria em chuteiras*(Companhia das Letras, 1994). A crônica foi publicada originalmente na coluna “Meu personagem da semana” sem título. (N.E.)

2 O *Canal 100*foi um cinejornal criado por Carlos Niemeyer no final da década de 1950. O informativo era apresentado antes da exibição dos filmes nos cinemas.

3 Esta crônica foi publicada originalmente na coluna “Nelson Rodrigues dá bom dia”. (N.E.)

4 Esta crônica foi publicada originalmente na coluna “Nelson Rodrigues dá bom dia”. (N.E.)

5 Esta crônica foi publicada originalmente na coluna “Nelson Rodrigues dá bom dia”. (N.E.)

6 Esta crônica foi publicada originalmente na coluna “Nelson Rodrigues dá bom dia”. (N.E.)

7 Título sugerido pela edição deste livro. A crônica foi publicada originalmente na coluna “À sombra das chuteiras imortais” sem título. (N.E.)

8 Título sugerido pela edição deste livro. A crônica foi publicada originalmente sem título. (N.E.)

9 Título sugerido pela edição deste livro. A crônica foi publicada originalmente na coluna “Meu personagem do ano” sem título. (N.E.)

10 O Sport Club Rosita Sofia foi fundado em 1941, no bairro de Cosmos, na cidade do Rio de Janeiro. O time era conhecido por perder para quase todos os adversários.

11 A Mau-Mau foi um grupo paramilitar que lutou contra o domínio britânico no Quênia. Entre 1952 e 1960, liderou uma das principais revoltas da descolonização do continente africano.

12 O Ponto de Cem Réis é como ficou conhecida a Praça Vidal de Negreiros, localizada em João Pessoa (PB).

13 Título sugerido pela edição do livro *A pátria em chuteiras*(Companhia das Letras, 1994). A crônica foi publicada originalmente na coluna “À sombra das chuteiras imortais” sem título. (N.E.)

14 Título sugerido pela edição do livro *A pátria em chuteiras*(Companhia das Letras, 1994). A crônica foi publicada originalmente na coluna “À sombra das chuteiras imortais” sem título. (N.E.)

15 Título sugerido pela edição do livro *A pátria em chuteiras*(Companhia das Letras, 1994). A crônica foi publicada originalmente na coluna “À sombra das chuteiras imortais” sem título. (N.E.)

16 *A pátria em chuteiras*(Companhia das Letras, 1994). A crônica foi publicada originalmente na coluna “À sombra das chuteiras imortais” sem título. (N.E.)

17 Sarah Bernhardt foi uma famosa atriz francesa. Nasceu em Paris, no ano de 1844, e faleceu em 1923 na mesma cidade. A atriz fez algumas apresentações no Brasil. Eleonora Duse foi uma das mais importantes atrizes italianas. Nasceu em Vigevano, em 1858, e faleceu em 1924, na cidade de Pittsburgh, Estados Unidos.

18 Título sugerido pela edição do livro *A pátria em chuteiras*(Companhia das Letras, 1994). A crônica foi publicada originalmente na coluna “À sombra das chuteiras imortais” sem título. (N.E.)

19 Título sugerido pela edição deste livro. A crônica foi publicada originalmente sem título na coluna “Meu personagem da semana”, e faz referência ao jogador Garrincha. (N.E.)

20 Campeonato Carioca, no Maracanã (9/11/1958). Botafogo 3 x 2 Flamengo. (N.E.)

21 Título sugerido pela edição do livro*À sombra das chuteiras imortais*(Companhia das Letras, 1993). A crônica foi publicada originalmente na coluna “As confissões de Nelson Rodrigues” com o título “O grande sol do escrete brasileiro”. (N.E.)

22 A *Revista do Rádio*, lançada por Anselmo Domingos, circulou de 1948 a 1970. Uma das mais famosas publicações da época, o periódico é um dos símbolos da chamada “Era do Rádio”.

23 Título sugerido pela edição deste livro. A crônica foi publicada originalmente sem título na coluna “Meu personagem da semana”, e faz referência ao jogador Almir. (N.E.)

24 Taça Cidade do Rio de Janeiro, no Maracanã (1/3/1959). Flamengo 2 x 2 Vasco. (N.E.)

25 Título sugerido pela edição deste livro. A crônica foi publicada originalmente sem título na coluna “Meu personagem da semana”, e fazia referência ao jogador Coutinho. (N.E.)

26 Torneio Rio-São Paulo, no Pacaembu (17/5/1959). Santos 3 x 0 Vasco. (N.E.)

27 Forma aportuguesada da palavra inglesa *keeper*, que significa goleiro.

28 Título sugerido pela edição deste livro. A crônica foi publicada originalmente sem título na coluna “Meu personagem da semana”, e fazia referência ao jogador Barbosa. (N.E.)

29 Título sugerido pela edição deste livro. A crônica foi publicada originalmente sem título na coluna “Meu personagem da semana”, e faz referência ao jogador Julinho. (N.E.)

30 Amistoso no Maracanã (13/5/1958). Brasil 2 x 0 Inglaterra. (N.E.)

31 Título sugerido pela edição do livro *Brasil em campo*(Nova Fronteira, 2012). A crônica foi publicada originalmente na coluna “Meu personagem da semana” sem título. (N.E.)

32 Final da Copa do Mundo de 1950, no Maracanã (16/7/1950). O Brasil, que entrara em campo com a vantagem do empate, perdeu por 2 x 1. Gols de Schiaffino e Ghiggia. Friaça marcou para o Brasil. (N.E.)

33 Título sugerido pela edição do livro *Brasil em campo*(Nova Fronteira, 2012). A crônica foi publicada originalmente na coluna “Meu personagem da semana” sem título. (N.E.)

34

Título sugerido pela edição do livro *À sombra das chuteiras imortais*(Companhia das Letras, 1993). A crônica foi publicada originalmente na coluna “Meu personagem da semana” sem título. (N.E.)

35 Santos 5 x 3 América, 25/2/1958, no Maracanã, pelo Torneio Rio-São Paulo. Foi a primeira crônica de Nelson sobre Pelé — e a primeira em que o jogador foi chamado de “rei”. (N.E.)

36 Título sugerido pela edição do livro *À sombra das chuteiras imortais*(Companhia das Letras, 1993). A crônica foi publicada originalmente na coluna “Meu personagem da semana” sem título. (N.E.)

37 Título sugerido pela edição do livro *À sombra das chuteiras imortais*(Companhia das Letras, 1993). A crônica foi publicada originalmente na coluna “À sombra das chuteiras imortais” sem título. (N.E.)

38 Palavra em inglês para “falta”.

39 Nelson refere-se a Suécia 3 x 1 Alemanha (24/6/1958) e Brasil 5 x 2 França (25/6/1958), ambos em Gotemburgo. O outro jogo, retratado na página seguinte, foi Brasil 2 x 0 Alemanha, 6/6/1965, no Maracanã, em que Pelé quebrou a perna do alemão Giessmann. (N.E.)

40 Esta crônica foi publicada originalmente na coluna “As confissões de Nelson Rodrigues”. (N.E.)

41 Esta crônica foi publicada originalmente na coluna “As confissões de Nelson Rodrigues”. (N.E.)

42 Brasil 0 x 0 Bulgária, 26/4/1970, no Morumbi. Brasil 1 x 0 Áustria, 29/4/1970, no Estádio Mário Filho. Últimos amistosos antes do embarque para a Copa do México. (N.E.)

43 Apelido de Hans Henningsen, jornalista espanhol e companheiro de Nelson Rodrigues na mesa-redonda *Grande resenha Facit*, da TV Globo.

44 Título sugerido pela edição do livro *À sombra das chuteiras imortais*(Companhia das Letras, 1993). A crônica foi publicada originalmente na coluna “À sombra das chuteiras imortais” sem título. (N.E.)

45 Brasil 4 x 1 Tchecoslováquia, 3/6/1970, em Guadalajara. Estreia do Brasil na Copa do México. (N.E.)

46 Título sugerido pela edição do livro *À sombra das chuteiras imortais*(Companhia das Letras, 1993). A crônica foi publicada originalmente na coluna “As confissões de Nelson Rodrigues” com o título “O grande inimigo do escrete: o ‘entendido’”. (N.E.)

47 Brasil 1 x 0 Inglaterra, 7/6/1970, em Guadalajara. Segundo jogo da primeira fase da Copa do México. (N.E.)

48 Título sugerido pela edição do livro *À sombra das chuteiras imortais*(Companhia das Letras, 1993). Esta crônica foi publicada originalmente na coluna “As confissões de Nelson Rodrigues” com o título “O mais belo futebol da Terra é o do Brasil”. (N.E.)

49 Brasil 3 x 1 Uruguai, 17/6/1970, em Guadalajara, pelas semifinais. Na página seguinte, Alemanha 3 x 2 Inglaterra, 14/6/1970, pelas quartas de final. (N.E.)

50 Título sugerido pela edição do livro *À sombra das chuteiras imortais*(Companhia das Letras, 1993). A crônica foi publicada originalmente na coluna “Meu personagem da semana” sem título. (N.E.)

51 Brasil 4 x 1 Itália, 21/6/1970, na Cidade do México. Brasil tricampeão mundial. (N.E.)

52 Título sugerido pela edição do livro *À sombra das chuteiras imortais*(Companhia das Letras, 1993). A crônica foi publicada originalmente na coluna “À sombra das chuteiras imortais” sem título. (N.E.)

53 Título sugerido pela edição do livro *À sombra das chuteiras imortais*(Companhia das Letras, 1993). A crônica foi publicada originalmente na coluna “Meu personagem da semana” sem título. (N.E.)

54 Título sugerido pela edição do livro *À sombra das chuteiras imortais*(Companhia das Letras, 1993). A crônica foi publicada originalmente na coluna “Meu personagem da semana” sem título. (N.E.)

55 Nelson refere-se aos jogos Inglaterra 1 x 0 Argentina e Alemanha 4 x 0 Uruguai, pelas quartas de final. (N.E.)

56 Título sugerido pela edição do livro *Brasil em campo* (Nova Fronteira, 2012). A crônica foi publicada originalmente sem título. (N.E.)

57 *Grande resenha Facit*foi uma famosa mesa-redonda da TV Globo; era formada por Nelson Rodrigues, Armando Nogueira, João Saldanha e outros grandes nomes. O programa discutia, principalmente, o desempenho dos times cariocas.

58 Título sugerido pela edição do livro *Brasil em campo*(Nova Fronteira, 2012). A crônica foi publicada originalmente na coluna “À sombra das chuteiras imortais” sem título. (N.E.)

59 Título sugerido pela edição do livro *Brasil em campo*(Nova Fronteira, 2012). A crônica foi publicada originalmente na coluna “Futebol é paixão” sem título. (N.E.)